



Inês Cristina Paulos Gonçalves

BARREIRAS DA CARREIRA EM
UNIVERSITÁRIOS COM INCAPACIDADE

A EXPRESSÃO DE UM SONHO

UE
172
856



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

NA EXPRESSÃO DE UM SONHO
BARREIRAS DA CARREIRA EM
UNIVERSITÁRIOS COM INCAPACIDADE

Inês Cristina Paulos Gonçalves

Orientação: Prof. Doutor Paulo Miguel da Silva
Cardoso

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: Psicologia da Educação

Évora | 2010



172 856

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Paulo Miguel da Silva Cardoso, pela prontidão, disponibilidade, encorajamento, conhecimento e espírito científico com que me orientou na realização desta dissertação.

À Doutora Maria João Velez, pela ajuda na recolha da amostra e pela disponibilidade demonstrada.

À professora Quinita pelo apoio na edição de texto.

À Mariana Pinheiro, pela ajuda com o Inglês e paciência demonstrada.

Aos participantes por tornarem possível este estudo, pela sua colaboração.

À Joana, por ter sido um dos apoios fundamentais nesta fase da minha vida, por nunca ter deixado de acreditar que seria capaz.

A todos os meus amigos pelas sugestões dadas, pela tolerância, pelo encorajamento prestado e por terem acreditado na minha capacidade.

A todos os que acreditaram na minha capacidade para realizar este trabalho e também aqueles que não acreditaram, o meu muito obrigado.

À minha família em geral, em particular às “minhas” Marias pelo apoio prestado e por acreditarem no meu esforço e capacidade.

Aos meus pais e ao meu irmão a quem dedico este trabalho, por tomarem possível a sua realização e pela compreensão demonstrada.

“Na expressão de um sonho” Barreiras da carreira em universitários com incapacidade

Resumo

Este estudo teve como objectivo analisar a percepção de barreiras ao desenvolvimento da carreira num grupo de estudantes Universitários portadores de incapacidade. Participaram 19 estudantes de 3 estabelecimentos de Ensino Superior, com idades compreendidas entre os 19 e os 45 anos. Responderam a uma entrevista semi-estruturada que avaliava a percepção de barreiras e de sistemas de apoio ao seu desenvolvimento da carreira no passado, no presente e no futuro. Os resultados obtidos evidenciam dimensões de estabilidade e de mudança na percepção de barreiras: as persistentes nos três momentos avaliativos e as específicas a esses momentos. Também revelam que as pessoas significativas e as ajudas pedagógicas são os tipos de apoio ao desenvolvimento da carreira mais referidos. Os resultados são discutidos quanto às suas implicações para a prática e às perspectivas que abrem à investigação do desenvolvimento da carreira desta população.

Palavras-chave: Percepção de Barreiras da Carreira, Incapacidade, Sistemas de Apoio

“A dream’s epression”: Career’s barriers in disabled university students

Abstract

The aim of this study is to examine barriers perception to career development in a group of disabled university students. Nineteen students of three institutions of colleges participated, aged between nineteen and forty five years. they responded to a semi-structured interview that appraised support systems and barriers perception to their career development in past, present and future. The results show barriers perception’s change and stability dimensions: the persistent in the three analised moments and those specific to these moments. It also reveals that the most said career development’s types of support are significant persons and pedagogical aids. The results are discussed regarding their implications for practice and prospects that open for research career development of this population.

Key words: Career’s barriers perception; disability; support systems

ÍNDICE

Parte teórica

Introdução.....	1
Capítulo I: Deficiência ou incapacidade	
1.1 Classificação dos conceitos deficiência e incapacidade.....	7
1.2 População com incapacidade em Portugal.....	11
Capítulo II: O desenvolvimento da carreira	
2.1 Contributo da teoria de Donald Super.....	13
2.1.1 A teoria ciclo de vida/espço de vida.....	14
2.2 O Contributo da teoria Sócio Cognitiva.....	18
2.3 Desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade uma visão geral	21
Capítulo III: Barreiras da carreira em pessoas portadoras de incapacidade	
3.1 O conceito de barreiras da carreira.....	24
3.2 A importância dos Sistemas de apoio, como forma de transpor a percepção de barreiras da carreira.....	27
3.3 A importância do trabalho como um apoio central ao desenvolvimento pessoal e da carreira.....	29

Parte empírica

Capítulo IV - Estudo Piloto – Desenvolvimento de entrevista semi-estruturada sobre percepção de barreiras em pessoas portadoras de incapacidade

4.1 Estudo Piloto.....	33
4.1.1 Desenvolvimento da Entrevista.....	33
4.1.2 Participantes.....	36
4.1.3 Procedimento.....	36
4.1.4 Registo das entrevistas.....	37
4.1.5 Análise e resultados das entrevistas.....	37
5. Estudo Principal – Percepção de barreiras da carreira em estudantes portugueses do ensino superior.....	38
5.1 Participantes.....	38
5.1.1 Instrumentos.....	39
5.1.2 Procedimentos.....	40
5.1.3 Registo das entrevistas e transcrição.....	41
5.1.4 Metodologia de análise das entrevistas.....	42
5.1.5 A análise das entrevistas.....	47
5.2 Análise e Discussão dos Resultados.....	52
5.2.1 Barreiras da Carreira no Passado.....	52
5.2.2 Barreiras da carreira no Presente.....	64
5.2.3 Barreiras da carreira no Futuro.....	74

5.2.4 Cruzamento de dados relativamente às barreiras (Uma visão desenvolvimentista das barreiras da carreira).....	82
5.2.5 Diferenças entre as incapacidades e as representações que têm das barreiras à sua carreira.....	89
5.2.6 Apoios identificados pelos participantes.....	91
5.3 Reflexões/Propostas	98
5.4 Limitações do estudo.....	100
5.5 Conclusões	101
Referências bibliográficas.....	103
Anexos	I
Anexo I – Convite de participação em estudo piloto.....	II
Anexo II- Entrevistas de Estudo piloto.....	III
Anexo III- Entrevistas de Estudo Principal.....	XVIII
Anexo IV- Categorias e Sub-categorias para cada dimensão temporal.....	LXXXIV

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – População Portuguesa com incapacidade por níveis de ensino12

Figura 2- Modelo do Arco-Íris da carreira14

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Síntese dos dados qualitativos Passado.....	53
Tabela 2- Dados quantitativos Passado.....	57
Tabela 3- Síntese dos dados qualitativos Presente.....	65
Tabela 4- Dados quantitativos Presente.....	68
Tabela 5- Síntese dos dados qualitativos Futuro.....	74
Tabela 6- Dados quantitativos Futuro.....	76
Tabela 7- Dados quantitativa dos sistemas de apoio.....	91
Tabela 8- Dados quantitativos dos sistemas de apoio.....	93

Tema: Percepção de Barreiras da Carreira em Estudantes Universitários Portadores de Incapacidade

I - Introdução

O direito à educação é conhecido como um direito universal.

Em 1948 a Declaração Universal dos Direitos do Homem publicada pela ONU, elege no Artigo 26º o direito à educação no ensino superior para todos.

Toda a pessoa tem direito à educação (..) o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. (Artigo 26.º nº1)

Em todos os graus de ensino tem havido entrada de alunos com incapacidade, (resultado da democratização e do movimento de educação inclusiva, que já vinha a dar condições para que estes alunos pudessem ser integrados).

Os estudantes Universitários com incapacidade têm feito grandes progressos, contudo, a transição da escola para a faculdade e da faculdade para o trabalho tem sido muito difícil (Conyers & Szymanski, 1998). Os momentos de transição envolvem novas adaptações o que, por vezes, se revela difícil para a população em estudo. Os estigmas sociais são verdadeiros entraves à integração social dos estudantes em causa.

No Ensino Superior tem-se constatado que o número de alunos com incapacidade, ao abrigo do contingente especial, tem vindo a aumentar. Adoptando como referência o número de candidatos ao Ensino Superior colocados através do referido contingente, na 1.ª fase do concurso nacional, verifica-se que o mesmo subiu de 187 para 207, nos anos lectivos de 2003/2004 para 2004/2005. (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006). A presença de alunos portadores de incapacidade nas Universidades é ainda considerada minoritária. Há alunos que não conseguem chegar a este nível de ensino e há outros que o não conseguem concluir. Estudos realizados noutros países, demonstram que os alunos portadores de incapacidade, apresentam uma taxa elevada de desistência neste nível de ensino (Fernandes & Almeida, 2007). Em Portugal, são escassos os dados concretos sobre esta população.

Os estudantes que mais frequentam este nível de ensino são alunos portadores de incapacidade visual e motora (Fernandes & Almeida, 2007). A população deste estudo comporta outros tipos de incapacidade para além da tendência apontada por estes autores.

Segundo Ferrari & Sekkel, (2007, p. 643) "*ainda é escassa a produção de pesquisas bem como a implantação de políticas para a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior*" dado se tratar de uma população ainda minoritária neste nível de ensino. É pertinente investigar as condições em que esta integração se faz. Neste sentido, o estudo sobre percepção de barreiras da carreira e sobre os apoios que estes alunos têm no Ensino Superior, podem contribuir para a fundação de novas políticas visando uma intervenção promotora de igualdade de oportunidades. Podem também alertar para a necessidade dos profissionais, terem em conta no seu processo de Orientação Vocacional e Profissional a percepção de barreiras que os seus clientes com incapacidade podem ter ao desenvolvimento das suas carreiras.

Em algumas Universidades públicas já existem alguns apoios, nomeadamente já se encontram a funcionar gabinetes de apoio aos estudantes com incapacidade, mas o seu número é manifestamente insuficiente, chegando a ser inexistente nas instituições de Ensino Superior privadas (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006). A chegada destes alunos ao ensino superior pressupõe que existam mecanismos de apoio que possam fazer a integração e que consigam colmatar algumas das necessidade educativas que estes alunos possuem. Este aspecto já é existente é tido em conta em outros níveis educativos. Está subjacente o sentido de igualdade de oportunidades, conceito este que, significa o processo pelo qual os diversos sistemas da sociedade e o meio envolvente, se tornam acessíveis a todos e, em especial, às pessoas com incapacidade (Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência, 1995).

A igualdade de oportunidades é um ponto necessário ao longo do desenvolvimento da carreira destas pessoas.

É de primordial importância que o ingresso destes alunos neste nível de ensino e a sua integração no mundo do trabalho sejam feitas em boas condições. As populações consideradas minoritárias têm enfrentado várias discriminações injustas no que toca ao emprego e as pessoas com incapacidade não são excepção (Jones, 1997). Neste sentido, parece que a aquisição de um grau académico superior, não se

torna prevalente aos estereótipos que se encontram associados às pessoas com incapacidade.

A educação Universitária é importante para todos. Permite atingir metas pessoais, competir no mercado de trabalho e contribuir para a independência e segurança financeira (Fichten, 1998). Sendo esta um direito para todos, este estudo exploratório pretende caracterizar e perceber qual a percepção de barreiras que esta população sente para o desenvolvimento dos seus projectos futuros. Nesta base, procuramos ter uma visão mais abrangente do problema investigando o passado, presente e futuro.

Para efeitos desta investigação, foram considerados os alunos portadores de incapacidade sensorial (visual e auditiva), portadores de deficiência motora, multi-deficiência e paralisia-cerebral.

A presença de pessoas com incapacidade no Ensino Superior torna-se assim um novo desafio pois vem levantar algumas questões relativas ao seu percurso como estudantes e à sua transição para o mundo do trabalho. *“Career guidance for persons with disabilities is an interesting and important field of study for a number of reasons”*. (Soresi, Nota, Ferrari & Solberg, 2008, p. 413).

Depreende-se assim que os objectivos desta tese de mestrado são:

- a) Identificar Barreiras da Carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade;
- b) Identificar sistemas de apoio ao desenvolvimento da carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade;
- c) Estudar diferenças entre tipos de incapacidade quanto às percepções que têm das barreiras ao seu desenvolvimento de carreira.

O trabalho que se segue, é o desenvolvimento de um estudo que procurou uma compreensão da percepção de barreiras da carreira que podem estar presentes ao longo do desenvolvimento profissional e dos apoios que estes percebem, baseado numa metodologia de investigação qualitativa e descritiva. Estas *“pesquisas qualitativas não atendem a um foco central, definido em forma de hipóteses, mas seguem as necessidades e demandas que se criam no processo de conhecimento e levam a construções teóricas cada vez mais abrangentes para construir interacções e configurações do assunto estudado”* (Rey, 2000, p. 111).

Neste sentido, optou-se por uma metodologia qualitativa, procurando ir de encontro à realidade da população estudada, procurando as experiências vividas por cada participante.

Este trabalho desenvolve-se nos seguintes capítulos:

- O Capítulo I, que se intitula **Deficiência ou incapacidade**, onde se procura perceber as diferenças entre esses dois conceitos, procurando-se obter um conceito mais abrangente, funcional e não pejorativo que caracterize a população estudada. Ainda neste capítulo, procura-se dar uma breve ideia sobre a população com incapacidade em Portugal que se encontra a frequentar o ensino superior.
- O Capítulo II, denomina-se **Desenvolvimento da carreira** e procura dar uma visão alargada do desenvolvimento da carreira, focando-se numa abordagem desenvolvimentista. Procurando no final ir de encontro às especificidades da população com incapacidade, procurando assim fazer uma pequena abordagem ao desenvolvimento da carreira em pessoas com incapacidade.
- O Capítulo III, que tem como título **Barreiras da carreira em pessoas portadoras de incapacidade**, procura fazer um esclarecimento do que é o conceito de barreiras da carreira e das variáveis que podem estar associadas a este conceito. Depois foca também os sistemas de apoio, e de que forma os sistemas de apoio podem ajudar a ultrapassar algumas barreiras da carreira. Este capítulo termina com a importância do trabalho como um sistema de apoio central no desenvolvimento das carreiras profissionais, dando primeiramente um enfoque geral e procurando depois abordar o tema do trabalho na população com incapacidade.
- O Capítulo IV corresponde à parte **empírica** deste trabalho, onde são apresentadas as diferentes fases nas quais esta investigação foi desenvolvida. Comporta também as propostas que surgem deste estudo para a prática, as limitações e as conclusões a que se chegou.

Os alunos portadores de incapacidade que conseguem ingressar no Ensino Superior, já são triunfantes, pois esta entrada tem subjacente um ultrapassar de várias vicissitudes pessoais e sociais. Baseado nesta crença, considero importante perceber

como esse percurso se continua a desenrolar neste nível de ensino e que barreiras à progressão da sua carreira estes vão percepcionando. Por outro lado, acredito que apesar de estarmos perante uma população minoritária, esta possui igualdade de direitos à educação. Este é um aspecto que não pode ser esquecido, pois se existem esforços em outros níveis de ensino para que estes alunos consigam progredir nas suas carreiras profissionais. Não podemos deixar de olhar para a continuidade desse percurso. Estaríamos assim a negligenciar os frutos do próprio esforço educativo, que pretende ser promotor de igualdades.

Desta forma, encaro que o estudo aqui presente pode servir para alertar sobre as necessidades desta população e levar a uma reflexão sobre o percurso académico e profissional destes alunos.

Não existe melhor forma de perceber as necessidades do outro, que não seja a ouvi-lo a ele mesmo, pressuposto usado neste estudo.

PARTE TEÓRICA

Capítulos I - Deficiência ou incapacidade

Neste primeiro capítulo pretende-se dar uma visão do conceito de e de incapacidade, procurando chegar a um consenso, qual dos conceito mais se adequa a este estudo e à visão do mesmo. Também procuro apresentar alguns dados, indicadores de como é a distribuição destes alunos por nível de ensino em Portugal, como já foi referido, os dados existentes sobre esta população são muito escassos.

1.1 Classificação dos conceitos deficiência e incapacidade

Abordar as barreiras da carreira na população portadora de deficiência ou incapacitada, implica definir o conceito de deficiência e perceber a possível evolução que este conceito tem sofrido ao longo do tempo, uma vez que, as barreiras podem mudar em função da deficiência ou incapacidade.

Existe alguma complexidade na definição do conceito de deficiência. Segundo Mashaw e Reno (1996 cit. por Burkhauser & Houtenville, 2003) a adequação de qualquer definição de deficiência depende da finalidade para a qual é utilizada. Para estes autores, existem mais de vinte definições de deficiência, utilizadas como base para diferentes propostas e para diferentes enquadramentos. Estas definições variadas demonstram que a deficiência é uma construção social, enraizada na vida cultural, social, política, jurídica e económica dos países.

Existem várias tentativas de definir, descrever e qualificar as diferentes deficiências. Os modelos mais usados para definir a deficiência são os “modelos médicos” e os “modelos sociais”.

Quando existe um foco médico, a deficiência é geralmente concebida como um problema da pessoa, como consequência de uma doença, existindo uma óptica individual do problema. Este modelo pressupõe que seja o indivíduo a adaptar-se ao meio onde está inserido. Esta perspectiva da deficiência, fez com que ao longo do tempo houvesse uma política de deficiência/incompetência. Esta visão tradicional e determinante foi criando uma imagem social e profissional que tende a ser desvalorizante. No seguimento desta lógica muito individualizada do sujeito com deficiência, foram criadas várias instituições especiais que visavam a educação e o trabalho destas pessoas. São conhecidos os efeitos segregadores que esta perspectiva médica tende a produzir, principalmente em algumas esferas da vida e dos percursos individuais, tanto a nível educativo como profissional (Gabinete da

Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006).

Na perspectiva médica, “*deficiência representa qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica*” (Secretariado Nacional de Reabilitação, 1995a p.35). No mesmo sentido vai a proposta de definição mais citada na literatura do seguinte autor, que define deficiência como “*a condition of impairment, physical or mental, having an objective aspect*” Hamilton (1950, p.17 cit. por Brodwin, Parker & DeLaGarza, 2003 p.202).

A partir dos anos 80, em Portugal, começaram a emergir novos quadros conceptuais que fazem parte dos “modelos sociais”, onde é valorizado o papel do meio ambiente como um dos factores que pode levar à incapacidade e como possível causador de barreiras, físicas e sociais. A ideia de incapacidade não é apenas pertencente há pessoa mas encontra-se envolta num ambiente complexo de influências. Esta incapacidade vem alertar para a existência de igualdade de oportunidades e de uma sociedade onde deve prevalecer o cumprimento dos direitos Humanos. Deste ponto vem a necessidade do conceito de inclusão social.

Podemos encontrar várias tentativas de classificar as deficiências, as que consideram mais uma vertente médica, da qual é exemplo o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV). E por outro lado a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que por sua vez está ligada aos componentes de saúde. O conceito de saúde presente nesta classificação é tido como bastante abrangente, porque envolve diferentes sectores de vida, relacionando-os com factores de bem-estar nomeadamente a educação e o trabalho. O objectivo central desta classificação prende-se com a criação de uma linguagem unificada e padronizada, uma estrutura de trabalho para a descrição da saúde e de alguns estados ligados à saúde (CIF, 2004).

Esta, encontra-se bastante ligada ao termo de funcionalidade, pois está presente em todos os domínios da classificação. Por sua vez, o termo incapacidade está relacionado com as deficiências e limitações na realização de actividades. O termo incapacidade representa assim os aspectos negativos relacionados com a interacção entre o indivíduo, as suas condições de saúde e factores contextuais. Os factores contextuais envolvem assim parâmetros ambientais e pessoais. No ponto oposto encontramos o conceito de funcionalidade que corresponde aos aspectos positivos da interacção do indivíduo com os factores contextuais. (Felgueiras, 2009)

A CIF organiza-se segundo duas partes, cada uma composta por dois componentes:

- a) Funcionalidade e incapacidade (funções do corpo e estrutura do corpo; actividades e participação).
- b) Factores contextuais (factores ambientais, factores pessoais).

Os factores ambientes, devem ser tidos em conta uma vez que estes agentes podem ter influência sobre a funcionalidade e incapacidade nomeadamente sobre as actividades e participação das pessoas em sociedade. No ambiente podem ser encontrados alguns obstáculos tanto físicos como atitudinais os quais, podem constituir barreiras ou facilitadores para a progressão da carreira destas pessoas. *“A introdução da classificação dos factores ambientais, quer em termos de barreiras como de elementos facilitadores da participação social, assumem um papel relevante, dado que é premissa fundamental deste modelo o reconhecimento da influência do meio ambiente, como elemento facilitador ou como barreira, no desenvolvimento da funcionalidade e participação da pessoa com incapacidade”* (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006, p.16).

É importante salientar que a CIF não classifica pessoas, mas descreve a situação de uma pessoa dentro de uma gama de domínios ligados à saúde, interligando com os factores ambientais e pessoais onde essa pessoa está incluída, dando assim uma percepção mais abrangente do indivíduo. O enfatizar desta classificação prende-se com as suas concepções e considerações na avaliação das deficiências e com a introdução da dicotomia, funcionalidade/ incapacidade. Parece importante neste estudo, uma vez que pretendemos perceber que barreiras estes alunos percebem e que podem dificultar a sua funcionalidade e os movimentos necessários para o seu desenvolvimento da sua carreira.

Segundo a CIF (2004, p.14) *“deficiências são problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda”*, contudo o termo deficiência não tem subjacente o papel importante que o meio ambiente pode ter, dando assim uma conotação meramente biológica e muito próxima do modelo médico anteriormente mencionado. Neste sentido *“todos os esforços deverão ser empreendidos a diferentes níveis para a adopção do termo incapacidade, enquanto termo genérico que engloba os diferentes níveis de limitações funcionais relacionados com a pessoa e o seu meio ambiente, para referir o estatuto funcional da pessoa expressando os aspectos negativos da interacção entre um indivíduo com problemas*

de saúde e o seu meio físico e social" (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006, p.22)

Neste sentido, consideramos neste estudo o conceito incapacidade como uma forma de representar as particularidades da população aqui estudada, uma vez que este conceito se apresenta muito mais abrangente que o conceito de deficiência e não se denota tão pejorativo. Por outro lado, a sua abrangência permite perceber como o meio pode ter influência sobre as próprias condições que esta população apresenta, acentuando assim as suas incapacidades. O estudo da percepção de barreiras na carreira, poderá indicar de que forma o meio exterior o meio social podem contribuir para o desenvolvimento de barreiras à progressão da carreira. As barreiras existentes poderão ser entendidas como potenciais factores de exclusão social, podendo negar-lhes o direito e o acesso à participação nos mais variados meios e conteúdos existentes na sociedade Portuguesa.

A incapacidade pode variar em gravidade, tipos de limitações, idade em que surge. Estes aspectos podem afectar o ajustamento social e criar estigmas sobre as habilidades da pessoa com incapacidade. Um indivíduo que possua uma incapacidade desde o nascimento, pode desenvolver melhores estratégias para enfrentar os obstáculos que lhes vão surgindo. Mas, também podem desenvolver ao longo da sua vida, uma motivação e um comportamento limitante, resultado das suas experiências precoces (Jones, 1997). Por sua vez, quando a incapacidade é adquirida na vida adulta, podem existir mais dificuldades para desenvolver estratégias que lhes permitam lidar com as suas incapacidades.

Outro aspecto que também se denota nesta área é o facto de diferentes incapacidades comportarem diferentes limitações, o que implica que o esforço para realizar determinadas tarefas, seja diferente. Na população estudada pode haver um leque vasto de barreiras à progressão da sua carreira, podendo este facto estar, em parte, relacionado com as incapacidades que possuem. Existe a possibilidade das diferentes limitações poderem afectar a capacidade do indivíduo para avançar na sua carreira, (Jones, 1997) "aspecto este que de uma forma bastante sintética também nos encontramos a tentar verificar."

Para uma melhor percepção da população deste estudo, importa agora perceber qual a dimensão desta população em Portugal e como esta se comporta em termos de níveis de ensino, aspecto este que procuramos demonstrar no ponto seguinte.

1.2-População com incapacidade em Portugal

Revela-se importante perceber a dimensão desta população em Portugal, de forma a conseguir ter uma perspectiva da dimensão de alunos que conseguem ingressar no Ensino Superior.

Estudos realizados com INIDD (Inquérito Nacional às Incapacidades, Deficiências e Desvantagens) em 1994 e com o Censo (Recenseamento Geral da População) em 2001, tentam mostrar a percentagem de população portadora de incapacidade em Portugal. Segundo o Censo 2001, na faixa etária dos 16 aos 24 a população total é de 1.352.106 e a população com incapacidade é de 47.886, correspondendo a uma taxa de 3,54 % da população. Na faixa etária dos 25 aos 54 o total da população é de 4.396.336 enquanto a população portadora de incapacidade corresponde a 228.687, correspondendo a uma taxa de 5,2 %.

Os dados do INIDD são um pouco diferentes, dadas as características do instrumento utilizado, a população com incapacidade apresenta-se assim na faixa etária dos 16 aos 24 de 3,7 % da população total enquanto para a faixa etária dos 24 aos 54 anos a percentagem é de 6,41%. Estes estudos apresentam dados para outras faixas etárias mas optou-se só por considerar estas faixas etárias uma vez que correspondem ao intervalo de idades representado no presente estudo. Não foi possível encontrar dados mais recentes uma vez que os Censos só serão novamente efectuados em 2011, não havendo ainda uma actualização dos dados apresentados.

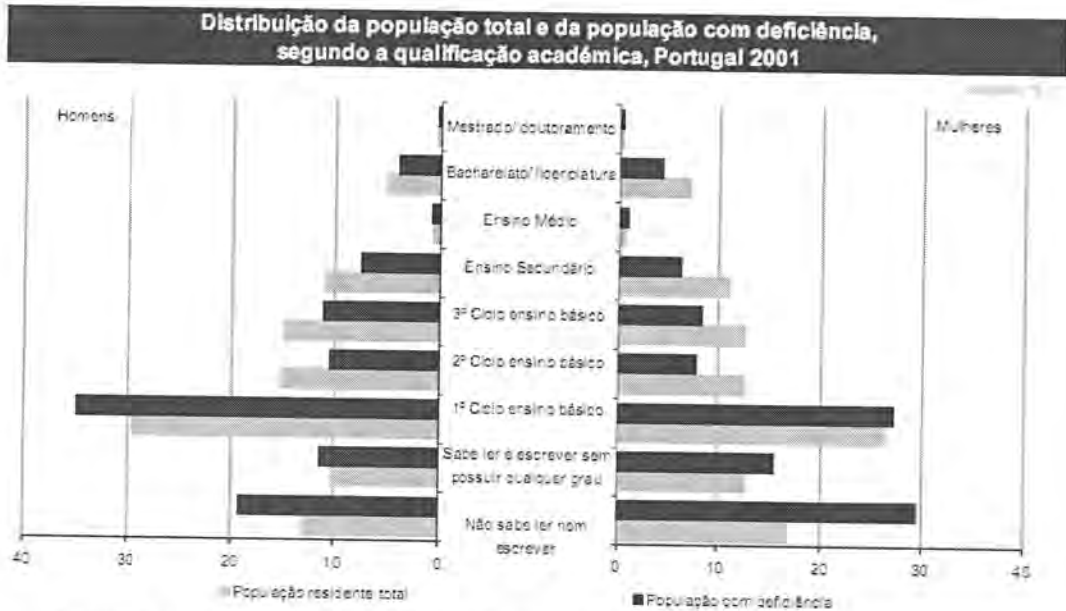
Dada a percentagem de população com incapacidade em Portugal, procurou-se também perceber qual a sua distribuição pelos diferentes níveis de ensino nomeadamente no Ensino Superior, contudo existem poucos dados que caracterizem a incidência destes alunos neste nível de ensino. Não existindo muito dados disponíveis sobre se tem ocorrido uma evolução no seu ingresso, nem quantas pessoas ingressam por ano nestes estabelecimentos.

Sabe-se que o número de pessoas com incapacidade no Ensino Superior pode não ser um número oficial uma vez que, alguns alunos, optam por não divulgar a incapacidade junto dos serviços académicos dos seus estabelecimentos de ensino (Fernandes & Almeida, 2007).

Segundo dados do INE de 2001 37% da população portadora de deficiência ou incapacidade não sabia ler nem escrever (*figura 1*).

Figura: 1

População Portuguesa com incapacidade por níveis de ensino



Fonte: INE, Recenseamento Geral da população 2001

"A distribuição da população segundo o nível de ensino completo, ou seja, considerando apenas os indivíduos que concluíram com aproveitamento um determinado nível e já não se encontram a estudar, permite confirmar que o 1º ciclo do ensino básico era o nível mais importante entre esta população" (Gonçalves, 2001 p. 80). A população com incapacidade que consegue ingressar no ensino superior apresenta-se bastante reduzida, facto este que pode ser verificado na figura 1.

Neste sentido, de encontro ao que já vem sendo referido, estamos perante uma população considerada minoritária no Ensino superior.

Seguidamente, procuro fazer uma abordagem a alguns fundamentos teóricos, que podem ajudar na compreensão dos processo de desenvolvimento da carreira em geral. Estes fundamentos poderão ajudar a contextualizar a percepção de barreiras da carreira que pode estar presente nesta população em estudo.

Capítulo II - O desenvolvimento da Carreira

Neste capítulo procura-se dar uma visão do desenvolvimento da carreira e de algumas compreensões teóricas que se encontram ligadas a esta temática. Poderão ser um aspecto importante para a compreensão do desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade.

2.1 Contributo da teoria de Donald Super

As primeiras teorias sobre desenvolvimento da carreira surgiram no início do séc. XX. Estas teorias iniciais tinham como objectivo adequar as características dos indivíduos, às características da função a desempenhar num dado local. Estávamos assim perante a concepção da Teoria de Traço Factor, onde a centralidade era dada às aptidões, aos interesses e às características da profissão de modo a permitir chegar ao ajustamento das características pessoais com as da profissão. Esta concepção apresenta uma visão muito limitada das escolhas da carreira, pois considerava-as como pontuais e não consideravam a dinâmica do desenvolvimento pessoal.

A partir da década de 1950, ocorre uma alteração no enfoque das teorias sobre o comportamento vocacional. As escolhas vocacionais passam a considerar mais que a comparação entre as características pessoais e as características das profissões, para ser concebidas como um processo que ocorre ao longo do ciclo de vida, mediado pelos vários contextos sociais em que a pessoa se move. Esta ruptura deve-se, fundamentalmente à perspectiva ciclo de vida/ espaço de vida de Super (1957, 1990).

A adopção do modelo de Super como um dos que fundamentam teoricamente este trabalho prende-se com os seguintes aspectos, porque: 1) neste trabalho pretende-se ter uma compreensão dinâmica e alargada do desenvolvimento da carreira em estudantes portadores de incapacidade e considera-se que este modelo apresenta uma perspectiva alargada do ciclo de vida; 2) não podem ser deixadas de lado as diferentes fases do desenvolvimento da carreira pelas quais as pessoas passam, pois tal permite indicadores para situar o comportamento vocacional no quadro do desenvolvimento global do indivíduo; 3) permite indicadores quanto à preparação dos indivíduos com incapacidade para lidarem com as tarefas de desenvolvimento da carreira; 4) permite situar o comportamento vocacional das

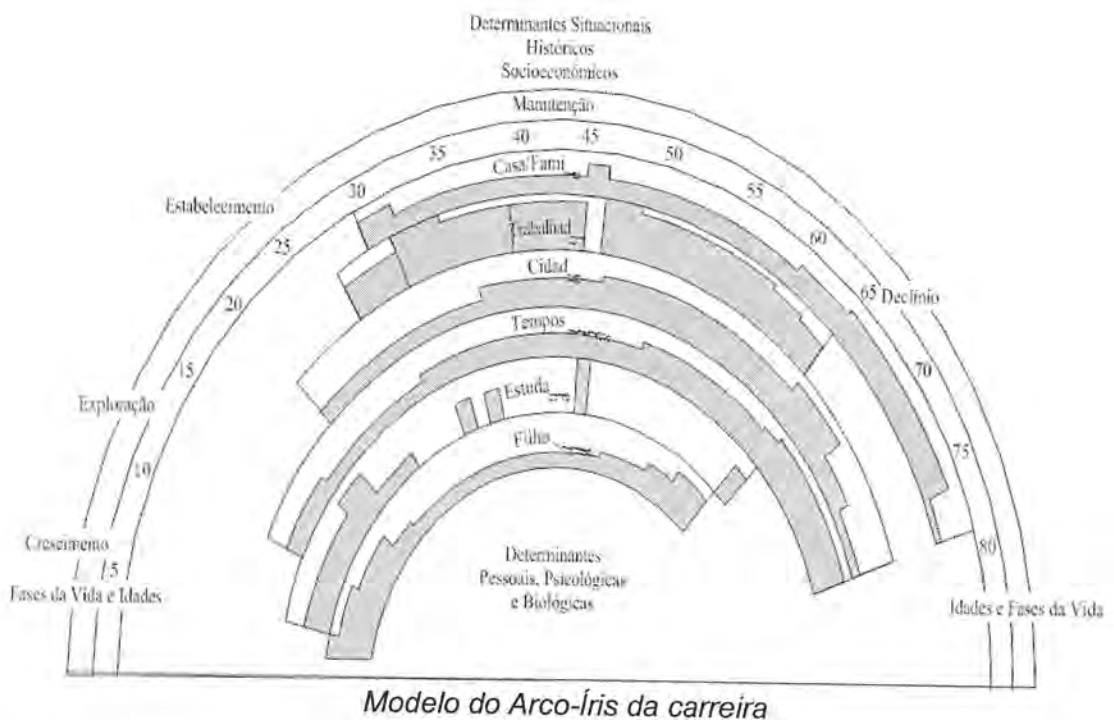
peças com incapacidade no quadro geral dos diferentes papéis que a sua carreira envolve e 5) é uma das teorias mais estudadas tendo uma elevada credibilidade científica.

A perspectiva desenvolvimentista permite, assim, uma visão situada num momento e num espaço do papel da percepção das barreiras no desenvolvimento de carreira das pessoas com incapacitada.

2.1.1 A teoria ciclo de vida/espaco de vida

Para Super (1990) os indivíduos passam por várias fases, onde os processos de transição de uma fase para outra não apresentavam limites rígidos, uma vez que estas transições dependem da resolução de algumas tarefas. Inicialmente, elaborou o modelo do arco-íris (Figura 2) que apresenta as diferentes fases e papéis da carreira, para além deste facto este modelo representa duas dimensões primárias de tempo e de espaço, que serão discutidas mais adiante.

Figura: 2



Adaptado de Super, D. E. (1990). "A life-Span Life-Space approach to career development" In: Brown, D., & Brook, L. (Eds.), *Career choice and development: Applying contemporary theories to practice* (2nd ed.) (pp. 212). San Francisco : Jossey Bass.

Como se pode observar, às diferentes fases correspondem momentos cronológicos que não podem ser assumidos rigidamente: a) *crecimento* (entre os 4 e os 13 anos) esta etapa corresponde a quatro tarefas essenciais, interrogar-se sobre o futuro, aumentar o controlo sobre a sua própria vida, adquirir boas atitudes e hábitos de trabalho, b) *exploração* (entre os 14 e os 24 anos) corresponde à cristalização, especificação e a implementação de uma escolha profissional. Esta fase pressupõe que exista uma exploração das profissões e que no final consigam especificar uma escolha profissional, que deve traduzir o conceito de si profissional e a sua vocação. c) *estabelecimento* (entre os 24 e os 44) onde estão as tarefas de estabilizar uma posição profissional, de consolidar essa posição profissional. d) *manutenção* (entre os 44 e os 65) esta fase pode-se designar por uma mudança ou um estabelecimento na mesma profissão. Por último Super considera e) *descompromisso* (depois dos 65) dá-se o planejar da reforma e o desacelerar das actividades profissionais (Super, 1957; 1980).

De acordo com este modelo podemos situar a população deste estudo na fase de exploração, uma vez que alguns dos alunos se encontram a terminar os seus cursos e os alunos trabalhadores estudantes, tenderão a preocupar-se com algumas das tarefas da fase de estabelecimento.

Este modelo não só perspectiva longitudinalmente a carreira como também concebe a sua dimensão latitudinal, isto é, representa todo o espaço de vida e os papéis que o sujeito assume ao longo da vida como já foi referido anteriormente (Super & Sverko, 1995). A dimensão latitudinal representa a vida e os papéis desenvolvidos, por sua vez a dimensão espacial diz respeito à situação social em que o indivíduo vive. Estas dimensões presentes no arco-íris permitem conceber, as diferentes fases de vida, de forma a coincidirem com a infância, adolescência e vida adulta dos indivíduos, dando assim uma perspectiva desenvolvimentista. Reflecte como as pessoas mudam e fazem transições que visam concretizar e reflectir os seus papéis de vida (Super, Savickas & Super, 1996).

Esta perspectiva desenvolvimentista abriu importantes perspectivas para a prática da Psicologia Vocacional, ao remeter para a importância de desenvolver atitudes e comportamentos que permitam aos indivíduos lidarem com os desafios que a carreira coloca e com as barreiras que se colocam. Para operacionalizar tais atitudes e comportamentos, Super desenvolveu e operacionalizou o construto de maturidade

vocacional. Este foi definido como a prontidão individual afectiva e cognitiva para lidar com as diferentes tarefas de desenvolvimento (Super, 1990).

A maturidade vocacional foi operacionalizada em cinco dimensões 1) o *planeamento da carreira*, que nos mostra na prática, a capacidade da pessoa planear, projectar o seu futuro, sentir que pode estar no futuro, identificando a auto-estima, autonomia e perspectiva temporal, 2) a *exploração da carreira* que permite mostrar, quais as matérias, para as quais os sujeitos mostram mais interesse, a forma como estimula o conhecimento de si e do que o rodeia, a curiosidade, participação e utilização de recursos em orientação, 3) a *informação*; se tem informação sobre o mundo do trabalho, se tem informação sobre as profissões, e se sabe que papel deve desempenhar em cada profissão que quer, como se informa, 4) a *tomada de decisão* está ligada com as escolhas que vão tendo que fazer ao longo da sua carreira e, 5) o *realismo* dos seus projectos, que envolve uma complexidade de elementos já designados nas características anteriores (Super, 1974).

Com a introdução do conceito maturidade vocacional, Super contribuiu para uma compreensão alargada do desenvolvimento vocacional na infância e no início da adolescência (Pinto, 2004). Mais tarde veio a designar esse conceito de adaptabilidade, possibilitando conceber o desenvolvimento da carreira em adultos. A adaptabilidade está relacionada com as atitudes, competências e comportamentos que os indivíduos utilizam para lidar com as mudanças que vão acontecendo relacionadas com o trabalho. A adaptabilidade é a qualidade de ser capaz de mudar, sem grande dificuldade, para conseguir estar em novas circunstâncias (Savickas, 1997). Com a adição do conceito de adaptabilidade, Super procurou evidenciar que o desenvolvimento da carreira não é linear, implica múltiplas transições que, por sua vez, exigem novos ciclos de exploração, estabelecimento e manutenção como forma de permitir a adaptação dos indivíduo aos contextos de mudança (Super, 1990).

Esta ideia, permite perceber que ao longo da carreira, existem processos que se vão repetindo, porque fazem parte de um processo de adaptabilidade às mudanças que vão surgindo. Perante um mercado de trabalho cada vez mais imprevisível e em constante mudança, o conceito de adaptabilidade ajuda a perceber como hoje em dia as pessoas conseguem lidar com as tarefas de desenvolvimento da sua carreira, mostrando que as realidades de hoje já não são carreiras lineares e estáveis. Esta conceptualização do desenvolvimento da carreira, permite reflectir, se os estudantes portadores de incapacidade se encontram preparados para lidar com as tarefas de desenvolvimento na carreira, nomeadamente as relativas à transição para o mercado

de trabalho. O conceito de transição aqui presente, também demonstra como devemos estar atentos às novas tarefas que cada fase pode comportar, investigando se cada momento de transição não comporta consigo barreiras específicas ao desenvolvimento da carreira.

Como foi referido, a conceptualização do desenvolvimento da carreira, apresenta-se com um carácter dinâmico, uma vez que concebe as transições que ocorrem de uma fase para outra como mini-ciclos que envolvem um processo de reciclagem, dentro de um maxi-ciclo geral que constitui o ciclo de vida (Super, 1990). As transições entre fases do ciclo de vida, envolvem um novo crescimento, novas explorações, estabelecimento e declínio. Este aspecto demonstra como as idades de transição vocacionais podem ser flexíveis. Esta visão pode ser importante, uma vez que, na população com incapacidade algumas das suas experiências podem encontrar-se diminuídas, podendo levar a momentos diferentes de transição entre ciclos. “*É mais explícito, neste modelo, a ideia de que os estádios de desenvolvimento vocacional são determinados essencialmente por factores psicológicos e sociais e não tanto por factores biológicos*” (Taveira, 2000, p. 75). Daqui se pode depreender que as possíveis limitações que possam existir ao nível do desenvolvimento da carreira, podem não estar directamente ligadas com a incapacidade em si, mas com os aspectos psicológicos e sociais que possam antever dessa mesma incapacidade.

Esta concepção, apesar de ter uma visão segmentada, dá-nos a possibilidade de compreender que o processo de desenvolvimento da carreira pode ser caracterizado segundo alguns aspectos específicos necessários para que ocorra um desenvolvimento coerente, é um aspecto relevante para o estudo aqui presente. Neste caso, pode vir a indicar que determinadas barreiras da carreira podem estar associadas a algumas fases de desenvolvimento, apresentadas por Super. Em vez de progressos no seu desenvolvimento de carreira, algumas pessoas enfrentam barreiras que os podem forçar a regredir, a andar à deriva ou a estagnar (Savickas, 2005).

Por sua vez a dimensão espacial, refere-se à carreira como envolvendo não só o papel de trabalhador e estudante como também os de tempo livre, familiar e de serviços à comunidade (Super, Savickas & Super, 1996). Estes papéis não são específicos de cada fase, uma vez que podemos ter diferentes papéis num mesmo contexto e estes podem mudar em função das tarefas e dos desafios que são colocados ao longo do ciclo de vida. Em cada uma das fases da carreira, os diferentes papéis, vão assumindo diferente saliência (Cardoso, 2006; Super, 1980). Existe uma importância relativa dos papéis, ou seja, nas primeiras fases predomina o papel de

criança, enquanto nas fases seguintes este tende a atenuar-se para predominar o papel de estudante e depois de trabalhador. *“As experiências de aprendizagem social conduzem-nos, desde crianças a tecer conclusões relativas os papéis de vida que são mais importantes. Estar atento a quais são os papéis mais importantes e os mais periféricos ajuda-nos a periodizar os compromissos de vida ao longo do tempo”* (Silva, 2008 p. 49).

A saliência dos papéis é influenciada pelos valores (damos saliência aos papéis que permitem concretizar os nossos objectivos de vida) e pela percepção da acessibilidade à concretização desses valores em determinado papel. Isto é, quando percebemos que em determinado papel é difícil concretizar valores que nos são centrais no trabalho tendemos a dar saliência a outros papéis em que percebemos isso ser possível (Super, 1980). Deste modo, o modelo da saliência das actividades poderá ajudar a compreender o maior ou menor investimento das pessoas com incapacidade nuns papéis em vez de outros.

O contributo de Super permite dar uma estrutura sofisticada e estruturada para compreender a complexidade do comportamento profissional e o desenvolvimento de diversos grupos em diferentes contextos (Super, Savickas & Super, 1996).

De seguida será apresentado o contributo da teoria Sócio Cognitiva, que nos ajudará a ir mais além na compreensão dos processos subjacentes ao desenvolvimento da carreira e por sua vez das barreiras que podem estar presentes neste processo.

2.2 O Contributo da teoria Sócio Cognitiva

A teoria Sócio Cognitiva da Carreira (Lent, Brown, & Larkin, 1984) também é relevante para fundamentar a abordagem feita à percepção de barreira de pessoas com incapacidade. Neste sentido, a teoria Sócio Cognitiva da carreira tem sido muito utilizada para explicar o desenvolvimento da carreira de populações em maior risco de segregação na carreira em função da sua raça/etnia, cultura, sexo, status sócio-económico, idade e estado de incapacidade (Lent, 2005).

Na formulação da Teoria Sócio Cognitiva, procurou-se adaptar, desenvolver e ampliar os aspectos considerados mais relevantes da Teoria de Bandura, ao desenvolvimento da carreira (Lent, Brown & Hackett, 2002). Ambiciona-se perceber como os aspectos cognitivos podem mediar as aprendizagens e estar relacionados com a carreira, e de que forma os factores contextuais podem ter influência nos

domínios, tais como interesses, habilidades, valores e na sua inter-relação (Lent, Brow & Hackett 2002). A teoria sócio cognitiva da carreira, é assim um novo esforço para tentar perceber de que forma os indivíduos fazem escolhas na carreira e, assim, alcançam diferentes níveis de escolarização e profissionalização.

Nesta teoria há três variáveis centrais para o desenvolvimento da carreira: a) expectativas de auto-eficácia, b) expectativas de resultado e c) objectivos pessoais. A auto-eficácia é crença quanto à capacidade/competência para realizar com sucesso determinada tarefa ou comportamento. A auto-eficácia não é concebida como fixa, estanque ou descontextualizada. Pelo contrário, esta envolve uma capacidade geradora de competências cognitivas, sociais e comportamentais, organizadas em cursos de acção integrados para servir inúmeros propósitos (Bandura, 1986).

A auto-eficácia encontra-se envolta num conjunto de crenças que são os aspectos centrais para o desenvolvimento de interacções com o outro e com os contextos ambientais. Pode-se considerar que as crenças de auto-eficácia se desenvolvem e se vão modificando através de três aspectos: a) realizações pessoais e desempenho, b) aprendizagem vicariante c) persuasão social e d) estados fisiológicos e afectivos. (Bandura, 1986).

Na perspectiva Sócio Cognitiva, os comportamentos subjacentes à escolha da carreira, envolvem o esforço despendido e o envolvimento afectivo nas tarefas de desenvolvimento que são regulados em parte, por percepções de auto-eficácia. Assim, os sucessos tendem a elevar o nosso sentido de auto-eficácia enquanto os insucessos consecutivos tendem a diminuir a auto-eficácia.

Por sua vez o conceito de expectativas de resultado, são crenças pessoais sobre as consequências esperadas do desempenho de determinado comportamento (Bandura, 1986). Se por um lado as crenças de auto-eficácia encontram-se relacionadas com “o que poderei fazer”, as crenças relacionadas com as expectativas de resultado encontram-se direccionadas para “se eu fizer o que pode acontecer”, esta representa um papel muito importante no comportamento motivacional.

Por último, os objectivos pessoais, podem ser definidos como a determinação em alcançar, participar em determinada actividade para chegar a um resultado pretendido.

A interacção entre estas três variáveis revela-se muito importante. As expectativas de auto-eficácia e as expectativas de resultado podem indicar o esforço despendido para alcançar determinado objectivo. Auto-eficácia e expectativas de resultado, afectam o nível de metas de desempenho que as pessoas estabelecem

para si próprias, fortes crenças de auto-eficácia e expectativas de resultado favorável, concebem metas mais ambiciosas, que ajudam as pessoas a mobilizar e a sustentar o seu comportamento e desempenho (Lent, Brow & Hackett 2002).

Segundo Lent e colaboradores (1984) as expectativas de auto-eficácia e de resultado positivo em determinadas áreas levam ao interesse por esse tipo de actividades, leva à formulação de objectivos e, conseqüentemente ao desenvolvimento de comportamentos para a concretização desses mesmos objectivos. No entanto, estes autores também atribuem um papel fundamental às barreiras e aos apoios da carreira em todo o processo de desenvolvimento da carreira. Assim, os apoios e as barreiras funcionam como moderadores da relação dos interesses com os objectivos da carreira e com as acções para os implementar. Os apoios que as pessoas têm funcionam como facilitadores do processo. Por vezes, as barreiras levam que nem sempre formulemos objectivos em estreita relação com os interesses (Lente et al., 2000).

Como já foi referido, a formulação de objectivos pode explicar como os processos discriminatórios podem limitar os níveis de aspiração de determinadas populações.

Se a perspectiva sócio-cognitiva é pertinente para a compreensão dos processos de tomada de decisão na carreira em geral, como adiante verificaremos, ela também é relevante para explicar a especificidade do próprio processo de percepção de barreiras da carreira. O quadro teórico aqui apresentado poderá não só contribuir para uma explicação mais completa dos resultados obtidos nesta investigação como abrir perspectivas à intervenção com esta população. As suas limitações e vivências experienciadas ao longo da vida deixam antever a importância de considerar as expectativas de auto-eficácia, de resultado e barreiras da carreira para um abrangente entendimento do comportamento vocacional.

Embora exista uma grande diversidade de factores associados à pessoa e ao contexto, estes parecem estar numa constante interacção, ao longo do desenvolvimento da carreira de uma pessoa. Por exemplo, as condições ambientais, podem ajudar a moldar as crenças de auto-eficácia que por sua vez podem afectar os desafios ambientais que se colocam (Lent, Hackett & Brown, 2000). As escolhas da carreira são assim afectadas pelas influências contextuais e por variáveis inerentes na própria pessoa.

A contextualização das barreiras da carreira e a sua análise através da teoria Sócio Cognitiva, pode ser feita através da diferença encontrada entre as diferentes categorias temporais, passado, presente e futuro.

Estudos ligados à investigação e exploração das barreiras da carreira costumam abordar diferentes pontos, sendo concebido segundo um contínuo temporal (Lent, Hackett & Brown, 2000). Como exemplos desta concepção podem-se destacar os estudos de Swanson & Tokar's, (1991), onde apresentaram diferentes cenários aos participantes abordando o presente e o futuro. Por sua vez Luzzo's (1993, 1996; Luzzo & Hutcheson, 1996; McWhirter, 1997) tentaram aceder às barreiras através de diferentes molduras temporais. Por outro lado (Lent, Brown, Telletrand, McPartland, Chopra, Alexander & Chai, 2002) num estudo que realizaram, procuram explorar as perspectivas dos participantes sobre os factores que tinham influenciado os seus esforços para implementar, ou prosseguir, as suas opções de carreira, chegando à conclusão que parece importante estender as pesquisas sobre a decisão da carreira a pessoas de diferentes raças, etnias, classes sociais, orientação sexual, idade e estado de incapacidade.

Este estudo segue um pouco as linhas de investigação apresentadas anteriormente uma vez que também pretende fazer uma análise segundo um contínuo temporal da percepção de barreiras da carreira e numa população considerada minoritária.

No ponto seguinte procura-se dar uma pequena visão de alguns aspectos que podem estar associados ao desenvolvimento da carreira em pessoas com incapacidade e as implicações que esses factores podem ter para a percepção das barreiras da carreira.

2.3 Desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade uma visão geral

O desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade, não se revela simples, uma vez que se trata de uma população com particularidades. Estas pessoas passam por processos de desenvolvimento de carreira mais complexos, uma vez que algumas das experiências necessárias para o desenvolvimento deste processo, algumas vezes, se encontram diminuídas.

Indivíduos com incapacidade encontram várias barreiras vocacionais e pessoais durante o seu desenvolvimento. Estes pontos podem contribuir para uma percepção negativa deles mesmos e do meio que os envolve (Yanchak, Lease & Strauser, 2005). Para além deste facto, as incapacidades podem causar grandes graus de dependência o que pode dificultar e inibir as experiências de tomada de decisão sobre a sua própria vida, tendo um auto-conceito geralmente negativo, consequência das atitudes sociais desenvolvidas sobre a incapacidade (Conte, 1983; Ochs e Roessler, 2001, cit. por Fabian & Liesener, 2005). Este factor pode comportar dificuldades, nas fases onde existe a necessidade de tomar decisões pessoais, nomeadamente decisões relativamente à carreira.

Outro aspecto que se revela muito importante no desenvolvimento da carreira é a exploração. Estudos realizados com adolescentes portadores de incapacidade, têm revelado que, esta população possui algumas limitações na exploração da carreira, desconhecendo o mundo competitivo do trabalho (Fassinger, 2008).

Dado esta ser uma população com algumas particularidades, parece existir algumas diferenças nas experiências que estes podem ter, consoante o momento e o tipo de incapacidade que possuem. Nos estudantes com incapacidades congénitas, o efeito desta incapacidade no seu auto-conceito, tende a ser subtil e gradual, pois estes tendem a passar cedo por várias restrições, o que dificulta o acesso a determinadas experiências, podendo haver uma dependência prolongada da família. Este facto pode limitar certas oportunidades, dando-lhes uma sensação de falta de competência e conseqüentemente de baixa auto-estima. Estas distorções podem ter um papel bastante limitador no estabelecimento de objectivos profissionais e nos processos de tomada de decisão. Por outro lado estudantes que adquirem a incapacidade mais tarde nas suas vidas, o que se torna relevante entender, é de que forma a incapacidade pode vir a ter que alterar os seus planos de carreira e de que forma estes se reestruturam em função dos objectivos pré-estabelecidos. Para além desta reestruturação de carreira, estão os aspectos que esta incapacidade comporta, uma vez que as incapacidades adquiridas, muitas vezes, têm repercussões negativas na auto-estima dos indivíduos (Enrigh, Conyers & Szymanski, 1996, p. 104).

A auto-estima e o sentimento de auto-eficácia, apresentam-se como termos chave para o desenvolvimento da carreira em pessoas com incapacidade, pois são aspectos que se encontram geralmente inferiorizados e que desempenham um papel muito importante neste processo.

Como todos os estudantes universitários, estudantes com incapacidade, também procuram ajuda na construção dos seus projectos de vida, o que implica muitas vezes como esse projecto se poderá concretizar nos papéis de estudante e de trabalhador. Torna-se assim necessário perceber e entender como as incapacidades podem influenciar o desenvolvimento da carreira destes estudantes. Percebendo a existência de barreiras poder-se-ão desenvolver estratégias de orientação vocacional, mais adaptadas à realidade desta população.

Alguns dos desafios que estas pessoas parecem encontrar e que devem ser tidos em conta a quando de processos de orientação são: a) limitações nas suas experiências de vida, o que pode levar a menos oportunidades de exploração e a uma visão diminuída das opções vocacionais b) dificuldades nas tomadas de decisão e c) auto-conceito negativo (Kosciulek, 2003). Contudo parece claro que a presença da incapacidade por si só não determina o desenvolvimento da carreira (Szymanski & Hanley-Maxwell, 1996, cit. por Enrigh, Conyers & Szymanski, 1996). A falta de experiências e as dificuldades na tomada de decisão não são apenas o resultado da incapacidade, mas também um resultado das atitudes sociais e dos estereótipos a que estes estão sujeitos.

As atitudes sociais podem ser tão importantes como a incapacidade em si, onde a atitude negativa dos outros pode desempenhar um papel na definição do papel de vida do indivíduo com incapacidade (Kosciulek, 2003).

Capítulo III - Barreiras da carreira em pessoas portadoras de incapacidade

3.1 O conceito de barreiras da carreira

O conceito de barreiras surgiu primeiramente associado às especificidades da carreira em mulheres. A investigação sobre a percepção de barreiras da carreira começou nos anos 70, muito focada nas populações em risco de segregação no trabalho (Cardoso & Ferreira Marques, 2001). No entanto, a sua importância para a implementação de acções visando a promoção da igualdade de oportunidades levaram à sua extensão, especialmente, às populações em maior risco de segregação no mercado de emprego devido a: orientação religiosa, etnia, desfavorecimento económico ou deficiência (Cardoso & Ferreira Marques, 2008).

Este conceito de barreiras foi sendo cada vez mais considerado na investigação, tendo-se alargado assim para o estudo em populações consideradas minoritárias e nos anos 90, passou a objecto de investigação. Mais recentemente, alguns estudos empíricos, têm demonstrado a importância do construto de barreiras para explicar o processo de escolhas da carreira (Swanson & Tokar, 1991).

Existem várias concepções de barreiras da carreira que correspondem a tentativas de definir este conceito.

No entanto adoptamos a definição de barreiras da carreira como, "*acontecimentos ou condições, no interior do sujeito ou no seu meio ambiente, que lhe tornam difícil progredir na carreira. As barreiras não são inultrapassáveis, podendo ser superadas, embora com diferentes graus de dificuldade em função da natureza da barreira e das características específicas de cada um*" (Swanson & Woitke, 1997 p.446). Esta definição tem inerente que as barreiras tanto representam um carácter intra-pessoal como ambiental dos factores que podem impedir o desenvolvimento da carreira.

Elegemos a definição acima por dois motivos importantes:

1) Aponta para uma abordagem Sócio Cognitiva relevante neste âmbito de estudo. Esta teoria tem sido muito importante na explicação de como a percepção das barreiras pode influenciar as escolhas da carreira (Lent, Brown & Hackett, 2002) e, deste modo, permitir testar hipóteses quanto ao papel das variáveis do contexto nas escolhas da carreira facilitando o entendimento de como os indivíduos se confrontam com as barreiras (Cardoso, 2006).

2) Aponta para a dicotomia de barreiras externas e internas. Não tem sido consensual a caracterização das dimensões que caracterizam o construto de barreiras da carreira, dada a sua natureza situacional e específica, pelo que a adopção da dicotomia interno/externo tem sido a mais consensual (Cardoso, 2006). Existe assim a evidência que as barreiras internas e externas são importantes para o desenvolvimento de carreira (Creed, Patton & Bartrum, 2004).

Não tem sido fácil fazer a distinção clara entre barreiras externas e internas. Swanson & Woitke (1997) descobriram que, classificar uma barreira como externa ou como interna é uma questão de interpretação, o que comporta alguma subjectividade. Embora se perceba que as barreiras internas se encontram ligadas a factores internos na pessoa, as barreiras externas podem estar no ambiente ou residir no próprio indivíduo o que dificulta uma clara classificação destes dois acontecimentos. Esta dicotomia tem sido a mais utilizada, mas tem tido pouca análise empírica dadas as dificuldades e as subjectividades que comporta. Tem-se optado assim por considerar que as barreiras da carreira são compostas por múltiplos componentes, que envolvem a percepção dos indivíduos face à sua carreira.

Também neste estudo, não se irá fazer uma distinção clara neste sentido uma vez que, esta diferenciação comporta consigo muita subjectividade. Um dos objectivos principais deste estudo é perceber e descrever quais as barreiras percebidas por esta população para a sua progressão da carreira e assim desenvolver um sistema de categorias que as caracterize.

Releva-se importante frisar, porque se utiliza a palavra “percepção”, quando nos referimos às barreiras. Esta surge porque tem existido uma centralidade na análise das barreiras percebidas, em oposição às barreiras reais, uma vez que existe a convicção que a percepção dos acontecimentos, proporciona a força mais influente no comportamento da carreira Swanson & Woitke (1997). *“The use of the word perceived to refer to such barriers implies that the career-related barriers an individual believes currently exist or may be encountered in the future (..)”* (Albert & Luzzo, 1999, p. 431). Neste sentido procura-se a percepção que os alunos têm sobre as suas barreiras.

A clarificação do conceito de barreiras permite assim alargar horizontes, para uma possível teorização do processo que está inerente à percepção de barreiras, à progressão da carreira e assim perceber os processos que medeiam a percepção das barreiras. Pode este facto abrir formas de avaliação e intervenção nesta área (Swanson & Woitke, 1997).



Como anteriormente foi referido, a perspectiva sócio-cognitiva dá um importante contributo para a compreensão do processo de percepção de barreiras, uma vez que consideram que a percepção das barreiras podem ser conceptualizadas em diferentes pontos. a) pelos factores pessoais e contextuais e a influência sobre a auto-eficácia e as expectativas de resultado, b) por factores contextuais e pessoais que mediam os interesses e as escolhas e c) as barreiras podem ser vistas como expectativas de resultado (Swanson & Woitke (1997).

Neste sentido, os trabalhos de Jane Swanson e colaboradores para desenvolver o Career Barriers Inventory foram muito relevantes pois permitiram a conceptualização deste conceito. Para estes autores o processo de percepção de barreiras ocorre em dois momentos; no primeiro a pessoa avalia se determinada situação é ou não uma barreira e no segundo momento se é ou não capaz de lidar com essa barreira (Lente et. al, 2000; Swanson & Woitke,1997). No primeiro caso a percepção das barreiras é uma expectativa de resultado e no segundo uma expectativa de auto-eficácia. Este entendimento do processo de percepção de barreiras remete para a importância do papel das variáveis sócio-cognitivas no modo como as pessoas percebem e lidam com as barreiras da carreira. Por exemplo, em pessoas com elevadas expectativas de resultado é expectável que a percepção das barreiras possa ser um factor motivador do planeamento da carreira, enquanto para outras pessoas com baixas expectativas de auto-eficácia pode ter um impacto negativo no desenvolvimento da carreira (Cardoso & Moreira, 2009; Luzzo & Hutcheson, 1996).

Como anteriormente referimos, os conceitos apresentados permitem apreender a complexidade dos comportamentos da carreira, nomeadamente o confronto com as adversidades que se vão colocando. A propósito Cardoso e Moreira (2009), na sequência de estudos realizados por Luzzo e Hutcheson (1996) verificaram, por exemplo, que em pessoas com elevada auto-eficácia a percepção de barreiras constitui-se como um estímulo/desafio, ao seu desenvolvimento de carreira. O inverso acontece em pessoas com baixas expectativas de auto-eficácia.

A auto-eficácia e as expectativas de resultados motivam o desenvolvimento de interesses vocacionais, para o estabelecimento de metas e de acções. Os factores pessoais, contextuais podem influenciar o desenvolvimento da auto-eficácia e das expectativas de resultado. As influências contextuais, em especial, são postuladas para moderar as relações de auto-eficácia e expectativas de resultado (Swanson & Woitke, 1997).

As barreiras da carreira podem ser consideradas em relação às tarefas específicas do desenvolvimento da carreira, relativamente à formulação das escolhas da carreira, implementação e progressão. As barreiras podem estar presentes em todas estas fases, moderando, assim, as escolhas que vão sendo realizadas. Os estudos realizados por Swanson, (2006) mostraram que as barreiras parecem representar expectativas de resultado negativas.

As percepções das barreiras são também susceptíveis de serem afectadas pelas situações; sócio-económicas, nível de educação, cultura e contexto de vida de outros factores (Lent, et. al, 2002).

Em todas as sociedades, a nível mundial, existem ainda obstáculos que impedem as pessoas com incapacidade de exercer os seus direitos, a sua liberdade e ter o pleno uso da igualdade de oportunidades, dificultando assim que estas pessoas tenham uma plena participação nas actividades das suas comunidades (Secretariado Nacional de Reabilitação, 1995).

Torna-se assim pertinente perceber e entender o que são sistemas de apoio e de que forma estes sistemas, podem contribuir para o desenvolvimento da carreira, aspecto esse, que se apresenta no ponto seguinte.

3.2 A importância dos Sistemas de apoio, como forma de transpor a percepção de barreiras da carreira

Estudos recentes têm procurado examinar o papel que os sistemas de apoio podem ter para a diversidade das carreiras e para os resultados escolares.

Para além das barreiras da carreira, revela-se também importante compreender os mecanismos de apoio de que estas pessoas podem beneficiar. Os sistemas de apoio ou suportes são tidos em conta na teoria sócio-cognitiva da carreira, como variáveis ambientais, que podem facilitar a formação do indivíduo e o exercício das opções profissionais (Lent, Brown & Hackett, 2000). Neste sentido, os sistemas de apoio não são neutros, envolvem factores que podem facilitar e promover o desenvolvimento da carreira.

Trivino e Szymanski (1996), através de um estudo quantitativo do desenvolvimento da carreira em Espanhóis portadores de deficiência, identificaram alguns mecanismos de apoio usados por estas pessoas, tais como a influência do contexto familiar e os serviços de apoio na comunidade. Também verificaram que as

componentes culturais estão envolvidas na percepção dos serviços de apoio para pessoas com incapacidade. Por sua vez, Lent, Brown, Telleyrand, McPartland, Chopra, Alexander & Chai, (2002) realizaram um estudo com estudantes universitários onde perceberam que estes alunos recebiam apoio, de uma variedade de fontes, dos familiares, amigos e professores, tendo sido estes os apoios mais referenciados pela amostra estudada.

Numa visão mais completa do problema da igualdade de oportunidades e da inclusão no ensino superior de alunos portadores de incapacidade, deverá não só considerar as barreiras que têm ao seu desenvolvimento da carreira como os sistemas de apoio. Uma vez que se pode considerar que as percepções das barreiras e dos apoios podem ser inversamente proporcionais, podem reflectir um contínuo negativo-positivo (Lent, Brown & Hackett, 2000). Os apoios ou sistemas de apoio, podem ajudar a reduzir a percepção de barreiras à progressão da carreira, podendo estes funcionar como facilitadores do desenvolvimento.

“ A atribuição de apoios específicos ao estudante com deficiência está dependente do critério dos serviços de Acção Social de cada instituição, dos recursos disponíveis, e principalmente, da formação e sensibilidade dos técnicos para a condição do estudante. Porém, raramente esses apoios têm sido aplicados na aquisição de equipamentos e aparelhos essenciais aos estudantes no seu percurso académico. Neste caso em concreto, os estudantes são orientados no sentido de recorrerem aos fundos nacionais para financiamento de ajudas técnicas” (Pires, 2006, p. 61).

Este aspecto salienta não só a importância que os sistemas de apoio ao nível das Universidades podem ter para a população em estudo, como também demonstra que existe uma fraca aposta na aquisição de apoios para estas pessoas por parte das entidades competentes.

No ensino secundário, existe a preocupação de identificar o estudante com incapacidade e com base na legislação existente procura-se responder às suas necessidades. No ensino superior, essa legislação parece ter contornos diferentes, o que “obriga” o estudante a dirigir-se aos responsáveis da instituição que frequentar e solicitar os meios necessários às suas necessidades (Pires, 2006). Assim parece existir uma discrepância entre níveis de ensino.

3.3 A importância do trabalho como um apoio central ao desenvolvimento pessoal e da carreira

O trabalho apresenta-se como um aspecto central da vida do homem, não só pelo significado do trabalho em si, mas também pela forma como este pode definir um sujeito em sociedade e perante a sociedade. O trabalho ou a entrada no mundo do trabalho, apresenta-se como uma transição cultural complexa, pois pode ser vista como um momento que exige novas aprendizagens e novas adaptações.

“O trabalho é um termo multidimensional, que muitas vezes se sobrepõe com termos como emprego, posição e ocupação¹”. (Szymanski, Parker, Ryan, Merz, Espinoza & Rodriguez, 2003, p.2) Alguns dicionários apresentam emprego e ocupação como sinónimo de trabalho. *“Numa definição geral de trabalho este é entendido como uma actividade desenvolvida para produzir bens ou serviços de valor para as pessoas²”.* (Rothman, 1987, p.5 cit. por Szymanski, Parker, Ryan, Merz, Espinoza & Rodriguez, 2003, p. 2).

Numa perspectiva psicológica, podemos dizer que o trabalho cumpre importantes funções na vida das pessoas. O trabalho é uma das formas de fornecer identidade, nomeadamente através das interacções sociais que podem ser estabelecidas neste meio. A satisfação de uma pessoa encontra-se relacionada com o estabelecimento num local de trabalho e a um modo de vida que lhe possibilite a implementação do papel que a sua experiência exploratória lhe levaram a considerar. (Super, Savickas & Super, 1996).

O trabalho é também um dos aspectos que move as sociedades, pois envolve aspectos sociais, económicos, propostas económicas, permitindo a resolução de necessidades de sobrevivência, de poder, de afiliação e de auto-determinação (Blustein, 2006).

As necessidades de sobrevivência e de poder encontram-se ligadas ao que se pode obter através do trabalho, nomeadamente para adquirir alguns bens necessários, comida, vestuário, acesso a determinados serviços...

A necessidade de afiliação está ligada à necessidade que o ser humano tem de se relacionar e de estabelecer relações sociais. O trabalho acaba por desempenhar um papel importante no estabelecimento de relações sociais. Por último, a

¹ Tradução livre da autora

² Tradução livre da autora

necessidade de auto-determinação, está associada ao facto do trabalho poder ser uma forma de auto-expressão e levar assim a experiências de auto-determinação.

A intervenção que visa a integração de pessoas com incapacidade, não será completa, se não considerar as questões relativas à sua integração sócio profissional. A não satisfação de algumas necessidades, que o trabalho permite, expõe estas pessoas a uma maior exclusão social, a um baixo poder económico, dificultando a satisfação pessoal e a expressão de si próprio. Estes aspectos podem levar a um isolamento e diminuição de oportunidades sociais, tomando assim o universo destas pessoas muito reduzido. Também é importante fonte de identidade social, desempenhando um papel relevante para o desenvolvimento de sentimentos de inclusão social, de pertença a um todo mais global.

O trabalho reúne importantes necessidades psicológicas, económicas e culturais. Este também teve um profundo impacto na redução da forte associação entre incapacidade e o sentimento de uma dependência constante (Conyers & Szymanski, 1998).

A incapacidade é frequentemente relacionada tanto com o desemprego, como com a pobreza. Quando as pessoas com incapacidade são discriminadas no mercado de trabalho, está a ser-lhes negado o pleno uso das suas capacidades produtivas (Schiller, 1989 cit. por Szymanski, Parker, Ryan, Merz, Espinoza & Rodriguez, 2003). A participação no mercado laboral de pessoas com incapacidade, revela-se assim um fenómeno complexo, mas de necessária desmistificação, para poder proporcionar a estas pessoas a satisfação de algumas das suas necessidades e o funcionamento da igualdade de oportunidades a todos os níveis.

O acesso diferenciado das minorias ao mercado de trabalho parece estar relacionado com alguns factores, como alguns factores sociais e educativos. As minorias étnicas trazem pouco capital humano para o mercado de trabalho e são remunerados em conformidade, por outro lado existem desigualdades de acesso a boas escolas.

Segundo Moos (1986, cit. por Szymanski, Parker, Ryan, Merz, Espinoza & Rodriguez, 2003) o trabalho é assim um dos aspectos centrais na vida dos sujeitos.

A centralidade do trabalho na vida de uma pessoa, pode estar relacionada com alguns factores, nomeadamente com o grau lato de importância que esse trabalho pode ter para a vida de um sujeito. Pode estar também relacionado com o tempo em que esse trabalho surge. Neste sentido a importância do trabalho pode ser variada, ao longo da vida de um sujeito, podendo ter alturas em que é fulcral e momentos em que

tem uma menor importância. O trabalho pode ter um papel central na vida de um jovem recém-licenciado e não apresentar tanta importância para um idoso reformado.

Existem algumas pesquisas que apontam para os entraves que os alunos portadores de incapacidade, mesmo diplomados, enfrentam para obter um emprego. Apesar de terem um diploma universitário, este aspecto não parece melhorar a empregabilidade das pessoas com incapacidade. O facto de serem licenciados, não os coloca em pé de igualdade com os seus colegas sem incapacidade (Enright, Conyers & Szymanski, 1996) pois os empregadores tendem a estar centrados em estereótipos sobre a incapacidade e a considerar que estas pessoas podem interferir no normal curso do trabalho. Segundo (Equal Employment Opportunity Commission, 1992 cit. por Jones 1997) os empregadores devem fazer as suas escolhas dos profissionais com incapacidade com base: a) nas qualificações profissionais e não nos estereótipos relacionados com a incapacidade, b) não excluir a pessoa com incapacidade com base nessa mesma incapacidade, c) dar igualdade de oportunidades no emprego, d) não aplicar políticas de emprego e de trabalho que não sejam adequadas às pessoas portadoras de incapacidade, e) não negar a progressão da carreira. Estas seriam assim as condições ideais e que se espera que os empregadores adotem a quando da contratação de uma pessoa com incapacidade.

Perry, Hendricks & Broadbent 2000, no estudo que realizaram conseguiram perceber que estes alunos, após concluírem os seus cursos, possuem mais dificuldades para encontrar o seu primeiro emprego. São alvo de mais discriminação que os seus colegas sem incapacidade. Este estudo também revelou que indivíduos que possuam uma incapacidade visível são alvo de mais discriminação no acesso ao emprego do que indivíduos que possuam uma incapacidade de difícil percepção.

A inclusão no mundo do trabalho, promove uma participação activa na comunidade, oferecendo a oportunidade de realizar direitos básicos, dando alguma dignidade humana (Soresi, Nota, Ferrari & Solberg, 2008). *“É correcto afirmar que, a carreira é um dos factores que contribuem para o desenvolvimento e equilíbrio da vida de um indivíduo como um todo, sendo um aspecto da vida do individuo como um todo”* (Oliveira, Guimarães & Coleta, 2006, p. 12).

Na sociedade não deve haver discriminação no mundo do trabalho.

PARTE EMPÍRICA

Capítulo IV - Estudo Piloto – Desenvolvimento de entrevista semi-estruturada sobre percepção de barreiras em pessoas portadoras de incapacidade

4.1-Estudo Piloto

O estudo piloto teve como objectivo construir um guião de entrevista semi-estruturada e testar a sua validade facial e de conteúdo. Pretendo perceber de que forma as perguntas são entendidas pelos participantes. Se, as mesmas, permitem um levantamento de um universo amplo de percepções de barreiras da carreira (neste caso específicas e não específicas à população com incapacidade e ainda relativas a diferentes momentos da carreira). Também foi objectivo, compreender se os participantes entendiam o conceito de barreiras da carreira, pois torna-se relevante entender até que ponto este conceito tem significado para a população alvo.

Este estudo iniciou-se com uma revisão da literatura, permitindo a criação das perguntas da entrevista semi-estruturada a ser testada. Esta entrevista foi aplicada a ex-alunos da Universidade de Évora. Os resultados irão permitir aferir se as perguntas elaboradas contêm ambiguidades contextuais e se fornecem dados susceptíveis de uma análise objectiva, sem inferências por parte da investigadora. Estes dados, permitirão assim perceber se a entrevista necessitará de ser reformulada.

4.1.1. Desenvolvimento da Entrevista

Como estratégia de recolha de dados recorreu-se à técnica da entrevista. Esta entrevista, foi assim usada para obter descrições, interpretações e percepções das experiências dos participantes, relativamente às suas barreiras na progressão da carreira como estudantes do ensino superior e portadores de incapacidade.

A entrevista não está simplesmente ligada à recolha de dados de vida, ela própria deve fazer parte da vida dos participantes e expressar as suas opiniões e percepções sobre a sua realidade. A investigação através da entrevista pode servir três propósitos. Primeiro, pode ser usada como o principal método de recolha de informação, com uma incidência directa sobre os objectivos que se encontram a ser investigados. Segundo, esta pode ser usada para testar hipóteses ou para sugerir outras hipóteses e poder verificar variáveis em relação. Por último, a entrevista pode ser usada em conjunto com outros métodos (Cohen, Manion & Morrison, 2001).

Neste estudo exploratório vão-se privilegiar as duas primeiras características da entrevista. Esta vai ser usada como o método principal de recolha da informação e irá ser usada para sugerir hipóteses no campo das barreiras da carreira em estudantes portadores de incapacidade. Foi assim realizada uma única entrevista a cada participante, esta semi-estruturada e semi-directiva no que se refere às perguntas e aberta no que concerne às respostas.

Estamos assim perante uma entrevista que pretende ser exploratória, pois pretende desenvolver hipóteses, esta permite que os entrevistados possam falar livremente, emocionalmente, com franqueza, honestidade e profundidade sobre as suas experiências (Oppenheim, 1992 cit. por Cohen, Manion & Morrison, 2001).

Kvale (1996, cit. por Cohen, Manion & Morrison, 2001) identificou sete características da pesquisa qualitativa através da entrevista que devem ser tidas em conta para entender o presente estudo: a) *Life World* o tema da pesquisa qualitativa utilizando a entrevista geralmente, aborda a vida dos participantes. b) *Meaning* a entrevista destina-se a interpretar o significado dos temas apresentados pelos participantes. O entrevistador deve assim registar e interpretar o significado do que é dito e de como é dito. c) *Qualitative* a entrevista qualitativa procura conhecimento expresso numa linguagem normal, não procurando assim uma quantificação. d) *Descriptive* a entrevista tenta obter diferentes descrições dos aspectos da vida dos participantes. e) *Specificity* as descrições específicas de situações, não são opiniões gerais. f) *Deliberate naiveté* o entrevistador apresenta uma abertura a novos e inesperados fenómenos, g) *Focused* a entrevista é centrada em determinados temas, não é nem estritamente estruturada com questões padronizadas, nem totalmente não directiva. h) *Ambiguity* as declarações dos entrevistados podem ser por vezes ambíguas, reflectindo as contradições do mundo em que essas declarações estão. i) *Change* o processo de ser entrevistado pode produzir novos conhecimentos e sensibilizações, bem como o assunto pode, no decurso da entrevista vir a mudar a sua descrição e significados sobre um tema. j) *Sensitivity*, entrevistadores diferentes podem produzir diferentes declarações sobre os mesmos temas, em função da sua sensibilidade para a entrevista e conhecimento do tema. l) *Interpersonal relations* o conhecimento obtido é produzido através da interacção interpessoal durante a entrevista. m) *Positive experience*, a entrevista pode ser também um momento em que o entrevistado reflecte sobre a situação podendo obter novas perspectivas sobre o tema.

De uma forma geral, as alíneas anteriores descrevem o propósito e a forma como esta entrevista foi concebida e encarada neste estudo.

Outro aspecto relevante prende-se com o facto de que cada vez mais se perceber que as entrevistas e a pesquisa qualitativa podem tomar outras direcções, para além da entrevista realizada face a face. Encontra-se actualmente, a ser tomada uma nova direcção, que está relacionada com a entrevista e as novas tecnologias. A dependência da entrevista como um meio de recolha de informações recentemente, expandiu-se para os campos electrónicos, sendo administrada por fax, correio electrónico e sites (Fontana & Frey, 2005). Também neste estudo, nomeadamente no estudo piloto, se recorreu a esta nova tendência, sem que isso colocasse em causa a validade dos resultados recolhidos.

Assim o desenvolvimento inicial das perguntas para a entrevista do estudo piloto, iniciou-se e fundamentou-se na revisão de literatura sobre percepção de barreiras (Cardoso, 2006, Cardoso & Ferreira Marques, 2008; Lent, Brown, & Hackett, 2000; Swanson, & Tokar, 1991; Luzzo, & Hutcheson, 1996). As perguntas foram elaboradas com o intuito de levar os participantes a reflectir sobre as barreiras da carreira no passado, presente e futuro. Deste modo, foi possível construir a versão inicial da entrevista semi-estruturada, constituída pelas seguintes perguntas:

- 1) *Que barreiras **teve** que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?*
- 2) *Que barreiras **têm** que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?*
- 3) *Que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar no seu futuro, para atingir plenamente as suas aspirações de carreira?*

Foram elaboradas mais duas perguntas. Uma visando identificar barreiras da carreira específicas a cada tipo de deficiência.

- 4) *Tendo em conta a deficiência que possui, quais são as barreiras que considera **específicas** da sua deficiência, para o desenvolvimento da sua carreira?*

A última pergunta pretende saber quais os sistemas de apoio que estas pessoas beneficiam para lidarem com as barreiras ao seu desenvolvimento da carreira.

- 5) *Que **sistemas de apoio** têm usado para ultrapassar as barreiras da sua carreira?*

As perguntas elaboradas vão, ao encontro da concepção sócio-cognitiva quanto à natureza das barreiras ou seja específicas a tarefas e contextos no espaço e no tempo. Dado a população alvo ser constituída por pessoas portadoras de diferentes deficiências também se avaliou se o tipo de deficiência interferia com o entendimento do que era perguntado.

4.1.2 Participantes

A entrevista inicial foi testada numa amostra piloto de 5 participantes (2 mulheres e 3 homens, com idades compreendidas entre os 29 e os 43 anos). Todos os participantes eram ex-estudantes universitários da Universidade de Évora e portadores de incapacidade. Nesta amostra as incapacidades presentes eram paralisia cerebral dois participante, auditiva um participante e visual dois participantes.

4.1.3 Procedimento

Os participantes foram contactados através do Núcleo de Apoio ao Estudante da Universidade de Évora. Esta instituição, via email, fez chegar junto dos participantes um convite (ver anexo I) à participação no estudo. O convite referia o contacto da investigadora, para o qual, os interessados deveriam responder de forma a manifestar a sua disponibilidade para participar no estudo e marcar a entrevista.

Num segundo contacto já realizado pela investigadora por telefone ou email, procedeu-se à marcação do encontro para a realização das entrevistas, para o dia, hora e local adequados, tendo em conta as necessidades dos participantes.

As entrevistas foram assim realizadas, uma na biblioteca da Universidade de Évora e outra num gabinete do apoio ao estudante, sítios estes que reuniam as condições necessárias para a realização das entrevistas, no que toca a insonorização e privacidade. Foram realizadas duas entrevistas de forma presencial, uma vez que os restantes participantes não se encontravam em Évora e não havia a possibilidade de deslocação. As restantes entrevistas foram realizadas por email. Para estes participantes, foi enviado um exemplar do guião de entrevista, ao qual estes responderam por escrito.

No início de todas as entrevistas, foram explicados mais uma vez os objectivos da investigação (estes já se encontravam no convite) e o tema que estava associado à entrevista. Foram também solicitados alguns dados de identificação (idade, género e tipo de incapacidade). Nas entrevistas presenciais, em concreto, foi pedida autorização aos participantes, para poder registar a entrevista via gravação áudio, para posterior transcrição.

Foi ainda garantido o anonimato dos participantes, aquando das transcrições das entrevistas, não constando assim os seus nomes, mas sim o número de participante.

4.1.4 Registo das entrevistas

O registo das entrevistas foi realizado através de gravação áudio em suporte digital e através das redacções elaborada pelos restantes participantes ao responder ao guião de entrevista (ver anexo, II).

4.1.5 Análise e resultados das entrevistas

A análise destas entrevistas fez-se com base nos registos das dificuldades dos entrevistados. Focou-se fundamentalmente nas dificuldades sentidas por estes em responder às perguntas e em compreender os conceitos presentes nas mesmas. Assim, foi possível constatar que as perguntas necessitavam de ter uma componente que descrevesse exemplos de situações, que pudessem demonstrar as barreiras a que os entrevistados se referiam e sentiam. Este aspecto revelou-se importante por tornar mais fácil a compreensão da barreira existente, evitando que no estudo principal se façam inferências sobre a barreira encontrada durante a análise dos resultados. Também se percebeu a importância de reformular alguns conceitos, como *desenvolvimento de carreira* e *sistemas de apoio*, pois foram conceitos dificilmente identificado concretamente pelos entrevistados, dando alguma ambiguidade às perguntas.

Através de uma breve análise das respostas dadas pelos entrevistados, foi possível perceber que a pergunta que solicita a especificidade das barreiras segundo as incapacidades, não foi percebida pelos participantes. Estes consideraram como específicas as barreiras que foram referindo ao longo da entrevista, não as tendo

como gerais. Como foram vividas pessoalmente, caracterizaram-nas como específicas. Contudo considero que esta pergunta se deve manter, uma vez que pode vir a dar uma perspectiva de qual é a percepção efectiva dos participantes relativamente às suas particularidades.

No geral, as perguntas evidenciaram validade facial uma vez que os participantes facilmente se conseguiram identificar com as perguntas e reflectir sobre as mesmas, tornando-as assim próximas da sua realidade de vida. Quanto à validade de conteúdo esta também pareceu estar presente, dado que foi encontrado um universo amplo de percepção de barreiras da carreira.

Em suma, este estudo piloto revelou que as perguntas devem sofrer algumas alterações, para as tornar mais perceptíveis relativamente a alguns conceitos específicos. Percebeu-se também a necessidade de tornar as respostas mais ricas em exemplos vívidos pelos participantes de forma evitar inferências, na análise das entrevistas futuras.

5. Estudo Principal – Percepção de barreiras da carreira em estudantes portugueses do ensino superior

O estudo principal tem como objectivos, perceber a percepção de barreira da carreira em estudantes portadores de incapacidade que frequentam o ensino superior Português, pretende-se também compreender que sistemas de apoio estes alunos utilizam para ultrapassar as barreiras que vão encontrando. Numa outra fase procuramos ter indícios das diferenças existentes entre o tipo de incapacidade e a percepção das barreiras encontradas.

Este estudo engloba assim a aplicação da entrevista semi-estruturada revista e a sua posterior análise. Para tal, irão ser criadas categorias e subcategorias que permitirão perceber quais as barreiras da carreira e sistemas de apoio identificados pela população alvo.

5.1 Participantes

Foram entrevistados 19 participantes, sendo 8 participantes alunos da Universidade de Évora, 3 da Universidade de Coimbra, 4 do Instituto Politécnico de Setúbal e 4 da Universidade de Lisboa. Nesta amostra dois participantes são

trabalhadores estudantes. Os participantes têm idades compreendidas entre os 19 e os 45 anos, onde 11 são do género feminino e 8 do género masculino. Os alunos entrevistados são alunos dos seguintes cursos Universitários: Psicologia (10), Gestão (3), Ciências da Educação (1), Geografia (1), Engenharia de sistemas de informação (1), Engenharia mecânica (1), Terapia da Fala (1) e Fisioterapia (1). Tendo sido entrevistados alunos de todos os anos da Universidade.

Neste sentido no processo de amostragem definiram-se os seguintes requisitos para os participantes: 1) ser estudante universitário; 2) ser portador de incapacidade e 3) estar geograficamente mais acessível à investigadora.

Por último, é importante referir que os participantes, são portadores das seguintes deficiências; deficiência visual (DV) sete participantes, deficiência motora (DM) sete participantes, multi-deficiência (MD) dois participantes, paralisia cerebral (PC) dois participantes e deficiência auditiva (DA) um participante.

5.1.1 Instrumentos

A partir da revisão de literatura, e dos dados recolhidos no estudo piloto, foi construída e utilizada uma entrevista semi-estruturada. Esta é constituída por cinco questões que avaliam qual a percepção de barreiras da carreira que os estudantes universitários se confrontam ou esperam vir a encontrar no futuro da sua carreira. Também foi elaborada uma questão que visa saber quais as barreiras que estes consideram específicas da sua e por último que apoios têm tido para superar as barreiras da carreira que têm encontrado ou esperam vir a encontrar.

- 1) *“No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido”.*
- 2) *“Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.”*
- 3) *“No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.”*
- 4) *“Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa**”*

deficiência, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.”

- 5) *“Que **ajudas/apoios** têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.”*

5.1.2 Procedimentos

Os participantes foram identificados através dos contactos realizados com os núcleos de apoio ao estudante ou gabinetes de apoio ao estudante das Universidades e do Politécnico. Através destas entidades, foi-lhes enviado o pedido de participação no estudo, onde constava o contacto da investigadora, o qual deviam contactar caso estivessem interessados em participar.

Num segundo contacto realizado pela investigadora via (telefone ou email), foi marcado o dia, a hora e o local mais conveniente aos participantes, onde se podia levar a cabo a entrevista.

Neste sentido, as entrevistas realizadas em Évora foram feitas em gabinetes e na biblioteca da Universidade. Em Coimbra foram realizadas num dos pólos da faculdade e em Setúbal foram realizadas numa sala cedida para o efeito. Por sua vez, em Lisboa, estas foram realizadas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, num espaço da mesma.

Os locais onde foram realizadas as entrevistas pretenderam, não só corresponder às necessidades dos entrevistados, mas também corresponder a locais onde fosse possível criar uma atmosfera adequada para que os participantes se sentissem seguros para falar livremente.

No início de cada entrevista foi novamente explicitado o tema, os objectivos e a forma de registo/gravação da entrevista. Numa primeira abordagem foram solicitados alguns dados de identificação, nomeadamente idade, género, ano que se encontrava a frequentar na universidade, o curso que frequentava e que tipo de incapacidade possuía. O anonimato dos participantes foi-lhes garantido, usando-se números que definem a ordem pelas quais foram realizadas as entrevistas e assim o número de participante, siglas que indicam qual o tipo de deficiência desse participante e o domínio temporal de cada pergunta.

A entrevista foi sofrendo algumas adaptações, dadas as incapacidades que foram sendo encontradas. Neste sentido foi adaptada para o tipo letra Verdana, tamanho 28, e impressa para que o participante conseguisse ler as perguntas e assim pudesse responder. Este facto prendeu-se com o facto de o participante possuir Multideficiência e não conseguir entender através da oralidade as perguntas. Outra entrevista foi realizada através de um computador portátil, uma vez que o participante possuía algumas dificuldades de comunicação, neste sentido usou-se o computador para que pudesse escrever as respostas às perguntas.

As perguntas procuraram ser aplicadas, segundo a ordem pré-estabelecida no guião de entrevista. Contudo, face ao tema que se tratava e à exposição de sentimentos e de situações, algumas vezes dolorosas que alguns participantes reviveram, era respeitado o ritmo de cada participante. Neste sentido as perguntas iam sendo introduzidas segundo o discurso dos mesmos, podendo ocorrer situações em que a pergunta não era totalmente respondida e era recuperada depois no decorrer do discurso. Este respeito pelo tempo e disponibilidade interna dos participantes, teve como objectivo não introduzir variáveis parasitas ao nível da relação, que pudessem criar resistências à recolha dos dados necessários.

5.1.3 Registo das entrevistas e transcrição

O registo das entrevistas foi feito através de gravação áudio em suporte digital e através da redacção no computador portátil. Assim foram registadas em áudio 18 entrevistas que foram posteriormente transcritas para computador.

A gravação não pareceu constituir um elemento estranho e inibidor do discurso dos participantes, enquanto o computador se revelou uma forma de colmatar as dificuldades do participante e assim tornar mais fácil a sua participação neste estudo.

A escolha da gravação das entrevistas, prende-se com facto de ser uma forma de fácil replicação, possibilita que facilmente se proceda a uma transcrição, não perdendo assim informação.

A transcrição das entrevistas foram devidamente classificadas tendo sido atribuído um número a cada entrevista de forma a identificar a informação de cada participante. Esta numeração decorre da ordem cronológica pelas quais foram realizadas as entrevistas.

As transcrições foram realizadas de forma integral para a forma escrita, respeitando o discurso dos participantes, utilizando-se a pontuação como recurso estilístico para expressar a entoação do discurso (ver anexo III). Não foram registados os elementos de comunicação não-verbal, por não constituir um elemento importante neste estudo, tendo-nos debruçado apenas sobre a componente verbalizada do discurso e menos sobre as emoções, paralelas ao discurso. Neste sentido os aspectos emocionais e a expressão não verbal, não foram objecto da análise de conteúdo do estudo, uma vez que este aspecto podia aumentar a subjectividade no processo de categorização das unidades de texto.

5.1.4 Metodologia de análise das entrevistas

A pesquisa qualitativa é constituída por um conjunto de práticas interpretativas de materiais que ajudam a tentar compreender diferentes fenómenos sociais.

Os estudos qualitativos, como é este o caso, usam um setting natural, tentando dar sentido ou interpretar fenómenos nos termos das significações que as próprias pessoas relatam. As pesquisas qualitativas assumem que os observadores qualificados podem, com objectividade, clareza e precisão, analisar as suas observações do mundo social, incluindo as experiências do outro, assumindo que o outro é capaz de relatar as suas próprias experiências (Denzin & Lincoln, 2005).

Este estudo irá usar uma metodologia qualitativa, análise de conteúdo, que visa conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social, que também acabam por traçar interactivamente (Almeida & Freire, 2003). Este método exige uma postura interpretativa dos comportamentos e fenómenos sociais sem perda de objectividade de análise.

A análise de conteúdo, surge neste estudo, como o método de análise das entrevistas. Esta metodologia permite decompor o discurso dos participantes em unidades de análise que, posteriormente, podem corresponder a uma categorização de fenómenos que expressam a realidade descrita pelo grupo de pessoas entrevistadas.

Esta análise de conteúdo descreve situações, mas também pode decifrar a forma como estas situações são relatadas. Uma análise empírica pode envolver vários pontos de compreensão como, a forma pela qual o fenómeno é descrito, as associações que são feitas e as possíveis relações de causalidade (Guerra, 2006).

Este método possui duas funções muito importantes e complementares. Por um lado, tem uma função heurística pois enriquece as tentativas exploratórias e aumenta a tendência para a descoberta. Aspecto este que se pretende que este estudo consiga alcançar, pois estamos perante um estudo exploratório. Por outro lado, podem ser apresentadas hipóteses sobre a forma de questões ou de afirmações provisórias que irão depois ser confirmadas ou não, pode servir assim como directriz (Bardin, 1977).

Este aspecto revela-se bastante importante uma vez, um dos objectivos deste estudo prende-se com a aquisição de algumas directrizes que possam indicar o caminho, para a construção de um instrumento que identifique a percepção de barreiras da carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade.

Para que a análise de conteúdo seja válida deve seguir as seguintes regras de selecção indicadas por Bardin (1977):

- Homogeneidade - deve haver similaridades entre os diferentes documentos ou seja estes não devem ser muito dispares dos critérios de escolha pré-estabelecidos, para permitir uma análise semelhante onde não ocorra uma perda do rigor, que foi conseguido através de procedimentos semelhantes de recolha de dados.
- Exhaustiva, esgotar a totalidade do texto ou seja não deixar de fora nenhum dos elementos, devem ser tidos em conta todos os elementos do campo de análise estabelecido.
- Representatividade, os documentos recolhidos devem corresponder a uma amostra significativa do universo.
- Exclusivas, o mesmo elemento do conteúdo seleccionado não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias distintas.
- Objectivas, dois investigadores diferentes devem chegar a resultados iguais
- Pertinentes, a selecção da porção de texto deve ir de encontro aos objectivos que motivam a investigação, assim os documentos devem ser adequados pois representam a fonte de informação.

Na presente investigação, ocorreu o cumprimento dos procedimentos de recolha de informação o que permitiu uma selecção de todas as entrevistas recolhidas, passando estas a constituir o *corpus* da análise.

Após a transcrição das entrevistas, dá-se início à análise dos dados. Esta análise inicia-se com a identificação das unidades de análise, também designadas unidades de registo. Unidade de registo é “ *a unidade de significação a codificar que corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial* ” (Bardin, 1977, p. 104).

As unidades de análise foram escolhidas com base na pertinência das mesmas e tendo em conta os objectivos desta investigação. Estas unidades de análise foram recolhidas com base no tema, “ *o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura* ” (Bardin, 1977, p. 105). O tema neste caso corresponde às barreiras da carreira, ao redor das quais o discurso se desenrola e organiza.

No presente estudo, as unidades de análise, correspondem à menor porção de texto referente ao tema procurado e com a ideia mais completa. Este critério prende identificar as barreiras da carreira percebidas pelos participantes e com estratégias de definição de categorias.

Optou-se por uma metodologia de análise dos dados por permitir (1) o acesso à narração dos percursos de vida dos participantes, sem que ocorra uma descontextualização ou fragmentação da informação, (2) comparar entre as diferentes informações encontradas, o que no nosso caso pode ser um aspecto a ter em conta uma vez, que este estudo aborda as dimensões temporais, passado, presente e futuro, podendo vir a ser relevante um cruzamento destes dados, de forma a perceber até que ponto algumas das barreiras se mantêm no tempo. A divisão em unidades de análise pareceu então ser o meio mais coerente para identificar as diferentes barreiras da carreira.

Neste passo houve a necessidade de codificar as unidades de análise, de forma a manter o anonimato dos participantes, e para que se pudesse perceber com que frequência a mesma barreira poderia aparecer referida pelos participantes, e também para perceber até que ponto essa barreira pode ser mais referida que outra. Neste sentido procedeu-se à codificação das unidades de análise, segundo os seguintes critérios:

- Cada unidade de análise deverá conter o tempo a que corresponde, ou seja Passado, Presente e Futuro, de modo a que numa posterior análise possa ocorrer um cruzamento dos dados.
- As unidades de análise devem permitir que os leitores percebam quantos participantes diferentes identificaram o mesmo tipo de barreira, assim devem conter o número da entrevista e conseqüentemente do participante a que corresponde essa entrevista. *Exemplo: (participante #1)*
- Por último, as unidades de análise devem ilustrar o tipo de incapacidade que o participante possui, para se perceber até que ponto o mesmo tipo de barreiras à progressão da carreira pode ou não ser sentido por pessoas portadoras de incapacidades diferentes. *Exemplo (participante #1, Passado, DV)*

Este sistema permite não só, identificar de uma forma mais rápida os dados obtidos, como ajuda o leitor a ter a informação necessária para a compreensão dos dados de uma forma condensada, tornando assim a sua compreensão mais simples.

O passo seguinte na análise de conteúdo, quando se quer codificar o material anteriormente identificado, realiza-se através de um sistema de categorias. *“O desenvolvimento de categorias é um momento essencial no tipo de pesquisa qualitativa representa um processo de constante produção de pensamento, este não avança sem os momentos de integração e generalização que representam as categorias”* (Rey, 2000, p. 119).

Concretamente e de uma forma prática *“a codificação corresponde a uma transformação efectuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices”* (Bardin, 1977, p.103).

A categorização quantitativa e categorial compreende três fases. A primeira fase corresponde ao recorte que se designa pela escolha das unidades; a segunda fase é a enumeração onde se escolhem as regras de contagem e a terceira e última fase é a classificação e a agregação onde se procede à escolha das categorias.

As categorias correspondem assim a rubricas ou classes, nas quais se organizam um grupo de elementos com características comuns, sob um título genérico. A categorização tem assim como objectivo, fornecer uma condensação da informação e uma representação simplificada, dos resultados recolhidos na sua forma inicial.

Segundo Bardin, podem existir categorias boas e más, para que as categorias sejam boas estas devem possuir algumas características como:

- Exclusão mútua, onde cada elemento não deve existir em mais que uma divisão, um elemento não pode ter vários aspectos para que não ocorra a sua classificação em categorias diferentes.
- Homogeneidade, deve haver um único princípio de classificação deve mediar a organização das categorias. Diferentes níveis de análise devem ser separados.
- Pertinência *“uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido”* (Bardin, 1977, p. 120).
- Objectivo e a fidelidade, diferentes partes do mesmo material, inseridos na mesma rede categorial, devem ser categorizadas da mesma forma, mesmo quando são submetidas a várias análises distintas. Devem estar bem definidas as características que fazem um elemento entrar para uma categoria.
- Produtividade, um conjunto de categorias deve fornecer resultados para se tornar produtivo.

As categorias que foram construídas neste estudo, pretenderam corresponder às regras definidas por Bardin. Para a construção do presente sistema de categorias procederam-se aos seguintes passos. A primeira leitura das entrevistas e os objectivos da investigação, foram o ponto de partida para a criação das categorias. De seguida, a constatação da existência de diferentes barreiras, percebidas pelos participantes, possibilitou que se criassem categorias que pudessem traduzir os tipos de barreiras apresentadas. As categorias surgiram assim da análise das entrevistas.

A formação das categorias procurou respeitar os seguintes critérios, para que estas fossem coerentes, precisas e operacionais. Procurou-se que todas as categorias tivessem designações curtas e que fossem ao encontro do próprio discurso dos participantes, ou seja procurou-se pegar nas palavras dos próprios participantes para atribuir o nome às categorias. Para cada categoria foi criada uma definição operacional, indicando o motivo da sua criação.

As subcategorias, presentes em cada categoria, correspondem a um nível mais discriminativo do sistema de categorias, sendo exclusivas em cada tempo de análise. As categorias podem-se encontrar repetidas em diferentes tempos de análise, pois encontramos-nos a analisar o passado, presente e futuro das barreiras percebidas pelos participantes, podendo estas ser ou não constantes no tempo.

5.1.5 A análise das entrevistas

A totalidade das entrevistas realizadas aos estudantes, acerca das suas percepções de barreiras da carreira, depois de analisadas, deram origem a diferentes unidades de análise, que foram codificadas segundo diferentes categorias e subcategorias. As categorias que se seguem foram discutidas num grupo de três pessoas (Estudante de Psicologia a frequentar o 5º ano da Universidade, a investigadora e um Professor Universitário da área de Psicologia). Numa fase inicial os dois primeiros juízes juntaram-se após terem ambos separadamente criados categorias de análise. Neste encontro, ambos apresentaram as categorias de análise elaboradas, tendo chegado a um consenso e a uma única lista de categorias. Esta última lista foi apresentada ao terceiro membro do grupo, o consultor de investigação. Nesta segunda fase, as dúvidas que os juízes tinham foram discutidas, até os três membros chegarem a um consenso sobre as categorias.

Recorreu-se à utilização de juízes para a criação das categorias, para que houvesse mais objectividade neste ponto do estudo. Procurou-se assim chegar a um ponto de saturação onde a opinião sobre o material recolhido fosse unânime. Este aspecto possibilitou também uma análise e verificação constante dos dados, levando a constantes interrogações e reflexões, que possibilitaram retirar algumas inferências que pudessem existir sobre os dados.

O consenso deu origem a 12 categorias para a dimensão de análise Passado, 11 categorias na dimensão Presente e 8 categorias identificadas no Futuro. Para a

temática sistemas de apoio foram identificadas 7 categorias (ver anexo IV). Estas categorias passam a ser apresentadas e definidas.

Definição das categorias referentes ao Passado:

- *Falta de técnicos especializados*: Refere-se à falta de técnicos com formação específica para apoiar nas dificuldades dos participantes;
- *Limitações no material pedagógico*: Diz respeito à falta de materiais específicos para os alunos portadores de deficiência e dificuldade de acesso a materiais;
- *Dificuldades em sala de aula*: refere-se a dificuldades no acompanhamento do conteúdo das aulas e à posição dentro da sala de aula;
- *Mobilidade*: está ligado a dificuldades de deslocação dentro da Universidade, entre os diferentes edifícios da mesma e com dificuldades de acesso aos transportes públicos;
- *Barreiras arquitectónicas*: Refere-se às diferentes barreiras físicas impeçam os acessos a determinados edifícios;
- *Falta de preparação dos agentes educativos*: encontra-se relacionada com, atitudes pouco positivas face à integração de pessoas portadoras de incapacidade e com processos de inclusão pouco claros. Está também relacionado com a falta de preparação dos professores em receber alunos portadores de incapacidade.
- *Incompreensão da incapacidade por colegas e professores*: refere-se à não-aceitação da incapacidade pelos colegas de trabalho, desvalorização das dificuldades, insensibilidade aos direitos dos alunos portadores de incapacidade.
- *Dificuldades vocacionais*: está relacionado com as restrições vocacionais a que estas pessoas muitas vezes estão sujeita.
- *Desconhecimento do meio envolvente*: refere-se ao desconhecimento do espaço Universitário e ao desconhecimento dos colegas.

- *Falta de apoio*: está relacionado com o afastamento familiar e a falta de apoio nas adaptações às condições de avaliação em contexto Universitário.
- *Baixa auto-estima*: está relacionado, com medo da reacção dos outros, vergonha, não-aceitação da própria incapacidade e insegurança na relação com o outro.
- *Discriminação*: está relacionado com discriminação na progressão da carreira, discriminação em entrevista de selecção, rejeição dos colegas, ser gozado pelos colegas, estigmatização e preconceito.

Definição das categorias referentes ao Presente:

- *Limitações no Material pedagógico*: diz respeito à falta de materiais adaptados às necessidades dos alunos, às dificuldades de acesso a material pedagógico e dificuldades de acesso a tecnologias.
- *Dificuldades económicas*; está relacionado com poucos recursos económicos e o preço elevado das propinas no ensino Universitário.
- *Barreiras arquitectónicas*; refere-se às diferentes barreiras físicas que possam existir que impeçam os acessos a determinados locais e também a barreiras arquitectónicas em local de trabalho.
- *Mobilidade*; refere-se a dificuldades de deslocação dentro da Universidade, entre os diferentes edifícios da mesma e com dificuldades de acesso aos transportes públicos.
- *Falta de apoio*; está relacionado com a falta de estruturas de apoio na escola e com a perda de apoios estatais.
- *Incompreensão da incapacidade pelos professores*, está relacionado com a falta de sensibilidade na comunicação para com o aluno, insensibilidade, descrença nas capacidades dos alunos e falta de interesse por parte dos professores.
- *Discriminação*; está relacionado com rejeição dos professores relativamente a alunos portadores de incapacidade nas suas aulas.

- *Dificuldades em sala de aula*; está relacionado com dificuldades em visualizar o quadro e com dificuldades em comunicar com os professores.
- *Dificuldades no exercício do trabalho*; relacionado com a falta de adaptação da avaliação desempenho em locais de trabalho e dificuldades no desempenho das funções.
- *Baixa auto-estima*; caracterizado pelo facto de ocorrerem sentimentos de inferioridade e insegurança na relação com o outro.
- *Dependência*; está relacionado com a dependência física que os participantes sentem em relação ao outro.

Definição das categorias referentes ao Futuro.

- *Dificuldades na entrada no mundo do trabalho*; está relacionado com as dificuldades em ter um emprego.
- *Limitações no material de trabalho, aborda dificuldades de material e de comunicação em local de trabalho.*
- *Discriminação no acesso ao trabalho*; referente a discriminação em processos de selecção, falta de abertura das empresas, não-aceitação do mercado de trabalho. Está também relacionado com dificuldades em ser aceite em locais de trabalho, discriminação por parte de superiores, discriminação na progressão da carreira e dificuldades de integração também em local de trabalho.
- *Limitação nas escolhas profissionais*; trata-se de restrição de alternativas
- *Barreiras arquitectónicas*; está relacionado com as barreiras físicas
- *Incompreensão da incapacidade pelos professores* está relacionada com a falta de sensibilidade dos professores.
- *Baixa auto-estima*; está relacionado, com dificuldades na relação com o outro e com falta de confiança.

- *Dependência física*; onde se aborda a dependência física do outro e o agravamento da própria deficiência.

Definição das Categorias referentes aos apoios:

- *Apoios pedagógicos*; está relacionado com apoios nas aulas e apoio das estruturas escolares e apoio dos professores.
- *Adequação das formas de avaliação*; aborda a adaptação dos exames nacionais às necessidades dos alunos e adaptação dos testes escolares.
- *Apoio dado pelas Universidades*; está relacionado com apoios provindo dos núcleos de apoio ao estudante e bolsas de estudo e motorista dos serviços de acção social.
- *Apoio de pessoas significativas*; está ligado ao apoio dado pelos amigos, familiares e colegas de trabalho.
- *Apoio das tecnologias*; onde se enquadram apoios ligados a softwares, internet.
- *Apoio de entidades sociais*; onde estão representadas várias instituições que apoiam pessoas portadoras de deficiência.
- *Apoio psicológico*; apoio de um psicólogo.

Relativamente à pergunta “*Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira tem encontrado ou espera vir a encontrar como, específicas dessa deficiência, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.*” Esta demonstrou não revelar, especificidades, ou seja poucos foram os participantes que perante esta pergunta mencionaram barreiras específicas, tendo sim mencionado barreiras em geral, considerando também que as mencionadas nas perguntas anteriores já respondiam a esta questão. O mesmo aconteceu no estudo piloto. Neste sentido, optou-se por não analisar esta pergunta, não tendo sido categorizada. Contudo, dado que foram mencionadas barreiras, considerou-se importante não negligenciar estes dados, tendo estas barreiras sido inseridas da dimensão temporal,

presente e futuro de acordo com o discursos dos participantes. Estas barreiras continuam a ser apresentadas, com o código de específicas, para que o leitor consiga identificá-las, embora estas não revelassem o que era esperado, com a pergunta.

5.2 Análise e Discussão dos Resultados

De modo a facilitar a apresentação dos resultados e evitar redundâncias, os resultados são apresentados e discutidos em simultâneo. Numa primeira fase, os dados serão apresentados e descritos por domínio temporal, ou seja passado, presente e futuro. Procura-se demonstrar quais as categorias que apresentam o maior número de unidades de análise. Não deixaram de ser apresentadas e discutidas as categorias que apresentam poucas unidades de análise, uma vez que é objectivo deste estudo fazer um levantamento das mesmas. Neste sentido, as categorias que apresentam poucas unidades de análise, referidas pelos participantes, não deixam de ser entendidas como percepções de barreiras da carreira, revelam é não ter uma incidência elevada na amostra estudada. Num segundo momento será realizado um cruzamento dos dados de forma a compreender se a percepção de barreiras da carreira se mantém ou se altera ao longo do tempo.

Posteriormente procura-se de uma forma sintética, perceber que tipos de incapacidade nomearam as categorias com mais unidades discursivas. Procurando algumas pistas para entender se a incapacidade pode ter influência na percepção de barreiras da carreira. Por fim faz-se a análise relativamente aos sistemas de apoio mencionados pelos participantes.

5.2.1 Barreiras da Carreira no Passado

Antes de apresentar os resultados relativos à percepção de barreiras no passado, importa frisar que alguns participantes, começaram por falar num passado mais longínquo. Recuaram para o tempo do Ensino secundário e até para níveis de ensino mais baixos e falaram das barreiras que foram tendo até à entrada na Universidade. Por outro lado, outros participantes, começaram por nomear as suas barreiras a quando da entrada na Universidade e dos seus primeiros anos neste nível de ensino.

Estas diferenças parecem estar relacionadas, com as experiências significativas de cada participante pois estes eram livres de iniciar o discurso no ponto passado que lhes surgisse no momento.

As tabelas seguintes, mostram uma síntese dos dados qualitativos e quantitativos que foram encontrados relativamente à dimensão temporal, Passado. Na primeira (ver tabela 1) será possível ver todas as categorias e subcategorias que foram encontradas através da análise das entrevistas e uma unidade de análise para ilustrar cada subcategoria. Por sua vez na segunda tabela (ver tabela 2) está presente o número de unidades de análise encontradas para cada categoria estando também discriminado o número de unidades de análise por subcategoria, de forma a tentar perceber quais são as barreiras mais frequentes, percebidas pelos alunos.

Tabela 1

Síntese dos dados qualitativos Passado

Categoria e subcategoria	Exemplo de unidades de análise.
Falta de técnicos especializados	
<i>Falta de professor de mobilidade</i>	(...) não havia professores de mobilidade que se pudessem deslocar à minha escola(..)(participante # 1, passado, DV)
Limitações do material pedagógico	
<i>Falta de material específico</i>	(...) falta de material específico, nomeadamente bibliografia. (participante # 2, passado, DV)
<i>Dificuldade de acesso a materiais</i>	(...) acesso a alguma informação de livros e documentos sempre foi mais difícil (...).(participante, #12, passado, DV)
Dificuldades em Sala de aula	
<i>Posição dentro da sala de aula</i>	“Até ao 12º sempre tive alguns problemas, dentro da sala porque a posição que estava dentro da sala (...)”(participantes, #19, passado, DA)
<i>Dificuldade em</i>	“Os meus principais problemas foram esses de

Tabela 1. (continuação)

<i>acompanhar as aulas</i>	dificuldade em acompanhar as aulas (...)”(participante, #16, passado, DV)
Mobilidade	
<i>Deslocações na Universidade</i>	“(...) tem sido muito a nível das distâncias (...) dos edifícios uns dos outros” (participante #3, passado, DM)
<i>Dificuldade de acesso a transportes públicos</i>	“Para mim a maior dificuldade (...) é nos transportes” (participante, #11, passado,PC)
Barreiras arquitectónicas	
<i>Estruturas físicas</i>	“Depois, também a escola inicialmente não tinha elevador eu tinha aulas no primeiro e segundo piso” (participante #7, passado, DM)
Falta de preparação dos agentes educativos	
<i>Atitude pouco positiva face à integração</i>	“(...) não estavam, propriamente à espera que fosse para lá um aluno invisual, nem preparados para isso” (Participante 4#, passado, DV)
<i>Processos de inclusão pouco claros</i>	“(...)a faculdade não conseguiu preparar devidamente o meu processo (...) muita confusão, as pessoas não sabiam que fazer, como é que haviam de seguir o processo (...)” (participante #7, passado, DM).
<i>Falta de preparação dos professores</i>	“(...) Havia muita discussão se eu tinha direito a mais tempo (...) mas naquela altura nem todos os professores sabiam (...) e depois havia aquela coisa, à eu não sei nada disso não tenho conhecimento” (participante, #7, passado, DM)”

Tabela 1. (continuação)

**Incompreensão da
incapacidade por
colegas e professores**

*Não-aceitação da
incapacidade pelos
colegas de trabalho*

“(...) depois disse os problemas que tinha e eles não acreditaram (...) disseram que eu não fazia o trabalho porque não queria” (participante #10, Passado, MD)

*Desvalorização das
dificuldades*

“E no trabalho era não acreditarem nas minhas dificuldades” (participante #10, Passado, MD)

*Insensibilidade aos
direitos*

“(...) barreiras mais ao nível, das pessoas aceitarem que as pessoas com deficiência tem certos direitos (...)” (participante #15, passado, DV)

**Dificuldades
vocacionais**

Restrições vocacionais

“(...) Principalmente comecei com a escolha do curso (...)” (participante, #6, passado, MD)

**Desconhecimento do
meio envolvente**

*Desconhecimento do
espaço Universitário*

“A principal barreira foi, quando entrei para a Universidade para um lugar que me era totalmente desconhecido” (participante # 2, passado, DV)

*Desconhecimento dos
colegas*

“(...) integrar-me aqui, não conhecia ninguém” (participante #6, passado, MD)

Falta de apoio

Afastamento da família

“(...) estive que estar longe dos meus pais (...) só ia a casa aos fins-de-semana, isto com seis anos. (participante, # 4, passado DV)

Tabela 1. (continuação)

<i>Falta de apoio na adaptação às condições de avaliação</i>	“ (...) tinha alguém que tratava dos assuntos relacionados com as deficiências (...) Agora sou eu que tenho que tratar disso (...) e isso foi um bocado complicado.” (participante, #14, passado DV)
Baixa auto-estima	
<i>Vergonha</i>	“Eu tinha muita vergonha de dizer que não ouvia” (participante #10, Passado, MD)
<i>Medo da reacção dos outros</i>	“(...) senti medo porque não sabia como é que as pessoas iam reagir. Se me iam por algum problema ou não”. (participante, #11, passado, PC)
<i>Não-aceitação da própria incapacidade</i>	“ Também tive que passar por aceitar a surdez, aceitar ter baixa visão (...)”(participante #6, passado, MD)
<i>Insegurança na relação com o outro</i>	“Sinto-me insegura na relação com os outros (...)”(participante, #11 passado, PC)
Discriminação	
<i>Discriminação na progressão de carreira</i>	“(...) se uma pessoa tem alguma deficiência não aceitam essa pessoa, mesmo na progressão da carreira.” (participante #10, Passado, MD)
<i>Discriminação em entrevista de selecção</i>	“(...) quando ia à entrevista, dizia o que se passava na minha vida e ficava eliminado, isso doía-me muito.” (participante #10, Passado, MD)
<i>Rejeição dos colegas</i>	“Eu na escola era metido de parte (...)”(participante #10, Passado, MD)
<i>Ser gozado pelos colegas</i>	“A nível pessoal muitas das vezes era gozada (...)”(participante #8, passado, DM)
<i>Estigmatização</i>	“ (...) muitas das vezes as pessoas achavam que por eu andar em cadeira de rodas não seria capaz

Tabela 1. (continuação) (...)”(participante, #8, passado, DM).

Preconceito	“Até aos 9 anos tive que ultrapassar, assim, muito preconceito das pessoas (...)” (participante,#13, passado, PC)
-------------	---

Tabela 2:

Síntese dos dados quantitativos Passado

Categoria e subcategoria	Frequência de unidades de análise, por Categoria e subcategoria N= (19)
Falta de técnicos especializados	1
<i>Falta de professor de mobilidade</i>	1
Limitações do material pedagógico	3
<i>Falta de material específico</i>	1
<i>Dificuldade de acesso a materiais</i>	2
Dificuldades em Sala de aula	5
<i>Posição dentro da sala de aula</i>	2
<i>Dificuldade em acompanhar as aulas</i>	3
Mobilidade	4
<i>Deslocações na Universidade</i>	2
<i>Dificuldade de acesso a transportes públicos</i>	2
Barreiras arquitectónicas	5
<i>Estruturas físicas</i>	5
Falta de preparação dos agentes educativos	5
<i>Atitude pouco positiva face à integração</i>	1
<i>Processos de inclusão pouco claros</i>	1
<i>Falta de preparação dos professores</i>	3

Incompreensão da incapacidade por colegas	5
Table 2 (continuação)	
<i>Não-aceitação da incapacidade pelos colegas de trabalho</i>	1
<i>Desvalorização das dificuldades</i>	3
<i>Insensibilidade aos direitos</i>	1
Dificuldades vocacionais	2
<i>Restrições vocacionais</i>	2
Desconhecimento do meio envolvente	3
<i>Desconhecimento do espaço Universitário</i>	2
<i>Desconhecimento dos colegas</i>	1
Falta de apoio	2
<i>Afastamento da família</i>	1
<i>Falta de apoio na adaptação às condições de avaliação</i>	1
Baixa auto-estima	6
<i>Vergonha</i>	1
<i>Medo da reacção dos outros</i>	1
<i>Não-aceitação da própria incapacidade</i>	3
<i>Insegurança na relação com o outro</i>	1
Discriminação	10
<i>Discriminação na progressão de carreira</i>	1
<i>Discriminação em entrevista de selecção</i>	1
<i>Rejeição dos colegas</i>	2
<i>Ser gozado pelos colegas</i>	3
<i>Estigmatização</i>	2
<i>Preconceito</i>	1

Através dos dados apresentados, podemos perceber que, relativamente ao passado, as barreiras mais frisadas pelos alunos são representadas pelas seguintes seis categorias: Dificuldades em sala de aula, Barreiras arquitectónicas, Falta de preparação dos agentes educativos, Incompreensão da incapacidade por colegas e professores, Baixa auto-estima e Discriminação. A categoria que se apresenta mais frisada pelos participantes no passado é a Discriminação.

De seguida será feita uma análise detalhada dos dados referentes ao domínio Passado.

Neste domínio encontram-se barreiras relacionadas com o Ensino Aprendizagem que envolvem, a falta de material específico e dificuldades em ter acesso a determinados materiais.

*“Muitas vezes, ter acesso a alguma informação de livros e documentos sempre foi mais difícil que as outras pessoas.”
(participante, #12, passado, DV)*

Muitos dos materiais de estudo, não se encontram adaptados às suas necessidades, não conseguindo estes alunos, em alguns casos, ter acesso a alguns livros. Contudo esta é uma categoria que não se encontra representada por muitas unidades de análise, tendo registado apenas três, o que pode indiciar que no passado, esta não foi uma barreira frequentemente sentida pela maioria dos participantes presentes nesta amostra.

No âmbito do ensino aprendizagem são também apontadas dificuldades em sala de aula, nomeadamente a posição dentro da sala, dificuldades no acompanhamento das aulas e na participação nas mesmas.

“Desde a primária que tenho problemas em ver as coisas no quadro. Tinha que me levantar bastantes vezes para ir perto do quadro e ver as letras.” (participante, #16, passado, DV)

Esta é uma categoria que se encontra representada por cinco unidades de análise, podendo mostrar que as dificuldades dentro da sala de aula são um aspecto que se torna mais frequente. As experiências que podem existir em sala de aula parecem encontrar-se algumas vezes, diminuídas, por aspectos relacionados com a

incapacidade, mas também por faltas de meios que proporcionem alternativas ao modo de leccionar as aulas de forma a chegar a todos os alunos.

Dentro das questões escolares, a categoria falta de preparação dos agentes educativos que se encontra representada por cinco unidades de análise, aponta para a existência de barreiras relacionadas com atitudes pouco positivas à integração dos alunos, ou seja processos de inclusão pouco claros e falta de preparação dos professores para receber alunos portadores de incapacidade nas suas aulas.

“ Quando vim para cá, foi difícil porque era o primeiro caso no meu curso, nunca tinham tido um aluno invisual no meu curso os professores não sabiam bem como lidar com a situação, nem sabiam como haviam de fazer.” (Participante 4#, passado, DV)

Segundo Fichten (1998) quando os professores experienciam o primeiro encontro com um aluno portador de incapacidade, eles algumas vezes não sabem o que dizer, nem que técnicas de ensino mais eficazes existem para ensinar alunos com incapacidade. Este aspecto pode, prender-se com o desconhecimento por parte dos professores, dos direitos que estes alunos têm ao seu dispor, nomeadamente mais tempo para a realização dos seus testes, desconhecimento das próprias incapacidades e neste sentido das necessidades específicas que estes alunos podem ter. Assim, pode existir uma falta de preparação dos serviços para receber estes alunos, e pode indicar que não existe uma antecipação da sua chegada.

A falta de professores especializados, sobretudo professor de mobilidade, também foi um ponto apontado, a carência de verbas para que estes professores se desloquem acabam por ser um entrave, a aprendizagens extremamente necessárias, que podem vir a condicionar alguns aspectos da vida dos alunos no futuro.

Ainda dentro das questões direccionadas para o meio escolar, a categoria incompreensão da incapacidade por colegas e professores, encontra-se representada de forma moderada. É um factor que parece ter alguma relevância neste domínio temporal. Dentro desta categoria, estão presentes a não-aceitação da incapacidade por parte dos colegas de trabalho, desvalorização das dificuldades e insensibilidade aos direitos.

“Quando os professores me davam primeiro a mim os textos para tirar fotocópias ampliadas e depois é que distribuía pelos

meus colegas isso era um problema”. (participante #15, passado, DV)

O desconhecimento das incapacidades pode levar ao desrespeito e a preconceitos infundados, o estigma da incapacidade pode-se revelar um condicionante.

O desconhecimento do meio envolvente surge também como uma barreira percebida pelos participantes e traz bem saliente a fase de transição do Ensino Secundário para a Universidade. O desconhecimento do Ensino Superior foi um ponto apontado pelos participantes como tendo sido uma barreira. Associado a este facto encontra-se também o desconhecimento dos colegas. Esta é uma categoria pouco destacada pelos participantes deste estudo.

Este é um ponto, que pode ser considerado transversal a todos os alunos, portadores ou não portadores de incapacidade. Contudo, este desconhecimento do meio envolvente, toma outra dimensão quando nos referimos a estes alunos, pois a dificuldade de adaptação e a forma como essa adaptação tem que ser realizada envolve aspectos complexos. Deste aspecto se depreende que alguns alunos tenham frisado o momento da entrada para a Universidade como uma barreira, pelo desconhecimento dos locais, a barreira não é assim a entrada para a Universidade, mas a forma como esta entrada é feita. Este aspecto pode indicar a necessidade de se proceder a um processo de transição cuidada, para estes alunos.

Relacionado também com este momento de transição e de escolhas profissionais, encontramos barreiras relacionadas com dificuldades vocacionais, nomeadamente restrições vocacionais, que se encontram relacionadas com a escolha do curso tendo em conta as incapacidades que possuem e as exigências feitas pelo Ministério da Educação, nomeadamente os pré-requisitos que alguns cursos possuem.

“Quando escolhi o curso, esta talvez tenha sido a minha grande barreira porque não a consegui ultrapassar. Eu queria seguir Terapia Ocupacional, (...) e não pude entrar por causa dos pré-requisitos porque eles diziam que as pessoas não podiam ter qualquer tipo de deficiência.” (participante # 1, passado, DV)

Num âmbito mais físico surgiram também barreiras relacionadas, com aspectos arquitectónicos, que envolvem a falta de adaptação dos edifícios nomeadamente das

escolas para receber alunos portadores de incapacidade. Esta é uma categoria que se encontra representada por cinco unidades de análise. Podendo mostrar que as barreiras arquitectónicas são um aspecto sentido e moderadamente frequente para estes alunos.

“Depois também, a escola inicialmente não tinha elevador, eu tinha aulas no primeiro e segundo pisos” (participante #7, passado, DM)

Também foram salientadas as barreiras referentes à mobilidade nomeadamente o acesso aos transportes públicos e à falta de adaptação destes transportes, para que estes alunos possam usufruir destes serviços. As barreiras arquitectónicas e de mobilidade são aspectos que podem condicionar, a independência destes alunos e a sua deslocação. Os alunos necessitam da ajuda do outro, perante a existência destas barreiras arquitectónicas.

“Para mim a maior dificuldade (...) é nos transportes” (participante, #11, passado, PC)

São também barreiras que mostram a falta de igualdade de oportunidades, sendo aspectos segregadores e que podem levar à falta de participação na sociedade. *“As barreiras existentes devem ser entendidas como potenciais factores de exclusão social, que acentuam preconceitos e criam condições propícias a práticas discriminatórias, prejudicando as pessoas com deficiências ou incapacidade, vedando-lhes, assim, o direito e o acesso à participação aos mais variados meios e conteúdos existentes na sociedade portuguesa”* (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006 p.43). Neste caso os aspectos mais salientes estão relacionados com os acessos dentro dos próprios estabelecimentos de ensino.

A falta de apoio, também se encontra mencionada como uma barreira. Esta categoria está representada por duas unidades de análise, não sendo assim uma categoria muito expressiva neste domínio temporal.

Por sua vez a categoria discriminação, encontra-se representada por dez unidades de análise, sendo a categoria que compreende mais unidades de texto neste domínio temporal. Dentro desta categoria encontramos vários tipos de discriminação

percepcionados pelos participantes; discriminação na progressão da carreira, discriminação em entrevistas de selecção. Este facto, prende-se com existência de trabalhadores estudantes na amostra, uma vez que estes já viveram experiências no mundo do trabalho ligadas à existência de barreiras à progressão da sua carreira.

“Eu fui a concursos para bancos, onde faziam inicialmente abordagem aos testes e ficava sempre nos primeiros cinco e depois quando ia à entrevista, dizia o que se passava na minha vida e ficava eliminado, isso doía-me muito” (participante #10, Passado, MD)

Encontra-se também discriminação relacionada com rejeição dos colegas, ser gozado pelos colegas, estes aspectos surgem antes da sua entrada no ensino superior.

*“Havia também alguma distância, por parte dos colegas. ”
(participante #7, passado, DM)*

Nesta fase o relacionamento entre pares parece não ser muito satisfatório, uma vez que dadas as suas incapacidades, alguns destes alunos apontam ser colocados de parte. O relacionamento entre pares e a socialização em si desempenha funções importantes ao nível do desenvolvimento da carreira, nomeadamente o proporcionar de novas experiências e o confronto dessas experiências com os seus interesses e valores. Os processos de exploração que estão associados a esta fase do desenvolvimento, são sobretudo processos de relacionamento da pessoa com o meio (físico, relacional e social), que são peças chave para a formação de futuros projectos de vida (Taveira, 2000).

Se o meio envolvente desta população é percepcionado por eles próprios como discriminatório e desvalorizante das suas capacidades, este aspecto pode não levar ao desenvolvimento da segurança necessária para explorar o meio envolvente. Este aspecto pode assim condicionar, a aquisição de uma consciência elevada dos seus interesses e da forma como estes podem ser expressos através da elaboração de projectos de vida. A socialização, desempenha assim, um papel importante na formação da identidade, pois estas experiências podem proporcionar sentimentos de confiança necessários para que estes possam explorar os seus interesses e valores (Taveira, 2000). Por último esta categoria comporta também a percepção da

estigmatização e o preconceito, como barreiras à sua progressão de carreira, aspecto este relacionado com o que foi mencionado anteriormente.

Como último, neste âmbito temporal, registámos a baixa auto-estima como uma barreira, que corresponde a aspectos ligados com vergonha, não aceitar a incapacidade, insegurança na relação com o outro e medo da reacção dos outros. Esta categoria está representada por seis unidades de análise, sendo também uma categoria que demonstra alguma frequência.

“Penso que uma pessoa tem sempre algumas dificuldades em assumir o problema que tem (...)”. (participante, #19, passado, PC)

Os processos que envolvem o desenvolvimento da carreira segundo uma perspectiva Sócio-Cognitiva, apontam para a importância dos sentimentos de auto-eficácia e de auto-estima podem ter para um bom desenvolvimento da carreira. Neste sentido, uma auto-percepção negativa ou considerada baixa, pode levar os sujeitos a percepcionarem mais barreiras à progressão da sua carreira. Este pode ser um aspecto que se encontra relacionado com a população deste estudo.

As barreiras que foram percepcionadas pelos participantes no passado, demonstram um leque bastante vasto, não se debruçando apenas por uma temática, envolvendo não só aspectos que podem estar relacionados com os próprios participantes em si, como com o ambiente que os rodeia e que estes não podem controlar.

5.2.2 Percepção das Barreiras no presente

Relativamente ao presente, situação actual vivida pelos participantes, enquanto estudantes Universitários, estes percepcionam como sendo barreiras à progressão da sua carreira, diferentes barreiras, à semelhança do que aconteceu no domínio temporal Passado. A (ver tabela 3), representa os dados qualitativos deste domínio temporal, por sua vez a tabela 4 apresenta os dados quantitativos.

Tabela 3

Dados qualitativos referentes ao Presente

Categoria e Subcategoria	Exemplo de unidades de texto.
Limitações de material pedagógico	
<i>Materiais não adaptados</i>	“Aqui senti mais, porque para já não temos os materiais todos adaptados como temos lá.” (participante, #1, presente, DV)
<i>Dificuldade de acesso a informação pedagógica</i>	“Dificuldades no acesso a algum tipo de informação, a coisas mais específicas do curso, da minha área.” (participante, #4, específicas, DV)
<i>Dificuldade de acesso a tecnologias</i>	“ (...) acontece também, é que, há certos materiais, o computador, e scanners (...) são materiais muito caros, e a maioria de nós não tem acesso a eles” (participante, #1, presente, DV)
Dificuldades Económicas	
<i>Preço das propinas/ dificuldades económicas</i>	“(…) a principal barreira, que é uma dificuldade comum é o preço das propinas elevado (...)”(participante, #2, presente, DV).
Barreiras arquitectónicas	
<i>Barreiras físicas</i>	“As salas as mesas não dá para entrar a cadeira, eu faço muitos dos testes no colo (...)”(participante, #7, presente, DM)
<i>Barreiras arquitectónicas em local de trabalho</i>	“(…) são instituições onde eu não posso entrar, por ter poucas acessibilidades para mim” (participante, #8, específicas, DM)
Mobilidade	
<i>Deslocações entre pólos da Universidade</i>	“Uma das barreiras (...) tem vindo a ser uma constante da Universidade. é os pólos da Universidade serem de certa forma dispersos (...)”(participante, #2, específicas, DV)

Tabela 3. (continuação)

<i>Dificuldade de transporte</i>	“(...) é uma das dificuldades o transporte, os auto-carros não terem acesso, nem formas de transportar.” (participante, #7, presente, DM)
Falta de apoio	
Falta de estruturas de apoio na escola	“Em termos do âmbito da escola cá dentro, não houve nada que eu sentisse um apoio vindo do próprio ensino (...)” (participante, #19, presente, DA)
Perda de apoios estatais	“A nível de apoio estatal, cada vez estão a tirar mais (...)”(participantes, #5, Presente, DM)
Incompreensão da incapacidade pelos professores	
<i>Falta de sensibilidade na comunicação</i>	“ (...) E acabam por, a meio da aula, se esquecerem e andam de um lado para o outro, apesar de eu precisar que estejam lá à frente, e que falem de vagar (...)” (participante, #6, presente, MD)
<i>Insensibilidade</i>	“Eu penso que alguns professores, não ligam muito ao meu problema (...)”(participante, #19, presente DA)
<i>Descrença nas capacidades</i>	“Sinto que há professores que acham que eu não consigo fazer isto e assim não vale a pena estar a ajudar.” (participantes, #6, presente, MD)
<i>Falta de interesse dos professores</i>	“(...) preciso do dobro do tempo para ler, preciso de ampliações, e há muitos professores que não se interessam por isso, não querem mesmo saber” (participante, #6, presente, MD)
Discriminação	
<i>Rejeição dos professores</i>	“Depois sinto que alguns professores ainda ficam um pouco relutantes em ter um aluno na sala de aula com deficiência (...)” (participante, #1, presente, DV)
 Dificuldades em sala de aula	

Tabela 3. (continuação)

<i>Dificuldade em visualizar o quadro da sala</i>	“É a mesma situação, é o quadro (...)”(participante, #16, presente, DV)
<i>Dificuldade em comunicar com os professores</i>	“Outra barreira é a comunicação com os professores que não me conseguem perceber bem (...)”(participante, #11, presente, DM)
Dificuldades no exercício do trabalho	
<i>Dificuldade no desempenho das funções</i>	“(...) muitas vezes sentia algumas dificuldades quando estava com alguns utentes (...)”(participante, #19, presente, DA)
<i>Falta de adaptação de avaliação em local de trabalho</i>	“(...) no meu local é uma avaliação, que é igual para todos, se eu tivesse mais tempo (...)”(participante, #10, específicas, DM)
Baixa auto-estima	
<i>Sentir-se inferiorizado</i>	“É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer. Sinto-me inferiorizado.” (participante, #17, presente, DM)
<i>Insegurança na relação com outros</i>	“Às vezes tenho medo que as pessoas, devido ao meu problema, não me entendam (...)”(participante, #11, presente DM)
Dependência	
<i>Dependência física</i>	“E é a dependência sempre de querer ir ali, querer ir além e estar sempre dependente de alguém (...)”(participante, #5, específicas, DM)

Tabela 4*Dados quantitativos relativos ao Presente*

Categoria e Subcategoria	Frequência de unidades de texto, por Categoria e subcategoria N= (19)
Limitações de material pedagógico	10
<i>Materiais não adoptados</i>	4
<i>Dificuldade de acesso a informação pedagógica</i>	3
<i>Dificuldade de acesso a tecnologias</i>	3
Dificuldades Económicas	2
<i>Preço das propinas/ dificuldades económicas</i>	2
Barreiras arquitectónicas	13
<i>Barreiras físicas</i>	12
<i>Barreiras arquitectónicas em local de trabalho</i>	1
Mobilidade	5
<i>Deslocações entre pólos da Universidade</i>	2
<i>Dificuldade de transporte</i>	3
Falta de apoio	5
Falta de estruturas de apoio na escola	2
Perda de apoios estatais	3
Incompreensão da incapacidade pelos professores	10
<i>Falta de sensibilidade na comunicação</i>	2
<i>Insensibilidade</i>	3

Tabela 4. (continuação)

<i>Descrença nas capacidade</i>	1
<i>Falta de interesse dos professores</i>	4
Discriminação	1
<i>Rejeição dos professores</i>	1
Dificuldades em sala de aula	2
<i>Dificuldade em visualizar o quadro da sala</i>	1
<i>Dificuldade em comunicar com os professores</i>	1
Dificuldades no exercício do trabalho	4
<i>Dificuldade no desempenho das funções</i>	2
<i>Falta de adaptação de avaliação em local de trabalho</i>	2
Baixa auto-estima	3
<i>Sentir-se inferiorizado</i>	1
<i>Insegurança na relação com outros</i>	2
Dependência	3
<i>Dependência física</i>	3

Pelos dados apresentados anteriormente, podemos perceber que relativamente ao presente, as barreiras mais focadas pelos alunos são representadas pelas seguintes cinco categorias: Limitações de material pedagógico, Barreiras arquitectónicas, Mobilidade, Incompreensão da incapacidade pelos professores e Falta de apoio.

Passando a uma descrição detalhada das categorias, procuro perceber como é a percepção das barreiras neste domínio referente ao Presente. As limitações de material pedagógico, surgem assim como uma das categorias que mais unidades de texto apresenta, contendo dez unidades de análise. A falta de material adaptado às suas necessidades, a dificuldade de acesso a informação pedagógica e dificuldades de acesso a tecnologias, são as barreiras apontadas nesta categoria.

“ A falta de material essencialmente, livros científicos, porque nós, temos sempre que nos basear em material científico, e seja digitalizado ou em Braille esquece não há nada.” (participante, #1, presente, DV)

Este aspecto, pode assim condicionar algumas das aprendizagens destes alunos, pois parece existir um acesso limitado a informação científica e assim ao conhecimento nas suas áreas de estudo. Os alunos apontam também dificuldades de acesso a tecnologias, que lhes facilitariam anuência aos materiais que não se encontram adaptados. Contudo, estas tecnologias apesar de existirem no mercado, não são acessíveis aos alunos dado o seu elevado custo. As instituições que os acolhem, nomeadamente as Universidades parecem não possuir este tipo de material considerado mais sofisticado.

Pode-se ainda perceber que, comparativamente com o passado, esta categoria apresenta uma incidência maior no presente, sendo constituída por mais unidades de análise. Este aspecto, pode levantar algumas questões, nomeadamente o desfasamento que poderá existir entre a adaptação dos materiais em níveis de ensino antecedentes à entrada na Universidade e a forma como estes materiais são adaptados no Ensino Superior.

Relacionado ainda com as questões de ensino aprendizagem nas Universidades, os alunos apontam também a falta de sensibilidade dos professores como sendo uma barreira à sua progressão. Dentro desta categoria podemos encontrar vários tipos de insensibilidades que estes alunos percebem como: a falta de sensibilidade na comunicação, insensibilidade, descrença nas suas capacidades e falta de interesse dos professores. Esta categoria está representada por dez unidades de análise, o que pode indicar alguma incidência desta barreira na amostra estudada, pois demonstra ser percebida com alguma frequência.

“Nós temos aulas onde os professores não ligam muito e mesmo a pessoa falando, (...), e se for uma aula onde vão poucos alunos as pessoas vão todas lá para a frente e já houve aulas em que não ouvi nada lá atrás e nem o professor quer usar o microfone e eu também não ouço. Já perdi mais de metade da matéria por causa disso.” (participante, #7, presente, DM)

Estas são barreiras que podem levantar muitas questões relativamente ao ensino aprendizagem e à relação professor aluno. É relevante a importância que a relação professor aluno pode ter para o desenvolvimento da carreira na população alvo. Os alunos com incapacidade, têm frequentemente necessidade de uma consideração e compreensão por parte dos professores para assim conseguirem concluir com êxito os trabalhos exigidos neste nível de ensino. (Fichten, Goodrick, Tagalakis, Amsel, & Libman (1990).

Também são mencionadas dificuldades em sala de aula, nomeadamente dificuldades em visualizar o quadro da sala e dificuldade em comunicar com os professores.

Algumas destas barreiras, encontram-se relacionadas com as próprias incapacidade em si, contudo são aspectos que não podem ser esquecidos. Este ponto remete-nos para a necessidade de haver uma preparação das aulas de forma ao seu conteúdo poder chegar a todos os alunos.

As dificuldades económicas são apresentadas pelos alunos como outra barreira, nomeadamente o preço das propinas. Esta é uma categoria que apenas apresenta duas unidades de análise, não sendo assim um aspecto muito percecionado pela população deste estudo.

“Neste momento, no primeiro, segundo ano foi mais nível económico, as propinas. Sou de Torres Vedras são as viagens para Évora a vida não é fácil.” (participante, #2, presente, DV).

As barreiras arquitectónicas são um ponto bastante salientado pelos alunos, nomeadamente barreiras dentro dos edifícios das Universidades que frequentam, que acabam por os condicionar em vários pontos e a sua vida académica. Esta categoria possui assim treze unidades de análise.

“ Na Faculdade a reprografia, fica a meio de um piso com escadas, eu não tenho acesso, porque não subo escadas” (participante, #7, presente, DM)

Estas barreiras parecem indicar que, não existem em algumas Universidades as adaptações necessárias para que estes alunos possam ter acesso a todos os

serviços. Este aspecto, não só condiciona a vida académica dos alunos, como pode desencadear uma dependência do outro, por falta de acessibilidades. Parece ainda não existir alguma sensibilidade às necessidades destes alunos, não havendo um repensar dos espaços, para que estes possam ter as mesmas oportunidades dos outros. Esta categoria, tem uma maior representatividade no presente, comparativamente com o passado. Este aspecto poderá estar associado ao facto de neste nível de ensino ser exigido que as pessoas sejam mais autónomas. Neste sentido, é assim provável que as barreiras arquitectónicas, que parecem dificultar esta autonomia, sejam mais enfatizadas neste domínio temporal.

A mobilidade surge também neste âmbito como uma das barreiras percebidas pelos alunos. As deslocações entre pólos da Universidade foram referidas, uma vez que, em termos de mobilidade, estes alunos se encontram geralmente mais restringidos. Também o acesso a transportes públicos volta a surgir como um factor que condiciona as suas deslocações.

“Uma outra dificuldade que tenho é em relação aos transportes públicos. Também não existem acessos. Não consigo vir da cidade para a Unesul e vice-versa.” (participante, #11, presente, DM)

Relativamente à mobilidade, não existe uma grande disparidade entre o número de unidades de análise referidas no passado e no presente, o que pode indicar, que as dificuldades a este nível se mantêm.

Numa perspectiva pessoal, os alunos referiram barreiras relacionadas com uma baixa auto-estima, nomeadamente, o sentimento de inferioridade e insegurança na relação com os outros colegas.

Relativamente ao número de unidades de análise, esta categoria possui três unidades. Comparativamente com o passado, apresenta-se mais baixa em termos de frequência.

A dependência também surge como uma barreira percebida e esta encontra-se associada à dependência física. É um aspecto que acaba por ser limitante, pois existe a necessidade de alguém que esteja presente para conseguirem realizar determinadas tarefas, até mesmo dentro da Universidade.

*“Como nomeadamente as deslocações a locais, no caso concreto da Unesul, que é um pólo da Universidade que fica relativamente longe do sítio onde eu vivo, e dependo do motorista dos serviços da acção social para me deslocar até lá”
(participante, #2, específicas, DV)*

Uma vez que esta pergunta foi excluída desta análise, optou-se por inserir as barreiras percebidas neste domínio temporal.

Alguns alunos frisaram também dificuldades no exercício do trabalho, nomeadamente dificuldade no desempenho das funções e falta de adaptação da avaliação em local de trabalho.

*“Vamos imaginar que numa empresa de recursos humanos que até quer constatar psicólogos, eu se calhar estou logo um bocado excluída porque, eles precisam de organizar dossiês com as candidaturas todas, e aí eu ficava logo um bocado excluída porque eu trabalho muito é com o computador ”
(participante, #1, presente, DV)*

Por último, percebem como barreira a falta de apoio. Esta categoria está representada por cinco unidades de análise e relaciona-se com a falta de estruturas de apoio na escola e perdas de apoios estatais. A falta de apoios relacionados com a escola, remete-nos, mais uma vez, para a falta de preparação que estas instituições podem apresentar para acolher alunos com incapacidade.

Neste domínio temporal, podemos perceber que as barreiras percebidas pelos alunos se encontram directamente ligadas com o ensino aprendizagem. Estas representam a fase de desenvolvimento em que se encontram e o papel de estudante que desempenham. Mediante este facto, é possível perceber que os temas mais salientes estão relacionados com barreiras que envolvem a falta de materiais adaptados, barreiras arquitectónicas e incompreensão da incapacidade pelos professores. Estes temas parecem ter subjacente, questões relacionadas com a autonomia e com a relação com o outro, neste caso a relação professor aluno.

5.2.3 Percepção das Barreiras relativamente ao Futuro.

Na percepção de barreiras no futuro, a maioria dos participantes mencionaram uma nova etapa das suas vidas a transição para o mundo do trabalho. As barreiras encontradas neste âmbito, encontram-se assim maioritariamente relacionadas com o mundo do trabalho e com o novo papel que estes pretendem desempenhar na sociedade.

Tabela 5

Síntese dos dados qualitativos Futuro

Categories e Subcategorias	Exemplo de unidades de texto.
Dificuldades na entrada no mundo do trabalho <i>Dificuldades em ter emprego</i>	<p>“No futuro, eu penso que vou ter dificuldades em arranjar trabalho (...) acho que está pior ainda para as pessoas com deficiência.” (participante, #1, futuro, DV)</p>
Limitações no material de trabalho <i>Dificuldade de material em local de trabalho</i> <i>Dificuldade de comunicação</i>	<p>“(…) determinada empresa, as coisas não estão todas digitalizadas, e eu tenho que ter acesso a determinados materiais (...)”(participante, #1, específicas, DV)</p> <p>“Se eu for trabalhar, como vou conseguir fazer o meu trabalho se tenho dificuldades em comunicar (refere-se a ser psicóloga)” (participante, #11, futuro, DM)</p>
Discriminação no acesso ao trabalho <i>Discriminação em processos de selecção</i> <i>Falta de abertura das empresas</i>	<p>“(…)vamos a uma entrevista (...) estou à espera que aconteça é que muitas entidades me ponham logo de lado.” (participante, #2, futuro, DV)</p> <p>“As pessoas ainda não estão abertas a receber pessoas com deficiência nas empresas (...)”(participante, #1, futuro, DV)</p>

Tabela 5. (continuação)

<i>Não-aceitação do mercado de trabalho</i>	“(...) não é fácil qualquer instituição aceitar uma pessoa com deficiência (...)” participante, #12, futuro, DV)
<i>Dificuldade em ser aceite num local de trabalho</i>	“(...) ser aceite num determinado local para trabalhar, (...) acho que isso vai ser a principal barreira.” (participante, #8, futuro, DM)
<i>Discriminação por parte de superiores em local de trabalho</i>	“(...)depois também tem a discriminação que pode haver por parte dos superiores (...) estás-me a fazer perder tempo, posso ter uma pessoa mais rápida e mais eficaz” (participante, #19, futuro, DA)
<i>Dificuldade de integração em local de trabalho</i>	“É conseguir ser integrada num local e ser vista como um trabalhador exactamente como os outros.” (participante, #8, futuro, DM)
<i>Discriminação na progressão de carreira</i>	“(...) dia qualquer para subir na carreira, poderei ter que ir a uma entrevista e se isso acontecer com certeza que eu não vou subir.” (participante, #10, futuro, MD)
Limitação nas escolhas profissionais	
Escolhas profissionais limitadas	“As minhas escolhas nunca podem ser alargadas, tenho sempre um leque reduzido e tento me especializar nisso” (participante, #18, futuro, DM)
Barreiras arquitectónicas	
Físicas	“(...) o meu maior medo a nível do futuro é o edifício onde eu irei (...) ter ou não acesso.” (participante, #7, futuro, DM)
Incompreensão da deficiência pelos	

Tabela 5. (continuação)

professores	
Falta de sensibilidade dos professores	“A nível escolar já é outra situação, depende da sensibilidade dos professores (...) Mas eles podem pensar, então mas este vem aqui, e diz , é pá quem não vem às aulas!” (participante, #10, futuro, MD)
Baixa auto-estima	
<i>Dificuldade na relação com o outro</i>	“Também dificuldades nas relações com as outras pessoas” (participante, #11, futuro, DM)
<i>Falta de confiança (segurança)</i>	“É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer (...) às vezes não penso nestas coisas e em vez de fazer o que devia fazer... Desanimo um bocado” (participante, #17, futuro, DM)
Dependência	
<i>Dependência física</i>	“Penso como é que vou conseguir viver sozinha. Nunca vou poder viver sozinha porque irei sempre precisar de ajuda de alguém.” (participante, #11, futuro, DM)
<i>Agravamento da incapacidade</i>	“Provavelmente a barreira na qual eu vou ter mais dificuldade vai ser mesmo, a decadência a nível físico.” (participante, #9, futuro, DM)

Tabela 6

Síntese de dados quantitativos referentes ao Futuro

Categorias e Subcategorias	Frequência de unidades de texto, por Categoria e subcategoria N= (19)
Dificuldades na entrada no mundo do trabalho	6
<i>Dificuldades em ter emprego</i>	6
Limitações no material de trabalho	2
<i>Dificuldade de material em local de trabalho</i>	1

Tabela 6. (continuação)

<i>Dificuldade de comunicação</i>	1
Discriminação no acesso ao trabalho	15
<i>Discriminação em processos de selecção</i>	3
<i>Falta de abertura das empresas</i>	2
<i>Não-aceitação do mercado de trabalho</i>	1
<i>Dificuldade em ser aceite num local de trabalho</i>	4
<i>Discriminação por parte de superiores em local de trabalho</i>	1
<i>Dificuldade de integração em local de trabalho</i>	2
<i>Discriminação na progressão de carreira</i>	2
Limitação nas escolhas profissionais	1
Escolhas profissionais limitadas	1
Barreiras arquitectónicas	4
Físicas	4
Incompreensão da deficiência pelos professores	1

Tabela 6. (continuação)

Falta de sensibilidade dos professores	1
Baixa auto-estima	4
<i>Dificuldade na relação com o outro</i>	1
<i>Falta de confiança (segurança)</i>	3
Dependência	4
<i>Dependência física</i>	1
<i>Agravamento da deficiência</i>	3

Neste domínio temporal, as categorias que se encontram mais representadas por unidades de análise são: Dificuldades de entrada no mundo do trabalho e Discriminação no acesso ao trabalho.

De seguida, apresentam-se as barreiras percebidas pelos participantes de forma detalhada.

Os participantes mencionaram barreiras relacionadas com as dificuldades na entrada no mundo do trabalho, isto é, dificuldade em ter emprego. Esta categoria encontra-se representada por seis unidades de análise, é uma barreira que parece ser percebida de uma forma significativa pelos alunos.

“No futuro, depois de acabar o curso, de certeza que vai ser complicado a entrada no mercado de trabalho, é complicado para qualquer pessoa quanto mais para uma pessoa com uma deficiência” (participante, #4, futuro, DV)

Alguns participantes, consideram que a sua condição de incapacidade, condiciona a entrada no mundo do trabalho. Os estudos realizados por (Penn & Dudley's 1980, Illinois 1948, DeLoach 1992, cit. por Enright, Conyers & Szymanski, 1996) sugerem que os alunos com incapacidade estão legitimamente preocupados com a sua transição para o mundo do trabalho após concluírem o ensino superior. Parece que estes alunos têm uma percepção bastante negativa em relação à transição do ensino superior para o mundo do trabalho, até esperam não ter tantas

oportunidades como os colegas sem incapacidade. Este ponto, evidencia que estes alunos não percebem, que o processo de entrada no mundo do trabalho seja regido por um sistema de igualdade de oportunidades.

Relacionado com esta temática, os alunos também percebem que vão ser alvo de discriminação no acesso ao trabalho. Esta é a categoria que apresenta mais unidades de análise, são quinze. Neste âmbito, percebem que vão existir várias formas de discriminação: processos de selecção, falta de abertura das empresas, não-aceitação do mercado de trabalho, dificuldade em ser aceite num local de trabalho, discriminação por parte de superiores em local de trabalho, dificuldade de integração em local de trabalho e discriminação na progressão da carreira.

*“Tenho receio de ser discriminado em processos de recrutamento e selecção por ter deficiência, já fiz o meu currículo e não tive necessidade de referir este aspecto. Não me sinto menos apto que qualquer outro profissional no entanto, tenho algum receio que esse seja um factor de discriminação”
(participante, #19, futuro, DA)*

Nesta categoria, os alunos percebem um leque muito vasto de discriminações das quais esperam ser alvo. Podemos encontrar dois domínios: a) a discriminação relacionada com o acesso, que se refere às barreiras que impedem os indivíduos com incapacidade de ter emprego e b) a discriminação de tratamento que está relacionada com a discriminação encontrada dentro de local de trabalho que envolve: diminuição de oportunidades, dificuldades de promoção e falta de aceitação no grupo de trabalho (Ilgen & Youtz 1986; Greenhaus, Parasuraman, & Wormley 1990 cit por Jones 1997). As barreiras referidas pelos alunos, já foram descritas por outros autores, mostrando que os alunos presentes nesta amostra, demonstram ter uma visão clara de como ainda é difícil encontrar emprego, tendo como base as suas formações, sem influência dos estereótipos que são feitos em volta da incapacidade. DeLoach (1992, cit. por Conyers, Koch, Lynn & Szymanski, 1998) num estudo, analisou o momento de transição dos estudantes universitários portadores de incapacidade para o mundo do trabalho. Verificou que estes consideravam enfrentar grandes dificuldades para encontrar o seu primeiro emprego e uma reduzida mobilidade profissional, comparativamente aos seus colegas sem incapacidade. Perante este facto, a percepção de barreiras da carreira presentes nesta amostra, vem de encontro a alguns estudos já existentes.

Também foi percebido, por um dos participantes, limitações nas escolhas profissionais e também relacionado com o facto de ser portador de incapacidade, considera que terá uma mobilidade profissional reduzida.

*“As minhas escolhas nunca podem ser alargadas, tenho sempre um leque reduzido e tento me especializar nisso”
(participante, #18, futuro, DM)*

No seguimento do que foi referido anteriormente, também esta categoria vem mostrar como estes alunos percebem um cenário bastante negativo para o seu futuro como trabalhadores. Mostra também, que estes possuem conhecimentos sobre o funcionamento do mercado de trabalho e das possíveis dificuldades que terão de enfrentar.

Num ponto mais físico, surge referido as barreiras arquitectónicas, que neste domínio temporal, estão relacionadas com barreiras no acesso a possíveis locais de trabalho. Estas barreiras arquitectónicas não só aparecem como um aspecto que condiciona os seus acessos, mas também como uma possível causa de não poderem trabalhar em determinados sítios, pois estes podem não ter as condições necessárias de acesso ao local de trabalho.

“O estágio, e o trabalho. Na minha área penso que só há um local mais ou menos acessível, que é o instituto de medicina legal e de resto nenhum dos outros é acessível e mesmo no instituto de medicina legal não há a certeza se não há escadas, (...) ou seja nessa possibilidade eu não terei um local de estágio (participante, #7, Futuro, DM)

Parece que estas barreiras arquitectónicas tomam dimensões maiores no futuro. Apresentam-se como condicionantes directos, da possível progressão e da sua entrada no mercado de trabalho. Este, é também um aspecto, que não se encontra directamente ligado com os alunos em si, mas com a falta de adaptação que os edifícios apresentam para receber pessoas portadoras de incapacidade.

As dificuldades de material voltam a estar presentes neste domínio temporal, mas agora relacionado com limitações no material de trabalho.

Estas barreiras relacionadas com o material, estão associadas a barreiras que impedem que estes alunos consigam desenvolver o seu trabalho com qualidade.

A categoria relacionada com a baixa auto estima volta também a estar presente no futuro, onde são mencionadas barreiras como: dificuldade na relação com o outro e falta de confiança (segurança).

“É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer. Sinto-me inferiorizado. Provavelmente sim...às vezes não penso nestas coisas e em vez de fazer o que devia fazer... Desanimo um bocado” (participante, #17, futuro, DM)

Na transição da Universidade para o mercado de trabalho, alguns alunos experienciam uma baixa auto-estima, sentindo-se por vezes inseguros quanto às suas capacidades, duvidam se terão sucesso no seu local de trabalho, que se apresenta cada vez mais competitivo (Conyers, Koch, & Szymanski, 1998).

Por último surge a categoria referente à dependência que comporta a dependência física e agravamento da incapacidade.

“Tenho medo de piorar. Já estive pior mas já melhorei um bocado.” (participante, #17, futuro, DM)

Este é um aspecto que se encontra directamente ligado com as incapacidades, contudo não pode deixar de ser visto como uma barreira à progressão da carreira destas pessoas, pois, estas dificuldades consideradas pessoais, são percepcionadas verdadeiramente como barreiras e não só, como condições ligadas à incapacidade.

Segundo Fassinger, (2008) as barreiras relacionada com o emprego que são mais frequentemente identificadas, estão relacionadas com a indisponibilidade de postos de trabalho adequados, falta de transporte, falta de acessibilidade materiais, medo de perder benefícios e o desânimo dos outros. No presente estudo, relativamente a este tema, também foram encontradas barreiras que vão de encontro a esta ideia, nomeadamente em relação aos materiais e às dificuldades de entrada no mundo do trabalho.

Seguidamente propomo-nos a fazer um cruzamento dos dados apresentados anteriormente, de forma a conseguir dar uma visão mais longitudinal dos mesmos.

5.2.4 Cruzamento de dados relativamente às barreiras (Uma visão desenvolvimentista das barreiras da carreira)

Considerando que os diferentes momentos da carreira colocam diferentes tarefas de desenvolvimento aos indivíduos, procurou-se avaliar o que permanece e o que muda quanto à percepção que os participantes têm das barreiras à sua carreira. Neste sentido, relacionou-se a percepção de barreiras no passado, no presente e no futuro.

Através do cruzamento dos dados, é possível constatar que existem algumas barreiras que são percebidas ao longo do tempo. A categoria, limitações de material pedagógico, encontra-se presente em todos os domínios temporais embora apresente características específicas para o futuro.

A categoria, limitações do material pedagógico, emerge referenciada no passado e no presente, como dificuldades em ter acesso ao material pedagógico, necessário para os seus estudos e pesquisas. No presente, esta barreira parece ter uma dimensão mais elevada, foi referida mais vezes pelos participantes. Houve a necessidade de criar várias subcategorias pois estes referiam dificuldades de acesso a materiais dentro em vários níveis como: materiais não adaptados, dificuldades de acesso a informação pedagógica e dificuldade de acesso a tecnologias. Estes aspectos podem encontrar-se relacionados com a fase de vida em que os participantes se encontram e o seu papel de estudante.

A dificuldade de acesso a material, parece condicionar alguns aspectos das aprendizagens dos alunos, nomeadamente um acesso diversificado a várias informações. Os dados parecem indicar que em níveis inferiores ao ensino universitário também existem dificuldades a nível material e falta de adaptações. Nestes níveis inferiores não é exigida tanta autonomia aos alunos, contrastando assim com o ensino universitário onde estes necessitam de chegar aos meios para ter acesso a essas adaptações.

Considera-se que no ensino universitário os estudantes são adultos, responsáveis pela sua própria vida e decisões e, por conseguinte, terão eles próprios que encontrar e negociar os apoios e recursos de que necessitam durante o seu percurso académico na universidade à qual pertencem (Pires, 2007).

Por outro lado, no que concerne ao futuro, este aspecto também surge mas com outra dimensão. Esta dificuldade a nível material, surge relacionada com a

transição para o mundo do trabalho e a falta de adaptação dos materiais que pode existir nas empresas que impossibilitem a realização do trabalho.

Esta barreira, surge já associada a um novo papel de vida que alguns destes alunos vão passar a ter. Deixam de ser estudantes para serem trabalhadores e têm de desempenhar novas tarefas de desenvolvimento.

Relacionada com esta barreira encontra-se também a categoria, falta de apoio, que surge como uma barreira percebida apenas no passado e presente. Em ambos os domínios temporais, os alunos percebem falta de estruturas de apoio na Universidade, como uma barreira. Noutros níveis de ensino, parece existir um suporte directo em relação aos apoios. No ensino superior, este apoio parece não ser tão directo, levando a que estes, tenham de ser mais proactivos. Este aspecto pode ser apontado como uma barreira por não haver uma mediação, ou seja, parece não existir uma preparação para as diferenças que vão encontrar, ao nível do ensino superior. Parece também não haver preparação para as exigências que esta mudança comporta. Por outro lado, também parece não existir um acolhimento mais personalizado por parte das instituições universitárias.

O facto de esta barreira não ser percebida no futuro, pode estar relacionado com o facto de, no futuro, estes se reportarem à nova experiência de vida que irão ter. Não sabem, se irão ter ou não os apoios necessários, pois é uma barreira relacionada com o imediato e com situações concretas.

Uma barreira que é frisada ao longo dos três domínios temporais são as barreiras arquitectónicas.

“Quando entrei em Coimbra, o pavimento não me dá muitas condições porque escorrega imenso, e na própria faculdade o soalho escorrega e no primeiro ano, reprovei porque não ia às aulas, ou seja, em alturas de chuva eu não punha mesmo os pés na faculdade.” (participante, #9, passado, DM)

“Os sítios não estarem adaptados a cadeiras de rodas como, por exemplo, no Espírito Santo” (participante, #11, presente, DM)

“Agora a nível arquitectónico à muita coisa a fazer, porque os edifícios e ai fora (...) A legislação, não sei como fazem as coisas, fazem rampas que ninguém consegue (...) .” (participante, #5, futuro, DM)

As barreiras arquitectónicas surgem no passado, presente e futuro de forma muito similar, estando muito relacionadas com dificuldades de acessos a determinados locais, incluindo locais dentro das Universidades e em possíveis locais de trabalho. No presente, mais alunos apontaram barreiras arquitectónicas, aconteceu que o mesmo participante, mencionou diversas barreiras arquitectónicas que tem no seu dia-a-dia. Este aspecto, pode estar relacionado com a percepção das experiências que se vão passando no dia-a-dia, sendo vividas com mais intensidade no presente relativamente às passadas. Estas faltas de acesso deixam antever a falta de igualdade de oportunidades e a falta de planos internos que visem a adequação dos espaços à população com incapacidade.

O Decreto-Lei 123/97, de 22 Maio aprova as normas técnicas necessárias para permitir a acessibilidade das pessoas portadoras de incapacidade na via pública e nos edifícios públicos, visando a diminuição de barreiras arquitectónicas. Contudo, este parece ser um aspecto onde ainda existe muito caminho a percorrer. Nos locais de ensino público, não bastam só os acessos aos edifícios em si mas também é necessária a acessibilidade a todos os serviços existentes. Quando nos reportamos para o futuro, esta categoria apresenta outra dimensão, pois estas barreiras são percebidas como condicionantes à empregabilidade pela falta de acessos aos edifícios.

Relacionado com esta categoria, está também a categoria da mobilidade, só frisada no passado e no presente. Ai surgem as dificuldades, ligadas ao acesso, a transportes públicos e a deslocações.

Na continuidade desta análise, as categorias que se seguem parecem encontrar-se relacionadas embora apresentem designações diferentes quanto ao nome nos domínios temporais. Assim, consideramos que parece existir uma relação entre a categoria no passado, Incompreensão da incapacidade por colegas e professores que envolve (desvalorização das dificuldades, insensibilidade aos seus direitos e não-aceitação da incapacidade pelos colegas de trabalho), com a categoria incompreensão da incapacidade pelos professores onde estão envolvidas; (falta de sensibilidade na comunicação, insensibilidade, descrença nas capacidades e falta de interesse dos professores). Ambas as categorias abordam barreiras relacionadas com a incompreensão do outro face à incapacidade. No passado, este aspecto parece estar direccionado para a incompreensão entre pares, entre colegas de turma e entre colegas de trabalho. Embora os professores também surjam como um dos elementos

que demonstravam incompreensão, estes parecem não tomar a dimensão dos colegas.

Por sua vez, quando nos reportamos para o presente, esta incompreensão deixa de estar associada a aspectos relacionais entre pares para estar estritamente direccionada para a relação professor aluno e para a incompreensão dos docentes face à incapacidade.

“Os professores podem saber isso, e depois esta semana podem ficar sensibilizados com o problema, e ajudar mais, mas para a semana já ninguém se lembra de nada, eu acho que as pessoas ainda não estão sensibilizadas para isto” (participante, #6, presente, MD)

As barreiras sentidas pelos alunos, parecem mostrar o quanto é importante para estes alunos que ocorra uma boa relação entre pares e entre professor aluno. Desejam ser valorizados para terem a auto-confiança necessária para expressar os seus interesses e conseguirem implementar os seus projectos de vida. Rao (2004 cit. por Pires, 2007) afirma que atitudes negativas por parte dos docentes para com os alunos, podem influenciar a sua auto-estima e por sua vez, boas relações entre professor-aluno são um excelente contributo para melhores condições dentro da sala de aula. Os professores parecem ter uma importância elevada para estes alunos, não só pelo apoio que podem prestar, mas também parecem ter um papel que denota alguma valorização e segurança aos alunos. Estudos realizados sobre a incidência das variáveis sociais da aprendizagem revelaram que boas relações entre os diferentes actores escolares favorecem o sucesso escolar (Antunes & Veiga, 2004).

Outra categoria que também se pode encontrar presente em todos os domínios temporais é a discriminação. É percebida de formas diferentes no passado, presente e futuro. No passado, foram encontradas como subcategorias (punham-me de parte na escola, ser gozado pelos colegas, estigmatização, preconceito, discriminação na progressão da carreira e discriminação em entrevista de selecção), onde estão envolvidos aspectos ligados, com a relação entre pares.

“A nível pessoal muitas das vezes era gozada, era alvo de chacota por parte dos outros miúdos” (participante #8, passado, DM)

Os aspectos referentes à discriminação relacionada com o emprego, surgem através dos alunos trabalhadores estudantes, que já sofreram esse tipo de discriminação.

A discriminação no passado, parece indicar que a relação entre pares em níveis escolares inferiores ao ensino superior, não era muito positiva. Se reflectirmos sobre a importância que as relações entre pares desempenham para o desenvolvimento e para a construção de interesses, valores, da própria identidade, entendemos como esta discriminação pode ser limitante. Estes são factores, que à partida, podem condicionar alguns alunos, podem dificultar a criação de uma elevada auto-estima e auto-confiança.

Para além dos aspectos relacionados com a relação entre colegas, estes apontaram também o preconceito de que eram alvo, por parte das pessoas que estavam à sua volta.

“Até aos 9 anos tive que ultrapassar, assim, muito preconceito das pessoas, (...) que olham para mim e acham que eu não sou capaz ou que eu não vou conseguir fazer”. (participante, #8, passado, DM).

Mais uma vez, a discriminação emerge como um elemento de segregação destes alunos, que pode levar à criação de sentimentos negativos em relação a si, às suas capacidades. Este aspecto constitui uma barreira ao desenvolvimento da carreira. Na escolha de uma carreira, os alunos com incapacidade, lutam muitas vezes com uma baixa auto-estima e falta de confiança nas suas capacidades para vencer (Enright, Conyers & Szymanski, 1996).

Esta categoria apresenta uma maior dimensão no passado, ou seja, existem mais unidades de análise na categoria discriminação no passado que no presente. No presente esta discriminação encontra-se associada à rejeição dos professores.

No futuro, a discriminação ocorre associada à discriminação no acesso ao trabalho onde se dividiu nas subcategorias (discriminação em processos de selecção, falta de abertura das empresas, não aceitação do mercado de trabalho, dificuldade em ser aceite num local de trabalho, discriminação de superiores em local de trabalho, dificuldade de integração em local de trabalho, discriminação na progressão da carreira). Tendo uma elevada dimensão neste domínio temporal.

Dada esta ser uma fase desconhecida para a maioria dos participantes, a percepção que estes apresentam desta nova etapa das suas vidas, é repleta de

barreiras à progressão da sua carreira a nível profissional. Esperam ser alvo de diversas discriminações pelo facto de possuírem incapacidades. Cerca de um quarto dos empregados com incapacidade, relatam viver directamente discriminação no trabalho (Fassinger, 2008). Este aspecto deixa antever que esta percepção tão negativista pode não fugir muito à realidade presente. Actualmente, no mundo do trabalho, os alunos presentes nesta amostra, apresentam algum conhecimento da realidade referente ao ingresso no mercado de trabalho e às dificuldades que terão de enfrentar neste âmbito.

Estas diferenças entre passado, presente e futuro, demonstram estar relacionadas, com os diferentes papéis que são desempenhados e com a fase de desenvolvimento dos próprios alunos. Isto indica que os alunos têm a percepção das mudanças que vão ocorrendo no seu ciclo de vida e dos diferentes papéis que vão desempenhando.

No seguimento desta análise cruzada dos dados, a baixa auto estima apresenta-se também como sendo uma barreira percebida pelos alunos em todos dos domínios temporais. Assim, a baixa auto estima no passado, comporta as seguintes subcategorias (vergonha, medo da reacção dos outros, não-aceitação da própria incapacidade e insegurança na relação com o outro). Esta categoria apresenta o maior número de unidades de análise para este domínio temporal.

No presente, esta categoria é composta pelas barreiras (sentir-se inferiorizado e insegurança na relação com os outros) e por sua vez no futuro podemos encontrar (dificuldade na relação com o outro e falta de confiança (segurança)). A falta de auto estima e alguns elementos que se encontram associados a este factor como uma possível baixa percepção de auto-eficácia, apresentam-se como sendo uma barreira constante no tempo. A insegurança, na relação com o outro, surge como um factor constante para estes alunos. Parece que os próprios alunos têm interiorizado alguns preconceitos em relação à sua própria incapacidade, exportando esse facto para a relação com o outro. A auto estima pode tomar duas dimensões distintas, por um lado uma dimensão direccionada para o sentido de competência de eficácia e por outro lado um sentido de valor, interligado com os valores e normas do comportamento pessoal (Wells & Marwell 1976 cit. por Azevedo, 2005).

Quando exploramos este factor no desenvolvimento da carreira, podemos perceber como estas percepções negativas do eu, podem ter um papel condicionante.

Uma baixa percepção de auto-eficácia das suas capacidades em geral, sejam elas relacionadas com a aprendizagem ou com as suas capacidades relacionais, pode

levar a uma maior percepção de barreiras à sua volta. Também é esta capacidade de percepção da auto-eficácia que leva o indivíduos a perceberem as barreiras como possíveis de serem confrontadas e ultrapassadas ou como não sendo possíveis de ultrapassar. Por outro lado, estas percepções negativas podem levar ao abandono de alguns dos seus interesses, por não se acharem capazes de os alcançar.

Ainda dentro desta análise, a dependência surge como uma barreira. Esta é uma das barreiras que comporta alguma ambiguidade, pois poderia ser considerada como uma condição das próprias incapacidades. Através da análise de texto, é possível perceber, que se trata mais do que uma condição das próprias incapacidades. Estas pessoas percebem a dependência como uma barreira nas suas vidas. Esta barreira apenas é referida no presente e futuro e está relacionada com a dependência física do outro e com o agravamento da incapacidade. No presente, esta barreira encontra-se muito direccionada para a dependência física do outro. Num ambiente onde é exigida e onde é necessária autonomia, torna-se uma barreira não conseguir realizar determinadas tarefas sem a ajuda do outro. Acrescentado às inúmeras barreiras arquitectónicas que podem ser encontradas dentro do ensino superior, torna-se bastante limitante para estes alunos, conseguirem a autonomia necessária para desenvolver as suas aprendizagens.

No que toca ao futuro, esta barreira toma outra dimensão. Não se reporta tanto ao facto da dependência física, embora seja referida como uma possível barreira que impede a aquisição de liberdade e autonomia pessoal, mas sendo sim mais referido, o agravamento da incapacidade. O agravamento da incapacidade comporta consigo mais limitações, mais barreiras à sua vida.

Há barreiras que apenas são referenciadas num domínio temporal, podendo indicar que foram superadas ou que foram exclusivas daquela fase de desenvolvimento da carreira. É o caso da barreira dificuldades vocacionais (referente ao passado), que se encontra relacionada com as escolhas de carreira, com as escolhas vocacionais, nomeadamente com o curso a seguir. A barreira dificuldades económicas também surge apenas no domínio temporal presente, relaciona-se com o elevado preço das propinas. Parece ser uma barreira específica do momento de desenvolvimento da carreira em que se encontram e do papel de estudante que apresentam. Também no presente, a categoria dificuldades no exercício do trabalho, surge como única deste domínio.

Em relação ao futuro, conseguimos encontrar um maior número de barreiras específicas neste domínio temporal, uma vez que este concerne novos papéis, novas

tarefas de desenvolvimento. É assim um momento importante na carreira, pois constitui um momento de transição. É o caso das barreiras: dificuldades na entrada no mundo de trabalho e limitações nas escolhas profissionais. As restantes, embora se encontrem dentro da mesma temática das mencionadas em outros domínios temporais, aqui encontram-se sempre muito centradas no novo papel que estes irão ter aquando da conclusão dos seus curso. Para os indivíduos com incapacidade, as carreiras são influenciadas por barreiras externas, como a política social e as leis, bem como por factores internos como as capacidades operacionais e factores psicossociais (Fabian & Liesener, 2005).

Neste sentido podemos perceber que existem aspectos que são percebidos pelos participantes como constantes no tempo, onde eles esperam que as dificuldades que sentiram no passado, que sentem no presente, venham a surgir novamente no futuro. Algumas das barreiras parecem surgir como aspectos bastante relevantes e condicionantes para o desenvolvimento da carreira. Por outro lado, podemos perceber que existem barreiras que são específicas de determinados pontos do desenvolvimento da carreira destes alunos. Este aspecto, pode indicar que associado a alguns momentos de transição, se encontram algumas barreiras iniciais que fazem parte de uma nova fase de adaptabilidade àquele momento de transição, ou da nova fase em que se encontram.

5.2.5 Diferenças entre as incapacidade e as representações que têm das barreiras à sua carreira

Neste ponto, procura-se perceber em que medida as incapacidades dos alunos, podem influenciar a percepção das barreiras. Para tentar perceber este facto, irão ser consideradas apenas as categorias com mais unidades de análise, por cada domínio temporal. Para cada uma dessas categorias vamos tentar perceber quais os tipos de incapacidade que os alunos possuem, tentando entender se existem diferenças entre a incapacidade e as representações das barreiras.

Passado

- Dificuldades em sala de aula: esta barreira foi percebida por alunos portadores de incapacidade, auditiva, visual e multi-deficiência.

- Barreiras arquitectónicas: incapacidade motora e multi-deficiência
- Falta de preparação dos agentes educativos. Incapacidade motora e visual
- Incompreensão da incapacidade por colegas e professores. multi-deficiência e deficiência visual
- Baixa auto-estima. Incapacidade multi-deficiência, paralisia cerebral, auditiva
- Discriminação. Incapacidade multi-deficiência, motora, paralisia cerebral.

Presente

- Limitações de material pedagógico. Incapacidade, visual, multi-deficiência.
- Barreiras arquitectónicas. Incapacidade, motora, visual.
- Mobilidade. Incapacidade, visual, motora, multi-deficiência.
- Incompreensão dos professores. Incapacidade multi-deficiência, motora, auditiva, visual.
- Falta de apoio. Incapacidade auditiva, motora, multi-deficiência e visual

Futuro

- Dificuldades na entrada no mundo de trabalho. Incapacidade visual e motora
- Discriminação no acesso ao trabalho. Incapacidade auditiva, visual, motora e multi-deficiência

Pelos dados apresentados, podemos perceber que existem barreiras que são percebidas por quase todos os alunos independentemente da incapacidade que possuem. Outras barreiras não são percebidas por todos os alunos portadores de incapacidade. Estes dados indicam que se pode ter uma compreensão alargada das barreiras da carreira, podendo-se no futuro, tentar perceber as particularidades que estão subjacentes aos diferentes tipos de incapacidade.

5.2.6 Apoios identificados pelos participantes

Relativamente aos apoios, que os participantes têm tido ou esperavam vir a ter, estes focaram-se mais nos apoios que foram tendo durante o seu passado e que têm durante o presente, não frisaram os apoios no futuro.

Tabela 7

Síntese qualitativa dos sistemas de apoio

Categoria e Subcategoria	Exemplo de unidades de análise
Apoios pedagógicos	
<i>Apoio nas aulas</i>	“Assim eu tinha aulas na escola, mas por uma professora do ensino especial” (participante, 1#, apoios, DV)
<i>Apoio das estruturas escolares</i>	“(…) a escola até foi muito boa, porque trataram logo de pedir a professora e pedir alguns materiais(…)”(participante, #4, apoios, DV)
<i>Apoio dos professores</i>	“(…) nesta faculdade os professores tem sido muito sensíveis ao meu problema e tem-me ajudado em muitas situações (…)” (participante, #12, apoios DV)
Adequação das formas de avaliação	
<i>Adaptação de exames nacionais</i>	“Tive os exames nacionais, todos adaptados, todos em Braille” (participante, 1#, apoios, DV)
<i>Adaptação de testes escolares</i>	“Ampliavam-me as letras nos testes para em conseguir fazer melhor, para não ter tantas dificuldades (…)”(participante, #16, apoios, DV)
Apoios dados pela Universidade	
<i>Núcleos de apoio ao estudante das Universidades</i>	“Aqui tive do núcleo de apoio ao estudante, que tem dado uma boa ajuda na digitalização de materiais.” (participante, #4, apoios DV)

Tabela 7. (continuação)

<i>Motorista dos serviços de acção social</i>	“(...)e dependo do motorista dos serviços da acção social para me deslocar até lá”. (participante, #2, apoios DV)
<i>Bolsa de estudos</i>	“A nível de bolsa, é uma das ajudas que me faz estar na faculdade (...)” (participante, #7, apoios DM)
Apoio de pessoas significativas	
<i>Apoio dos amigos</i>	“(...) especialmente contado com o apoio dos meus amigos, colegas(...)” (participante, #2, apoios, DV)
<i>Apoio familiar</i>	“Eu tive sempre um grande suporte por detrás os pais (...)” (participante, #18, apoios, DM)
<i>Colegas de trabalho</i>	“Ao nível do trabalho tenho tido muita sorte porque tenho tido colegas espectaculares (...)”(participante, #5, apoios, DM)
Apoio das tecnologias	
<i>Internet</i>	“(...) na internet encontramos muito material, e há muitos livros digitalizados” (participante, #2, apoios, DV)
<i>Software</i>	“(...) o software para o portátil que me permite ampliar tudo o que está no computador.” (participante, # 16, apoios, DV)
Apoio de entidades sociais	
<i>Segurança social</i>	“(...)também já tive ajudas da segurança social.” (participante, #4, apoios, DM)
<i>Fundo social Europeu</i>	“(...)através de um apoio do Fundo Social Europeu, que foi uma empresa de inserção (...)”(participante, #5, apoios, DM)
<i>Centro de reabilitação e Inserção social</i>	“Estive num centro de Reabilitação e Integração Social (...)Onde aprendia a orientar-me e a mobilizar-me com a bengala(...)” (participante, #6, apoios MD)
<i>Hospital de Santa Maria</i>	“No hospital de Santa Maria, onde eu andei desde os 13 anos, arranjam-me umas técnicas(...)”

Tabela 7. (continuação)

	(participante, #6, apoios MD)
<i>Câmara municipal</i>	“Até que eu consegui alguma comparticipação da câmara e ia de táxi” (participante, #7, apoios, DM)
<i>Centro de paralisia cerebral</i>	“A Associação de Paralisia Cerebral de Évora(...)Eles também me ajudaram muito (...)” (participante, #11, apoios, DM)
Apoio Psicológico	
Apoio do Psicólogo	“(...)também um bocado a ajuda psicológica.” (participante, #14, apoios, DV)

Tabela 8

Dados quantitativos dos sistemas de apoio

Categoria e Subcategoria	Frequência dos exemplos dados, por Categoria e subcategoria N= (19)
Apoios pedagógicos	11
<i>Apoio nas aulas</i>	3
<i>Apoio das estruturas escolares</i>	2
<i>Apoio dos professores</i>	6
Adequação das formas de avaliação	5
<i>Adaptação de exames nacionais</i>	4
<i>Adaptação de testes escolares</i>	1
Apoios dados pela Universidade	9
<i>Núcleos de apoio ao estudante das Universidades</i>	5
<i>Motorista dos serviços de acção social</i>	1
<i>Bolsa de estudos</i>	3

Tabela 8. (continuação)

Apoio de pessoas significativas	21
<i>Apoio dos amigos</i>	14
<i>Apoio familiar</i>	6
Colegas de trabalho	1
Apoio das tecnologias	2
<i>Internet</i>	1
<i>Software</i>	1
Apoio de entidades sociais	9
<i>Segurança social</i>	3
<i>Fundo social Europeu</i>	1
<i>Centro de reabilitação e Inserção social</i>	1
	1
<i>Hospital de Santa Maria</i>	1
<i>Câmara municipal</i>	2
<i>Centro de paralisia cerebral</i>	
Apoio Psicológico	1
Apoio do Psicólogo	1

Os apoios que possuem uma frequência mais elevada, na população deste estudo são: apoio de pessoas significativas, apoios pedagógicos, apoio de entidades sociais e apoios dados pela Universidade.

Dentro desta temática temos assim os apoios pedagógicos que se caracterizam por: apoio nas aulas, apoio das estruturas escolares e apoio dos professores. Esta categoria encontra-se representada por onze unidades de análise.

“Na escola tínhamos uma sala de apoio educativo, e tive sempre muitos apoios, para cada disciplina depois tinha um apoio individual”(participante, #6, apoios, MD)

Nesta categoria, os alunos referem sobretudo apoios que tiveram no passado. Apenas a subcategoria, apoio dos professores, se refere a apoios recebidos no presente por docentes Universitários. Este aspecto pode ser um pouco contraditório, uma vez que a incompreensão da incapacidade pelos professores, foi apontada como sendo uma barreira com uma moderada incidência na população. Pode indicar que existem professores que estão despertos para estas problemáticas e conseguem auxiliar os seus alunos, mas este apoio não se apresenta suficiente dado que a falta deste auxílio é apresentada como uma barreira. Noutro ponto, penso que este aspecto só vem reforçar a importância que tem a relação professor aluno.

Relacionado com esta categoria, está a adequação das formas de avaliação que é percebida pelos alunos como uma forma apoio. Estas adaptações constituem para além de um apoio um direito, segundo o regulamento interno da Universidade de Évora (2008) “Os enunciados das provas deverão ter uma apresentação adequada ao tipo de deficiência (informatizado, ampliado, registos áudio ,caracteres Braille).” A categoria encontra-se representada por cinco unidades de análise.

Continuando dentro do âmbito escolar, os alunos referem também os apoios prestados pela Universidade. Esta categoria contém nove unidades de análise, sendo uma das categorias mais representativas da temática. Nesta categoria, o núcleo de apoio ao estudante, foi o mais referenciado. Estes núcleos parecem ter um papel importante na vida académica destes alunos, funcionando como facilitadores, como uma entidade à qual podem recorrer dentro do estabelecimento de ensino.

“Só mesmo o Núcleo de apoio ao estudante é que tem, feito algum esforço para as aulas se realizarem aqui todas no Espírito Santo e nisso tem sido impecáveis” (participante, #3, apoios DM)

“Aqui tive do núcleo de apoio ao estudante, que tem dado uma boa ajuda na digitalização de materiais.” (participante, #4, apoios DV)

Os dados parecem indicar que, os núcleos de apoio ao estudante, se apresentam como uma mais valia, pois não só os apoiam em relação a materiais que podem necessitar de adaptação, como também estão despertos para as necessidades e procuram fazer a ponte entre os alunos e as entidades “superiores”.

Outro apoio mencionado foi, o apoio de pessoas significativas. Dentro desta categoria, encontra-se o apoio dos amigos, o apoio da família e apoio dos colegas de trabalho. Esta é a categoria mais representativa dos apoios, possuindo vinte uma unidades de análise. Dentro desta categoria, a subcategoria apoio dos amigos, é a mais saliente. Dos dezanove participantes, catorze referiram este apoio. O apoio dos amigos, parece ser um dos pontos chave, pois a maioria dos estudantes entrevistados referiu receber apoio por parte dos colegas, demonstrando a importância que estes podem ter na sua vida. Os amigos, apresentam-se como mais que um apoio ao nível da vida académica, parecendo ser também um apoio emocional, um apoio afectivo, tendo assim um papel de suporte.

“Depois os amigos, os amigos têm sido um ponto vital aqui na Universidade se não, não teria feito algumas cadeiras, sem a ajuda deles “ (participante, #3, apoios, DM)

“Com a ajuda das minhas colegas da residência, que fizeram uma rifas e compraram-me a cadeira de rodas.” (participante, #9, apoios, DM)

“Porque tenho um grande suporte os meus amigos, a minha namorada. (...) Os amigos levam-me para todo o lado não há barreiras arquitectónicas quando estou com eles” (participante, #18, apoios, DM)

Nesta fase de desenvolvimento da carreira, parece haver uma elevada importância do apoio dos amigos, para superar as barreiras que estes vão encontrando. O apoio familiar também parece ser um aspecto muito importante para estes alunos, contudo não se encontra tão mencionado como o apoio dos amigos.

“O meu pai é que se disponibiliza para me ir buscar e levar assim como o transporte do Redondo para Évora e vice-versa O meu pai ajuda-me muito (...)” (participante, #11, apoios DM)

Outra categoria encontrada através da análise das entrevistas, foi o apoio das tecnologias que se encontra dividida nas seguintes subcategorias: internet e software. As tecnologias, parecem ser uma mais valia para colmatar algumas das necessidades destes alunos.

“(...) na internet encontramos muito material, e há muitos livros digitalizados” (participante, #2, apoios, DV)

“(...) o software para o portátil que me permite ampliar tudo o que está no computador.” (participante, # 16, apoios, DV)

Esta categoria parece não ser muito representativa uma vez que só apresenta duas unidades de análise. Embora seja uma forma de apoio que pode ter um papel bastante facilitador no ensino aprendizagem, não parece estar muito acessível para estes alunos. O acesso às ajudas técnicas, no contexto do ensino superior, pode ter um contributo importantíssimo em termos pessoais, sociais e académicos, podendo traduzir-se num aumento da auto-estima dado que em muitos casos esses recursos reforçam a independência do estudante com incapacidade, permitindo-lhe uma maior participação em diversas actividades (Pires, 2007).

Estes acabam também por receber apoio de várias entidades sociais. Estas entidades parecem desempenhar um papel importante, no apoio prestado a estes alunos. Algumas apoiam na aquisição de algumas competências, permitindo assim terem alguma autonomia no seu dia-a-dia.

“Estive num centro de Reabilitação e Integração Social (...)Onde aprendia a orientar-me e a mobilizar-me com a bengala, aprendi a ver o dinheiro pelo tacto, a ter mais sensibilidade, apurar outras coisas, uma vez que a visão e audição estão um bocado atrofiadas.” (participante, #6, apoios MD)

“A Associação de Paralisia Cerebral de Évora. Primeiro andava em Beja e depois passei aqui para Évora. Eles também me ajudaram muito. Foram muito importantes para mim, ajudaram-me a desenvolver as minhas capacidades.” (participante, #11, apoios, DM)

Esta é também uma categoria que se encontra com uma representação significativa dada a sua diversidade, apresenta nove unidades de análise.

Por último foi referido o apoio psicológico, que parece revelar a necessidade de acompanhar mais de perto estes alunos.

Os sistemas de apoio podem ter um papel muito importante para facilitar as escolhas da carreira.

5.3 Reflexões/Propostas

Ao longo do desenvolvimento deste estudo e através da análise das entrevistas, foram surgindo alguns pontos que nos chamaram à atenção. Por um lado, pela sua pertinência e por outro lado, porque representam algumas fragilidades, relativamente ao ensino. Há a salientar que as propostas que se seguem não pretendem, ser excessivas ou tidas como exactidões, reflectem apenas a reflexão da autora sobre o tema e sobre as problemáticas descritas anteriormente.

Neste sentido, durante a elaboração deste estudo, pude constatar que não existe legislação específica para o Ensino Superior, nomeadamente referente aos alunos portadores de incapacidade. Os estabelecimentos do Ensino Superior, são assim livres de criar a sua própria legislação interna, caso o considerem importante e relevante. Considero que seria importante a criação de uma legislação específica à semelhança da existente para outros níveis de ensino. Este ponto poderia comportar mais responsabilidade às entidades e assegurava o cumprimento, ou pelo menos, reforçava os direitos destes alunos no Ensino Superior.

Dentro deste âmbito, considero também que seria importante estes estabelecimentos criarem um órgão interno, responsável pelo acolhimento, pela fiscalização dos acessos físicos e pela acessibilidade dos materiais pedagógicos e que se interessasse em fornecer a estes alunos igualdade de oportunidades, dentro do próprio estabelecimento de ensino. Seria benéfico haver uma aposta conjunta do estabelecimento para fornecer qualidade de ensino aprendizagem. Também poderiam apostar mais na criação de núcleos de apoio ao estudante tornando-os mais activos e isso facilitaria a igualdade de oportunidades.

Outro aspecto que foi possível constatar e que parece estar presente, é a falta de preparação ou de sensibilidade, dos próprios docentes para receber estes alunos. Parece que alguns docentes ficam um pouco sem saber de que forma podem ajudar os alunos e como chegar às necessidades dos mesmos. Parece-me assim pertinente a criação de um plano educativo ou integrativo específico e que apontasse os pontos chave a ter em conta na entrada destes alunos, em determinado curso. Este plano, poderia ter disponível, indicações dos recursos materiais adaptados, das adaptações a

fazer consoante a incapacidade, as normas de avaliação e ainda outros aspectos facilitadores do trabalho do docente e a aprendizagem do aluno.

Penso que a existência deste plano educativo ou integrativo específico, deixaria o docente mais seguro no trabalho a desenvolver e dava a possibilidade do aluno se sentir mais integrado.

O momento de transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior, não é fácil para os alunos em geral. É no primeiro ano da Universidade que se regista a taxa mais elevada de insucesso escolar.

Algumas das barreiras apresentadas por esta amostra, encontram-se relacionadas com o momento de transição e com as exigências que são feitas. Neste sentido, considero que o ensino secundário deveria fazer uma preparação cuidada, para o ingresso destes alunos no ensino superior, há semelhança do que fizeram Fichten, Goodrick, Amsel, & Libman,(1996). Elaboraram um plano bastante descritivo para este tipo de alunos, chegando mesmo à criação de um guia de sobrevivência para o ensino superior. São referidos aspectos que diferem o Ensino Secundário do Ensino Superior, encontram-se dicas de como abordar os professores e obter apoios dos mesmos, contém estratégias para os alunos com diferentes incapacidades e como estes podem agir perante os professores. Este plano ajuda os alunos a ganhar uma maior confiança, permite mostrar as particularidades do novo ambiente que vão frequentar e também demonstra como é importante que estes tenham um papel proactivo neste nível de ensino.

A orientação vocacional pode ter um papel muito importante, na aplicação dos parâmetros frisados anteriormente no plano, indo de encontro às necessidades de cada um.

Por sua vez, no ensino superior, deveria ocorrer um acolhimento destes mesmos alunos, dando continuidade ao processo anterior. Em suma, deveria haver uma boa articulação, entre estes dois níveis de ensino. Não se trata de favorecimentos, trata-se sim de fazer uma mediação equilibrada entre níveis de ensino, de forma a não existir um contraste muito elevado entre os apoios e formas de actuação no Ensino Secundário e o Ensino Superior.

As propostas aqui apresentadas vão de encontro aos dados encontrados neste estudo. Estamos cientes que as propostas acima mencionadas, não só obrigariam a custos adicionais, como também exigiriam uma mudança de mentalidades. Exigiriam um trabalho colaborativo e cooperativo entre diferentes entidades e acima de tudo

exigiria que se percebesse a importância da igualdade de oportunidades numa população que é considerada minoritária no Ensino Superior.

Por último deixo, um excerto de uma participante que revela como também estes alunos sentem que algumas mudanças não são aplicadas dado serem uma população minoritária e pelo facto de as mentalidades ainda não estarem muito despertas para esta problemática, a este nível .

“Se fossemos mais, se não fosse a única, talvez prestassem mais atenção. Eu acho que somos poucos porque ninguém está à espera que nós venhamos para a Universidade.” (Participante 6, MD)

5.4 Limitações do estudo

Este estudo foi baseado na análise de dezanove entrevistas realizadas a estudantes portadores de incapacidade, representando a percepção de barreiras numa pequena amostra. Contudo, as percepções destes alunos podem constituir um importante contributo para promover a compreensão das dificuldades sentidas por esta população para o desenvolvimento da sua carreira. Estudos futuros, devem tentar recolher uma amostra mais significativa e procurar analisar a incidência das barreiras da carreira aqui encontradas nas suas vidas.

Uma possível limitação poderá estar na subjectividade inerente aos estudos qualitativos. No entanto, não acreditamos que é impossível uma objectividade absoluta, ou seja, que ocorra uma completa separação entre sujeito e objecto do conhecimento (Cohen, Manion, & Morrison, 2004). Conscientes desta limitação procura-mos minimiza-la usando juízes. Dado este se tratar de um estudo exploratório, este pode ser o início de algumas pistas para desenvolver conhecimento nesta área e para o desenvolvimento de estudos que procurem contrapor os dados aqui apresentados.

5.5 Conclusões

Este estudo exploratório pretende fazer uma descrição da percepção de barreiras da carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade e dos seus sistemas de apoio. A população com incapacidade apresenta-se bastante heterogénea. A incapacidade por si só, não determina o desenvolvimento da carreira, mas pode ter algumas influências. A proposta deste estudo foi: a) identificar as barreiras da carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade b) identificar sistemas de apoio ao desenvolvimento da carreira e c) tentar compreender se existem diferenças entre os tipos de incapacidade e as percepções sobre as suas barreiras da carreira. Um aspecto relevante deste estudo, é que este conseguiu revelar que, os estudantes com incapacidade no ensino superior, conseguem perceber a existência de barreiras à progressão da sua carreira.

Como resultado da realização deste estudo, adquirimos uma maior consciência da percepção de barreiras da carreira, nestas dezanove pessoas, percebendo que existem vários factores (pessoais, interacionais, sociais e físicos) que podem levar a que existam barreiras da carreira.

O desenvolvimento da carreira é um processo complexo. Os alunos com incapacidade percebem múltiplos agentes como sendo barreiras à sua progressão. Algumas dessas barreiras apresentam-se como constantes no tempo, enquanto outras barreira se apresentam específicas de determinadas fases desse mesmo desenvolvimento.

Por sua vez, os apoios percebidos também se apresentam variados. É notória a importância dos apoios das pessoas mais próximas e significativas para os alunos. Para além destes aspectos, e apesar de estarmos perante um pequeno grupo de pessoas, e estes representarem uma pequena amostra, as suas percepções podem ser usadas para alertar que existem algumas fragilidades ao nível do ensino superior. Relativamente ao ensino aprendizagem, denota-se a necessidade de novas políticas interventivas, para que exista verdadeiramente igualdade de oportunidades para estes alunos.

É tempo de alterar para as atitudes negativas, pensamentos irrealistas, sentimentos incómodos, acções discriminatórias, pois estas barreiras podem ser vitais para o sucesso ou o fracasso de alunos com incapacidade (Fichten, 1998).

Deve haver uma reflexão sobre a entrada destes alunos no ensino superior. São necessárias mudanças, dentro e fora da comunidade académica. Estão incluídos professores, pessoas que prestam serviços a estudantes com incapacidade, os



investigadores, os empregadores e tomadores de decisão em todos os níveis da indústria e do governo (Fichten,1998), sobre como é possível que estes alunos possuam um ensino mais adaptado às suas necessidades e consigam ter acesso ao trabalho após a conclusão dos seus estudos.

Existem evidências empíricas que o construto de barreiras da carreira é um elemento importante para explicar o desenvolvimento da carreira, (Swanson & Tokar, 1991) este estudo exploratório procurou assim fazer um levantamento das barreiras da carreira de forma a ser possível construir conhecimento sobre o desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade. Este poderá ser o início de muitas outras investigações nesta área, nomeadamente para a construção de um instrumento que vise fazer a avaliação das barreiras da carreira nesta população. Este aspecto parece bastante interessante para a prática do aconselhamento de carreiras. Consideramos que será importante a continuidade de estudos nesta área, que consigam perceber a implicação que as barreiras da carreira podem ter para o desenvolvimento da carreira em pessoas portadoras de incapacidade.

BIBLIOGRAFIA

- Albert, K. A., & Luzzo, D. A. (1999). The role of perceived barriers in career development: a social cognitive perspective. *Journal of Counseling & Development, 77*, 431-436.
- Almeida, S. L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Antunes, J. & Veiga, F. (2004). Aspectos motivacionais dos alunos e do ambiente da aula: Variáveis do contexto escolar. *Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Instituto Piaget*. Almada: Campus Universitário, Instituto Superior de Estudos Internacionais e Transdisciplinares, 6 e 7 de Maio 2004.
- Azevedo, A. M. P. S. (2005). *Motivação e sucesso na transição do ensino secundário para o ensino superior*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Porto.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lisboa.
- Blustein, D. (2006). *The psychology of working: A new perspective for career development, counseling and public policy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodwin, M., Parker, M. B. R. M., & DeLaGarza. (2003). Disability and Accomodation. In. Szymanski, E. M. Parker, R. M. (2003). *Work and disability issues and strategies in career development and job placement*. (pp. 201-246). Texas: Pro-ed.
- Brown, D. & Associates (2002) *Career Choice and Development* (pp.255-311). San Francisco: Wiley.
- Burkhauser, R. V., & Houtenville, A. J. (2003). Employment Among Working-Age people with disabilities: what current data can tell us. In. Szymanski, E. M., &

- Parker, R. M. (2003). *Work and disability issues and strategies in career development and job placement*. (pp. 53-90). Texas: Pro-ed.
- Cardoso, P., (2006). *Percepção de Barreiras na Carreira em alunos do ensino secundário: Uma abordagem desenvolvimentista*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora: Évora.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2001). Percepção de barreiras da carreira em adolescentes e sua relação com atitudes de planeamento e de exploração da carreira. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 35, 67-80.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2008). Perception of career barriers: The importance of gender and ethnic variables. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 12, 49-61.
- Cardoso, P. & Moreira, J. (2009). Self-efficacy beliefs and the relation between career planning and perception of career barriers. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 9, 177-188
- Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (2004). Consultado em Outubro de 2009, www.dgs.pt.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2001). *Research methods in education* (5th ed.). London: Routledge/Falmer.
- Conyers, L. M., Koch, L.C., & Szymanski, E., M. (1998). Life-span perspectives on disability and work: a qualitative study. *Rehabilitation counseling bulletin*, 42, 1-22.
- Conyers, L. M., & Szymanski, E. M. (1998). The effectiveness of an integrated career intervention on college students with and without disabilities. *Journal of Postsecondary Education and Disability*, 13(1), 23-34.

Creed, P. A., Patton, W., & Bartrum, D. (2004). Internal and external barriers, cognitive style, and the career development variables of focus and indecision. *Journal of Career Development, 30* (4), 277-294.

Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) *Artigo 26 nº1*. ONU

Decreto-Lei nº 123/97, de 22 de Maio – Normas técnicas de eliminação de barreiras arquitectónicas em edifícios públicos, equipamentos colectivos e via pública.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). *The sag handbook of qualitative research*, (pp. 1-32). United states of America : Sage Publications.

Enright, M. S., Conyers, L. M., Szymanski, E. M. (1996). Career and Career-related Educational concerns of college students with disabilities. *Jornal of conseling & Development, 7*, 103-114.

Fassinger, R. E. (2008). Workplace diversity and public policy. *American Psychologist, 63* (4) , 252-268.

Febian, E. S., & Liesener, J. J. (2005). Promoting the career potential of youth with disabilities. In. Brown, S. D., & Lent, R.W. (2005). *Career development and counseling, putting theory and research to work*. (p. 551-572) New Jersey: Wiley.

Felgueiras, L. (2009) A Mudança de Paradigma. A evolução dos conceitos de Deficiência e Incapacidade. O modelo biopsicosocial da Funcionalidade e Incapacidade. Encontro sobre informação estatística e indicadores no âmbito da Deficiência/Incapacidade: Instituto Nacional de Reabilitação.

Fernandes, E. & Almeida, L. (2007). Estudantes com deficiência na Universidade: Questões em torno da sua adaptação e sucesso académico. *Revista de educação especial e reabilitação, 14*, 7-14.

Ferrari, M. A. L. D., & Sekkel, M. C. (2007). Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. *Psicologia Ciência e Profissão, 4* (27), 636-647.

- Fichten, C.S. (1998). [Original article and title are in Japanese]. Support for students in universities. In Koyazu, T., Komatsu, R., and Tomiyasu, Y. (Eds.). *Lectures on humans and caring: Together with people with disabilities - The front line in education, employment, and medical treatment* (pp. 183-252). Tokyo: Keio University Press.
- Fichten, C.S., Goodrick, G., Amsel, R., & Libman, E. (1996). [Original article and title are in Japanese]. Students and their professors: A guide for the college student with a disability. In Y. Tomiyasu, R. Komatsu, and T. Koyazu (Eds.), *Support for university students with disabilities: A new feature of universities* (pp. 153-229). Tokyo: Keio University Press.
- Fichten, C.S., Goodrick, G., Tagalakis, V., Amsel, R., & Libman, E. (1990). Getting along in college: Recommendations for students with disabilities and their professors. *Rehabilitation Counseling Bulletin*, 34 (2), 103-125.
- Fontana, A., & Frey, J. H. (2005). The interview: From neutral stance to political involvement. In Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). *The sag handbook of qualitative research*, (pp. 695-728). United states of America : Sage Publications.
- Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência., (2006). *1º Plano de Acção para a Integração de Pessoas com Deficiências ou Incapacidade 2006/2009*. Lisboa: Grafispaço.
- Gonçalves, C. (2001). Enquadramento familiar das pessoas com deficiência: Uma análise exploratória dos resultados dos Censos 2001. *Revista de estudos demográficos*, 33, 69-94.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipia Editora.
- Jones, G. E., (1997). Advancement opportunity issues for persons with disabilities. *Human Resources management review*, 7 (1), 55-76.

- Lent, R. W., (2005). A social cognitive view of career development and counseling In. Brown, S. D., & Lent, R.W. (2005). *Career development and counseling, putting theory and research to work.* (p. 101-130). New Jersey:Wiley.
- Lent, R. W., Brown, S. D., Hackett, G. (2000). Contextual supports and barriers to career choice: A social cognitive analysis. *Journal of Conseling Psychology, 47* (1), 36-49.
- Lent, R. W., Brown, S. D., Hackett, G., (2002). Social Cognitive Career Theory. In, D. Brown, & Associates (Eds.), *Career choice and development* (4th ed., pp.255-311). San Francisco: Jossey-Bass.
- Lent, R. W., Brown, S. D., Larkin, K. C. (1984). Relation of self-efficacy expectations to academic achievement and persistence. *Journal of Counseling Psychology, 31*, 356-362.
- Lent, R. W., Brown, S. D., Talleyrand, R., McPartland, E. B., Davis, T., Chopra, S. B., Alexander, M. S., Suthakaran, V., & Chai, C. M. (2002). Career choice barriers, supports, and coping strategies: college student's experiences. *Journal of vocational behavior, 60*, 61-72.
- Luzzo, D. A. (1993). Ethnic differences in college students' perceptions of barriers to career development. *Journal of Multicultural Counseling and Development, 21*, 227-236.
- Luzzo, D. A. (1996). Exploring the relationship between the perception of occupational barriers and career development. *Journal of Career Development, 22*, 239-248.
- Luzzo, D. A., & Hutcheson, K. G. (1996). Causal attributions and sex differences associated with perceptions of occupational barriers. *Journal of Counseling & Development, 75*, 124-130.
- Kosciulek, B. J. F. (2003). An empowerment approach to career counseling with people with disabilities. In. Szymanski, E. M. Parker, R. M. (2003). *Work and disability issues and strategies in career development and job placement.* (pp. 139-153). Texas: Pro-ed.

- McWhirter, E. H., (1997) Perceived barriers to education and career: ethnic and gender differences. *Journal of vocational behavior*, 59, 124-140.
- Oliveira, C. M., Guimarães, V. F., & Coleta, M. F. D. (2006). Modelo desenvolvimentista de avaliação e orientação da carreira proposto por Donald Super. *Revista Brasileira de Orientação profissional*, 7 (2), 11-18.
- Perry, E. L., Hendricks, W., & Broadbent, E. (2000). An exploration of access and treatment discrimination and job satisfaction among college graduates with and without physical disabilities. *Human Relations*, 53, 923-955.
- Pinto, H. R. (2004) Orientação Vocacional em Portugal: Temas para reflexão. *Psychologica*, 181-195
- Pires, L. M. F. S. A. (2007). *A caminho de um ensino superior inclusivo? A experiência e percepções dos estudantes com deficiência*. Tese de mestrado. Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa.
- Rey, F. G., (2000). *Pesquisa qualitativa em psicologia, caminhos e desafios*. São Paulo: Editores S.A.
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span , life-space theory. *The career development quarterly*, 45, 247-259.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brow, & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). New York: John Wiley.
- Secretariado Nacional de Reabilitação. (1995). *Normas sobre igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação.
- Silva, A. D. S. C. S. (2008). *A construção da carreira no Ensino Superior*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho: Minho.

- Soresi, S., Nota, L., Ferrari, L., & Solberg, V. S., (2008). Career guidance for persons with disabilities. In. Athanssou, J. A., & Van Esbroeck, R. (2008). *International handbook of career guidance* (pp. 405-417). Dordrecht: Springer science.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Brothers
- Super, D. E. (1974). Vocational maturity: Toward implementing a psychology of careers in career education and guidance. In D. E. Super (Ed.), *Measuring vocational maturity for counselling and evaluation* [Monograph] (pp. 9-23). Washington, DC: National Vocational Guidance Association.
- Super, D. E. (1980). *A life-span, life-space approach to career development*. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- Super, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In. Brown, D., & Brook, L. (Eds.), *Career choice and development: Applying con temporary theories to practice* (2nd ed., pp. 197-261). San Francisco : Jossey Bass.
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In. Brown, D., Brooks, L. (Eds.), *Career choice and development* (3rd ed., pp.121-178). San Francisco: Jossey Bass.
- Super, D. E., & Sverko, B. (1995). *Life roles, values and careers: International findings of the Work Importance Study*. San Francisco: Jossey Bass.
- Swanson, J. L. & Tokar, D. M. (1991). College student's perceptions of barriers to career development. *Journal of vocational behavior*, 38, 92-106.
- Swanson, J. L., & Witke, M. B. (1997). Theory into practice in career assessment for women: Assessment and interventions regarding perceived career barriers. *Journal of career assessment*, 5 (4), 443-462.
- Szymanski, E. M., Parker, R. M., Ryan, C., Merz, M. A., Espinoza, B. T., & Rodriguez, S. J. (2003). Work and Disability: Basic Constructs. In. Szymanski, E. M., & Parker, R. M. (2003) *Work and disability issues and strategies in career development and job placement*. (pp. 1-25). Texas: Pro-ed.

Taveira, M. C. (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens*. Braga: Lusografe

Trivino, B., & Szymanski, E. M. (1966). A qualitative study of the carrer development of Hispanics with disabilities. *Jornal of Rehabilitation*, 62 (3), 5-13.

Universidade de Évora, (2008). Regulamento de Apoio ao Estudante com Necessidades educativas especiais. Évora: Universidade de Évora

Yanchak, K. V., Lease, S. H., & Strauser, D. R. (2005). Relation of disability type and career thoughts to vocational identity. *Rehabil couns bull*, 48 (3), 130-138.

ANEXOS

Anexo I

Convite de Participação em estudo piloto

Sou aluna da Universidade de Évora, do curso de Psicologia e encontro-me a realizar a minha Tese de Mestrado subordinada ao tema: Barreiras da Carreira em estudantes Universitários Portadores de Incapacidade.

Nos dias de hoje ouvimos muito falar em inclusão contudo, os estudos nesta área ou estudos que possam dar pistas sobre as necessidades das pessoas portadoras de incapacidade são escassos.

O meu estudo pretende assim:

- a) Identificar Barreiras da Carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade;
- b) Identificar sistemas de apoio ao desenvolvimento da carreira em estudantes universitários portadores de incapacidade;
- c) Estudar diferenças entre tipos de incapacidade quanto às representações que têm das barreiras e dos sistemas de apoio ao seu desenvolvimento de carreira.

Para a realização deste estudo necessito da vossa colaboração, pois sem a colaboração das próprias pessoas portadoras de incapacidade, é impossível realizar esta investigação. O testemunho de cada um revela-se muito importante. Nesta fase inicial, encontro-me a testar a pertinência das perguntas da entrevista e se estas fornecem os dados adequados. Ao participarem nesta fase, estariam assim a participar no meu estudo piloto. A participação nesta investigação é fácil, com os participantes será realizada uma entrevista constituída por 4 perguntas, 5 no máximo, às quais terão que responder pessoalmente comigo e a qual pedía que pudesse ser gravada. A gravação será apenas para uma posterior transcrição, salvaguardando sempre o anonimato.

Estas são as condições ideais, contudo caso não seja possível pessoalmente, posso enviar por e-mail as perguntas, respondem por escrito e depois voltam a enviá-las-me. Penso que este é um tema bastante pertinente.

Agradeço desde já a vossa disponibilidade...

Cumprimentos Inês Gonçalves

E-mail: ines.goncalves22@gmail.com

Telm:

Anexo II

Entrevistas estudo piloto

Entrevista 1

Estudo Piloto

Sexo: Masculino

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência Visual

Perguntas:

- Que barreiras teve que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?

Relativamente a esta questão, posso referir que desde que entramos no ensino começamos desde muito pequenos a ultrapassar diversas barreiras no meu caso, em particular, considero-me uma pessoa bem sucedida. As barreiras que tive que enfrentar começaram com a entrada na Universidade, visto que o governo não previa apoios para quem queira prosseguir estudos, ou seja, quem queira progredir nos estudos ao concorrer, têm que ter meios de para comprar materiais específicos para poder trabalhar. É claro que temos facilidade no acesso ao ensino superior, mas de nada adianta se a pessoa não dispuser de meios para continuar. Na Universidade que frequentei sempre fizeram o esforço para que este problema fosse minimizado, no meu caso considero que o fizeram com sucesso. No caso da deficiência Visual as principais barreiras, no meu entender, foram as que se destacaram sobretudo nas arquitectónicas e no acesso a livros e materiais de apoio. No meu caso, o NAE de Évora, fez um excelente trabalho, só acho que devia colaborar com este núcleo alguém com deficiência para dar o exemplo e para fazer com que os utentes se sentissem revistos e seguros naquele núcleo. Eu tenho recebido telefonemas de pessoas a pedir ajuda e perguntam-me frequentemente como devem fazer para ter melhores apoios dentro das Universidades.

- Que barreiras têm que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?

Para seguir a minha carreira não tenho qualquer barreira, encontro-me de momento num cargo de coordenação e estou perfeitamente adaptado. As únicas limitações são a falta de verbas para apoiar as pessoas com Deficiência, apostar no potencial de trabalho dessas pessoas e perceberem que podem dar muito contributo laboral.

- Que barreiras você acredita que terá que ultrapassar no seu futuro, para atingir as suas aspirações de carreira?

No que toca a esta questão as barreiras que terei que enfrentar, vêm no seguimento dos meios que nós deficientes devíamos ter para lutar por empregos com igualdade de oportunidades.

Há um ano atrás, a instituição com quem trabalho candidatou-se no IEFP a uma candidatura de emprego apoiado, candidatura essa que se encontra legislada e aprovada, acontece que nunca passou do papel. As pessoas deficientes com cursos superiores ainda têm mais dificuldade em arranjar trabalho. Sinto que se não tivéssemos cursos teríamos mais apoios, esse tipo de medidas resulta com deficientes que ganhem pouco, e que não retirem muitas verbas ao Estado.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, específicas dessa deficiência, para desenvolvimento da sua carreira?

No meu caso, no que respeita a esta questão não encontro nenhuma barreira.

- De que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira?

Relativamente a esta questão não tenho beneficiado de qualquer tipo de apoio a não ser um estágio Profissional realizado no IEFP, todos os outros apoios a que me tenho candidatado não têm passado do papel, pelas entidades que as promovem,

impondo-me burocracias atrás de burocracias, visto que deveriam ser as próprias as primeiras a dar o exemplo.

Sugestões, e comentários, relativos à dificuldade na compreensão das perguntas colocadas.

Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 2

Estudo piloto

Sexo: Masculino

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência Visual

- Que barreiras **teve** que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?

Comecei a estudar aqui em Évora 1991, fui o primeiro cego cá. Apoios não havia nenhuns, o único apoio que tive durante os quatro anos do curso, foi dos meus colegas da própria turma e as adaptações que os professores por si achavam que deviam fazer. Eu tive exames e frequências, que eram exactamente iguais às dos colegas, quando havia quadros e gráficos para analisar, essas perguntas eu pura e simplesmente não as podia fazer. Os professores davam-nas como se eu não as soubesse. Apoios não havia mesmo nada. Eram os colegas que me gravavam as aulas, os apontamentos deles os livros, fotocópias que os professores davam, eu usei tudo gravado. Para fazer uma ideia, dos quatro anos do curso de História, tenho em casa em todo o lado caixinhas com 1700 cacetes. Para não perder essa informação resolvi, não regravar as cacetes se não perdia toda a informação.

Nessa altura ainda não havia computadores, ou melhor haver havia só que era tudo muito caro e eu não consegui ter acesso, ainda hoje eles são mas nessa altura

ainda, se tornavam mais caros. Depois tive algumas barreiras relativas aos horários, porque as aulas de manhã eram num edifício à tarde eram noutra e andar-me a deslocar de um sítio para outro tornava-se um bocado complicado, mas tive sempre ajuda dos colegas. Tive alturas em que não consegui ir a algumas aulas por ter que me deslocar de um lado para o outro, mas consegui ir até ao quarto ano.

Conseguiu acabar o curso?

O curso de história, não porque, não pude fazer o estágio porque a Universidade na altura achava que eu não poderia realizar o estágio, a alternativa que me deram foi fazer uma pós-graduação em necessidades específicas de educação.

Depois, comecei a trabalhar ainda estava a fazer essa pós graduação, a direcção regional de saúde onde eu estava, soube que eu estava aqui como aluno da Universidade a fazer a pós graduação, e disseram se eu me poderia candidatar para fazer este trabalho que actualmente ainda faço, aqui no distrito de Évora. Em 1997 estive em Reguengos e Estremoz, ia uns dias para um lado outros dias para outro. A minha função lá é ajudar os professores, no primeiro ciclo. Tinha que ajudar os professores a preparar fichas para ficar para a semana seguinte, porque eu ia lá só uma ou duas vezes por semana e tinha que deixar fichas para a semana inteira, preparadas para os alunos. E noutros dias, ia acompanhando as aulas, e ajudando os alunos.

E que dificuldades é que sentia?

A falta de materiais, principalmente porque não havia coisas para os meninos fazerem desenhos, não havia calculadoras, não havia livros. Foi bastante difícil os livros começaram a aparecer só para o meio do ano e eram poucos.

E dificuldades pessoais?

Nessa altura, não tinha dificuldades nenhuma, com os professores e alunos sempre tudo correu bem. As escolas é que tinham muitas barreiras, e tiveram depois que fazer as adaptações, no caso de bancos no meio do caminho, os miúdos deixavam as mochilas e os meus alunos andavam sempre a tropeçar. Mas isso ultrapassou-se no dia-a-dia, os miúdos começaram a ter cuidado e deixámos de ter esses obstáculos. Os que havia lá pela escola, foram as juntas de Freguesia que resolveram.

- Que barreiras **têm** que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?

Continuam-se a dar problemas com a falta de materiais mesmo nas escolas, em Viena temos um computador com programa de voz e uma impressora de Braille, em Montemor é só uma máquina de Braille que temos na escola, não temos mais equipamento nenhum. Em Arraiolos uma escola que estou este ano, também só tenho máquina de Braille, não há mais materiais nenhuns. Os livros de algumas disciplinas existem os anuais, por exemplo em Montemor faltam de Matemática, Inglês e Geografia, os outros estão vindo a pouco e pouco, porque, livros de 200 páginas em Braille são 10 ou 12 volumes de 100 páginas e vem a conta gotas.

No decorrer da sua profissão sente dificuldades a nível pessoal, algumas barreiras?

Não, a nível pessoal não, não tenho assim nada.

- Que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar no seu futuro, para atingir as suas aspirações de carreira?

Aí, as coisas estão realmente complicadas para os professores. Cada vez existe mais obstáculos e mais burocracias. Actualmente o tipo de contracto que tenho é contratação de escola, que é um contracto específico para trabalhar com estes alunos, mas é só feito a nível de escola. Não há concurso para o quadro, e existe sempre esta instabilidade todos os anos, ter que esperar que venha a autorização para escola abrir, o concurso e concorrer, é sempre uma grande instabilidade, Agosto e Setembro fico sempre naquela pressão, vem não vem autorização, a escola abre concurso não abre. E isto não tem expectativas de ser alterado.

Ou seja nunca tem um emprego certo

Sim o maior problema que eu sinto é esse.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas** dessa deficiência, para desenvolvimento da sua carreira?

Eu acho que voltamos ao mesmo, a falta de perspectiva de futuro e o acesso a materiais para poder desenvolver o trabalho. Por exemplo, quando foi agora o

concurso, este é feito pela internet, eu tive que pedir ajuda a um colega porque os computadores com os programas de voz, não lêem aquela aplicação que o ministério usa para fazer a candidatura. Não consegui por mim próprio, teve que ser um colega a ler o que apareceu no ecrã e eu a dar as minhas resposta e ele inserindo os dados.

Ou seja não existe um sistema adoptado?

Não a esse nível não, porque os programas de voz que actualmente existem não são indicados, apenas trabalham com o Word, um pouco com o Excel e pouco mais. Aqueles programas que o ministério da educação usa para as candidaturas, são programas específicos, que os programas de voz não os identificam, sem ajuda não consigo fazer.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira?

Ajudas apoios, sinceramente não espero que venham grandes apoios, a não ser dos próprios colegas. Do ministério se realmente avançasse o decreto de lei que fala das escolas de referência para cegos, focem instalados lá os materiais todos e os alunos focem para lá ai as coisas seriam facilitadas, porque tinham tudo junto. Se os equipamentos que estão espalhados pelo distrito, ficassem todos na mesma escola e todos os usassem ai seria mais fácil, para nós, professores cegos e ainda existem alguns no distrito e para os próprios alunos, para todos usarem equipamentos. Não estou a ver o Ministério a comprar equipamentos para todos os alunos, e professores cegos que existem no distrito. Os poucos equipamentos têm que ser distribuídos por todos e depois uns ficam com umas coisas, outros ficam com outras, à sempre coisas a faltar num lado ou noutro. Eu penso que é complicado e impossível que eles consigam arranjar equipamentos para todos.

E que ajudas já beneficiou?

Ajudas, a nível pessoal nunca tive ajudas nenhuma, do ministério da educação não.

E de outras entidades?

De outras entidades tive, em 98 pela Fundação Eugénio de Almeida, e dos Serviços Sociais da Universidade de Évora, não foi em 1995. Tive um computador com sistema de voz, que ainda nem sequer usava o Windows era o sistema anterior o

MS-DOS que funcionou até há pouco, no passado usei esse equipamento. Há dois anos a Universidade através de um protocolo com o Ensino Superior, atribui-nos computadores portáteis com sistema de voz, eu tive também acesso a esse portátil é a única coisa que tenho actualmente. É o portátil com sistema de voz, e que costumo levar para as escolas.

E assim que dá as suas aulas?

Sim eu costumo levá-lo, para que os professores me passem a informação que eles têm nos computadores deles, e eles passam-me essa informação e eu posso fazer as alterações que acho necessárias. Tenho usado aqui a impressora da Universidade, para imprimir em Braille. Costumo aqui vir ao Núcleo, eles têm impressora e imprimo, com a boa vontade do núcleo de apoio ao estudante, posso usar este equipamento.

Sugestões, e comentários, relativos à dificuldade na compreensão das perguntas colocadas.

Obrigado pela colaboração!

Entrevista 3

Estudo piloto.

Sexo: Masculino

Feminino

Que tipo de deficiência possui?

Possuo uma deficiência auditiva, ou melhor dizendo, uma surdez neurosensorial bilateral profunda.

Pergunta:

- Que barreiras teve que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?

Tive de ultrapassar as barreiras da “comunicação” e da “informação”. Se não as ultrapassasse, não saberia como nem me seria de todo possível chegar até onde cheguei no desenvolvimento da minha carreira.

Da “comunicação” porque, dada a minha deficiência, esta não me era perceptível da melhor forma possível, o que levou a que houvesse uma lacuna em não saber como nem conseguir comunicar com os outros e nem eles para comigo próprio.

E da “informação” porque, também dada a minha deficiência, esta não me chegava aos “ouvidos” e tinha de com as minhas próprias “mãos” e “olhos” partir à aventura de procurar obter essa informação e o significado dela.

Por isso, claro está, através da comunicação “para com os outros” e da informação “para comigo”, tudo se tornou possível de ultrapassar!

- Que barreiras tem que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?

Hoje em dia tenho de ultrapassar a barreira da “afirmação pessoal e profissional”. Ainda que as barreiras da comunicação e da informação possam ser, de alguma forma, colmatadas mediante usos e meios próprios, existe também a necessidade de ultrapassar esta barreira no sentido de me afirmar perante a sociedade em que vivemos, que é de nós e para todos nós, que existem diferenças mas que, se forem devidamente respeitadas e compreendidas, também nós podemos e somos capazes de fazer, tanto a nível pessoal ou profissionalmente, tanto quanto os outros.

- Que barreiras você acredita que terá que ultrapassar no seu futuro, para atingir as suas aspirações de carreira?

Depois da barreira da “afirmação pessoal e profissional”, que já está a ser ultrapassada, vem a barreira do “reconhecimento e mérito próprios”. Acredito que, num futuro próximo, quando atingir a minha aspiração profissional, saberei que essa barreira já foi por demais ultrapassada. E aí terei a certeza, de que não verei nem terei mais barreiras na minha vida!

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, específicas dessa deficiência, para desenvolvimento da sua carreira?

As barreiras que tenho encontrado são as mesmas que referi nos pontos anteriores e espero, tal como disse, não vir a encontrar mais nenhuma mas antes sim a procurar saber afasta-las do desenvolvimento da minha carreira.

- De que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira?

Tenho beneficiado de algumas ajudas/apoios técnicos no sentido de colmatar as minhas necessidades primárias do quotidiano. Contudo, a maior ajuda/apoio de que algum dia esperaria poder vir a beneficiar não seria de todo assim tão fácil e possível de concretizar, visto que não é “materialmente” susceptível de beneficiar e, imaterialmente, não responderia e/ou não saberia como responder ao meu desejo de ultrapassar a (última) barreira da minha carreira.

Sugestões, e comentários, relativos à dificuldade na compreensão das perguntas colocadas.

Não há sugestões ou comentários a dizer em relação às perguntas que foram colocadas, na medida em que não existiu qualquer dificuldade na compreensão das mesmas. Há sim a dúvida em saber se houve alguma dificuldade na compreensão das respostas que foram dadas...

Obrigado pela sua colaboração!

De nada! Aliás, obrigado eu que foi um prazer atender ao seu pedido...

Entrevista 4

Estudo piloto

Sexo: Masculino ___

Feminino __x__

Que tipo de deficiência possui?

Paralisia cerebral

- Que barreiras **teve** que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?

Foi logo desde pequena, porque eu sou de uma aldeia e se eu quisesse continuar a estudar, como estava na cadeira de rodas, não podia ir. Por isso, acabei a quarta classe e depois tive dois anos sem frequentar. Depois vim para cá para uma instituição, e foi quando comecei a ir à escola, e isso também foi um bocado complicado porque a escola depois teve que construir rampas, teve que minimamente adaptar-se. Fui para o André de Resende, e fui um bocado pioneira, aliás fui um bocado pioneira em todas as escolas. Mas fui muito aceite, tive sempre ajuda dos colegas, foram mais as barreiras físicas.

Depois fui para o Gabriel Pereira, onde tiveram que haver muitas mudanças nas salas, aí já foi um bocado mais fácil porque já havia salas no resto chão e era mais fácil.

Depois quando vim para a Universidade, o problema foi ficar em Évora, estava um pouco restrita a ficar aqui. E aí houve um grande problema por causa dos edifícios, no primeiro ano tinha aulas aqui, só na parte de cima, mas para isso tive dois meses à espera que construíssem a rampa, aquela rampa que está ali agora era outra, mas na altura era uma parecida e levaram dois meses para construir. Eu entrei em Setembro e já cheguei quase no final, já tinha perdido algumas frequências. Depois também tinha aulas no Quartel e era mais fácil.

E a nível pessoal, quando veio para a Universidade que barreiras sentia?

Não sei, acho que foi uma coisa que sempre quis, tive que me confrontar um bocado com as dificuldades de acessibilidade, mas os professores também foram sempre acessíveis, calhei na melhor turma, não sei mas acho que a minha turma foi muito boa, era uma turma que ajudava. Por exemplo a outra turma para mim era uma turma muito competitiva, e eram um bocado egoístas. A minha, o grupo funcionava muito bem.

- Que barreiras **têm** que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?

Tem sido encontrar um emprego, actualmente não é difícil encontrar um emprego, mas para quem é deficiente ainda é mais. Eu por exemplo, estou a fazer voluntariado num lar, três dias por semana vou lá fazer algumas coisas ligadas à psicologia, ajudo a rapariga que lá está que também é psicóloga, ela tem muito trabalho, algumas coisas faço eu, alguns acompanhamentos e temos um grupo em comum de desenvolvimento de competências pessoais. Mas é voluntariado! Ainda se falou no estágio profissional, apesar de ter muito mais facilidades por eu ter deficiência eles têm adiado a situação, e ainda não deram resposta nenhuma.

E a nível pessoal?

Não tenho assim nada, as minhas barreiras são mais físicas, nos acessos às coisas. Não me sinto desvalorizada, há dias que estamos mais em baixo mas isso é normal.

- Que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar no seu futuro, para atingir as suas aspirações de carreira?

Acho que gira tudo à volta do mesmo, acho que é muito o emprego, profissional.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas** dessa deficiência, para desenvolvimento da sua carreira?

É a mobilidade, eu tenho uma deficiência neuro muscular, e os músculos enfraquecem e como é genético, e progressivo os músculos vão perdendo a força, a pouco e pouco vão perdendo cada vez mais, é mesmo a mobilidade. Há certas coisas que necessitamos, temos que ir aqui e ali. Em termos de psicologia, se calhar por isso é que eu também escolhi psicologia, porque não é tanto a mobilidade, mas mesmo assim é preciso.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira?

Acho que agora já há muitas tecnologias, como os programas, por exemplo agora há um programa de informática o “Togra”, que infelizmente é muito caro, mas facilita porque é um computador que está ligado. É a casa inteligente, é um computador que está ligado à tomada gema, onde se pode ligar varias coisas e depois dá para acender luzes, abrir as portas. Funciona com o olhar, tem uma câmara que calibra a nossa vista, reconhece como um código. Está também ligado a electrodomésticos, é uma tecnologia do futuro que já esta acessível, para algumas carteiras, mas que irá facilitar muito. Uma vez que a mobilidade, as mãos e isso vai cada vez mais se degradando.

E de algumas entidades tem tido apoios?

Do centro de emprego, mas não tenho tido assim muito apoio, não encontra nada.

Sugestões, e comentários, relativos à dificuldade na compreensão das perguntas colocadas.

Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 5

Estudo piloto

Sexo: Masculino ___

Feminino X

Que tipo de deficiência possui?

Paralisia Cerebral, especificando, uma Diplegia Espástica Motora (deficiência motora que afectou predominante os membros inferiores, com um ligeiro compromisso dos membros superiores, principalmente ao nível da motricidade fina).

Perguntas:

- Que barreiras **teve** que ultrapassar no seu passado, para conseguir chegar onde está no seu desenvolvimento de carreira?

Tive de ultrapassar não só barreiras físicas, as quais se prendem com os inúmeros constrangimentos arquitectónicos ainda existentes na grande maioria dos edifícios deste país, mas também e principalmente barreiras sociais como o preconceito, a discriminação e exclusão social.

- Que barreiras **têm** que ultrapassar hoje em dia para seguir a sua carreira?

Para além das que já referi anteriormente, que acabam de certo modo por ser específicas da condição de deficiência, aquelas que qualquer pessoa não sendo deficiente tem também de enfrentar, como sejam: a crise económica e o alto nível de desemprego, a competição desenfreada e sem escrúpulos, as *cunhas*, etc.

- Que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar no seu futuro, para atingir as suas aspirações de carreira?

Infelizmente, ou felizmente não sei, não tenho poderes de vidência! No entanto, acredito que num futuro, pelo menos próximo, as coisas não serão muito diferentes daquilo que são no presente. Lamentavelmente !!

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas** dessa deficiência, para desenvolvimento da sua carreira?

Das barreiras que tenho encontrado ou espero vir a encontrar para o desenvolvimento da minha carreira, penso que aquelas que posso considerar como sendo específicas da minha deficiência, são as barreiras do tipo físico, uma vez que possuo uma deficiência motora. Neste contexto, ao falar de barreiras do tipo físico refiro-me não só às barreiras arquitectónicas e aos constrangimentos de mobilidade e acessibilidade que as mesmas me podem causar, mas também às próprias limitações físicas que possuo, e que me impedem de conseguir realizar determinado tipo de tarefas que dependem maioritariamente ou exclusivamente de aptidões motoras.

- Que ajudas/apoios têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira?

Ao longo do meu percurso escolar e académico beneficieei, ainda que nem sempre de forma oficial, do estatuto de Estudante com Necessidade Educativas Especiais. Durante o Ensino Secundário este permitiu-me, essencialmente, usufruir de um acréscimo de tempo para terminar as provas de avaliação (testes/exames nacionais) caso fosse necessário, uma vez que sou mais lenta na escrita; durante o Ensino Universitário, para além disso, o estatuto de estudante com NEE conferia-me também a possibilidade de realizar dois exames em Época de Exames Especial, benesse da qual nunca fiz uso.

Ao nível da vida profissional, na qual procuro actualmente integrar-me, não creio sinceramente que venha a beneficiar de algum apoio ou ajuda para ultrapassar qualquer tipo de barreira. Antes viesse! Não falam tanto em inclusão social da pessoa com deficiência?! De quotas de emprego obrigatórias na Função Pública para pessoas com deficiência?! De benefício fiscais para as entidades privadas, que empreguem pessoas com deficiência?! É lamentável que não passe tudo de pura e simples demagogia...enfim, é o país que temos e infelizmente que teremos ainda por muitos e bons anos!

Sugestões, e comentários, relativos à dificuldade na compreensão das perguntas colocadas.

Considero que todas as questões colocadas nesta entrevista são extremamente claras e objectivas.

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo III

Entrevistas estudo principal

Entrevista 1

Estudo principal

- Sexo: Masculino _ _____ Feminino __ x _____
- Idade _24_____ Ano do curso _5ºano _____
- Curso _Psicologia _____
- Que tipo de deficiência possui?

Deficiência Visual

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Eu tenho cegueira adquirida, portanto comecei a escola normal, aprendi a escrita normal tudo normalmente até que perdi a visão aos 14 anos. E aí então começaram as barreiras, primeiro porque tive que aprender o Braille, tive que aprender todo um conjunto de técnicas tanto de desenho como de mobilidade, apesar de ter sido uma coisa que ficou um pouco descurada sempre ao longo dos anos, não foi dada tanta importância a isso como devia ter sido. Também porque na zona onde eu moro, não havia professores de mobilidade que se pudessem deslocar à minha escola e me pudessem dar aulas. Assim eu tinha aulas na escola, mas por uma professora do ensino especial, ou seja, ela própria não sabia grande coisa, porque não era especializada na área da mobilidade. Depois outras coisas, tive que adaptar todo o tipo de materiais, os livros em vez de ser um livro pequeno, passou a ser um livro, enorme com muitos volumes, por exemplo vinte e quatro volumes, para ter um livro de ciências ou de geografia. A calculadora, o telemóvel a agenda, teve que ser tudo adaptado, o computador, essas coisas todas.

Agora em termos de barreiras concretas, eu nunca senti relativamente à escola, e nas disciplinas que tive que fazer, nunca senti grande dificuldade porque recebi muito apoio da escola. Quando eles viam que em alguma

disciplina eu ia sentir alguma dificuldade davam-me outras hipóteses de escolha, por exemplo no 10º ano eu fui para a área das ciências, e teria que ter técnicas laboratoriais, para mim era um bocado complicado, para ver no microscópio e ver a mistura das cores. Eles davam-me outras hipóteses, eu em vez de ter técnicas laboratoriais tive, técnicas de organização empresarial, era uma disciplina de outra área, mas deram-me essa oportunidade. No 11º ano era para voltar a ter as técnicas laboratoriais e deixaram-me ter técnicas de expressão dramática, fazia teatro. Acho que as coisas sempre foram sendo superadas.

Quando escolhi o curso, esta talvez tenha sido a minha grande barreira porque não a consegui ultrapassar. Eu queria seguir Terapia Ocupacional, não queria mesmo Psicologia, e não pude entrar por causa dos pré-requisitos porque eles diziam que as pessoas não podiam ter qualquer tipo de deficiência. E então não pude entrar para o curso. Essa foi a minha maior barreira.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Neste momento na Universidade, penso que existem mais barreiras do que quando eu estava na escola secundária, onde fiz os restantes anos, porque eu tive desde o 5º ano ao 12º sempre na mesma escola. Aqui senti mais, porque para já não temos os materiais todos adaptados como temos lá, não recebemos sequer tanto apoio dos ministérios, não são tidos em conta as nossas necessidades especiais. Por exemplo a nível da mobilidade, a primeira vez que eu quis ter aulas de mobilidade foi quando eu cheguei à Universidade, porque eu achei que era realmente importante, e na altura também queria um cão guia. Entrei em contacto com o núcleo de apoio ao estudante e disse que queria ter um professor de mobilidade, e eles também começaram a pôr barreiras em relação a isso, a dizer que era um bocado complicado e não era possível, tanto que eu só comecei a ter aulas de mobilidade o ano passado, onde podia ter começado no primeiro ano. Depois sinto que alguns professores ainda ficam um pouco relutantes em ter um aluno na sala de aula com deficiência, alguns. E acho que alguns professores pensam que sabem muito, mas depois vamos ver e não sabem muito sobre deficiência.

Achas que os professores não têm muita sensibilidade?

Sim acho que alguns não têm, ainda ficam um bocado reticentes. Mas também existem uns que me vêm, e me perguntam o que eu preciso, o que têm que fazer para eu perceber as aulas. Acho que é a mentalidade de alguns professores. Também a falta de material essencialmente, livros científicos, porque nós, temos sempre que nos basear em material científico, e seja digitalizado ou em Braille esquece não há nada. E depois a questão da mobilidade, mas isto talvez não digo por culpa minha, porque se eu tivesse tido oportunidade, já tinha tido aulas de mobilidade muito mais cedo, mas pronto não foi possível.

Não foi possível porque o núcleo não te deu esse apoio?

O núcleo aqui e já antes lá na minha escola, porque eu estava em Torres Vedras e não havia lá nenhum professor na zona, e os professores de Lisboa também não se deslocam para lá porque não há verbas.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

No futuro, eu penso que vou ter dificuldades em arranjar trabalho, é assim eu sei que isto está mau para todos mas acho que está pior ainda para as pessoas com deficiência. Quando nós vamos a uma entrevista, a noção que eu tenho e que estou à espera que aconteça é que muitas entidades me ponham logo de lado. Acho que vou ter outras dificuldades, que têm que ser ultrapassadas, tenho que conhecer bem o local onde vou trabalhar, ou seja também ao nível da mobilidade, tenho que me esforçar um bocadinho para me locomover completamente sozinha, porque também não quero ser um encargo para a instituição, eles é que têm que lucrar com a minha presença lá. As pessoas ainda não estão abertas a receber pessoas com deficiência nas empresas, e a achar que elas podem ter as mesmas capacidades que as outras.

Achas que ainda existe um certo preconceito?

Sim existe, se não existisse não era preciso o ministério criar vagas específicas para as pessoas com deficiência.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Uma das coisas pode ser o acesso a determinados tipos de material, por exemplo provas psicológicas, o caso da WISC, que utiliza muito a visão e outras semelhantes. Depois por exemplo numa determinada empresa, as coisas não estão todas digitalizadas, e eu tenho que ter acesso a determinados materiais, acho que isso também pode ser uma barreira. Vamos imaginar que uma empresa de recursos humanos, que até quer contratar psicólogos, eu se calhar estou logo um bocado excluída porque, eles precisam de organizar dossiês com as candidaturas todas, e aí eu ficava logo um bocado excluída porque eu trabalho muito é com o computador e com o Braille já poucas pessoas trabalham. Mas acho que é isso, é o acesso a materiais, às provas psicológicas.

- Que **ajudas/apoios** tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Primeiro quando perdi a visão, tive todo o apoio a nível dos materiais necessários e da adaptação da própria escola e dos professores. Os próprios professores tiveram que se adaptar a mim, porque eu lia os textos normais, e de repente eles tiveram que perceber que tinham que passar tudo por um processo para aparecer em Braille. O próprio espaço escolar, haviam, determinadas exposições onde punham os placares no meio dos corredores, nos átrios e tiveram que perceber que tinham que deixar de fazer isso, tinham que seguir uma determinada regra, para eu saber sempre onde podia andar.

Tive os exames nacionais todos adaptados, todos em Braille, depois através de verbas que não sei muito bem de onde vieram, comecei a ter computadores com software com leitor de ecrã. Outras coisas fui adquirindo à

minha conta, como o telemóvel com leitor de ecrã, agendas, fui eu que consegui. São materiais que existem e que nós podemos comprar para facilitar. Mas depois o que acontece também, é que, há certos materiais o computador, e scanners com voz também, onde nós estamos a digitalizar o livro e ele vai logo lendo, mas são materiais muito caros, e a maioria de nós não tem acesso a eles.

Depois cá na Universidade, agora já tenho o professor de mobilidade, vou tendo os materiais escritos, ou digitalizados e levo-os ao núcleo.

Quando eu perdi a visão nunca tive apoio psicológico, na altura eu não percebia, mas agora realmente vejo que devia ter tido e que me ia fazer muito bem. Cá na Universidade, devia procurar apoio, porque às vezes me sinto mal com determinadas situações e fazia-me bem falar sobre isso, mas entretanto o tempo vai passando e nunca me deu aquele clique de é hoje que vou, e nunca fui. Em termos de amigos, e essas coisas não tenho tido queixa, tenho tido sempre pessoas que me vão apoiando e ajudando, no que vou precisando.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 2

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino _____
- Idade 29 Ano do curso 4ºano
- Curso Psicologia
- Que tipo de deficiência possui?

Deficiência visual

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

A principal barreira foi, quando entrei para a Universidade para um lugar que me era totalmente desconhecido. E a principal barreira que eu encontrei foi na questão das deslocações, apesar de ter tido algumas aulas de mobilidade, mas tem sido um bocadinho difícil, o aspecto das deslocações para alguns locais. O que depois se foi dissipando, porque fui conhecendo melhor a cidade os locais. Foi também a falta de material específico, nomeadamente bibliografia e o acesso à internet na altura também, não era frequente porque a Universidade não dispunha de tecnologia para nós.

A nível pessoal, não senti muitas dificuldades, a parte da integração e do relacionamento com os outros, foi relativamente fácil, porque sou uma pessoa bastante extrovertida e acho que me integro perfeitamente bem, não senti assim grandes dificuldades.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Actualmente, a principal Barreira, que é uma dificuldade comum é o preço das propinas elevado. Acho eu surge cada vez mais a necessidade de terminar o curso o mais brevemente possível, para poder pelos menos tentar

entrar na vida activa, no mundo do trabalho. Não estou a ver assim grandes dificuldades, apesar de salientar também sempre o facto da parte bibliográfica, dos livros, a consulta de materiais. Já vai existindo, muito mais do que havia antes, mas mesmo assim considero que certos livros e certas revistas de Psicologia, que nós precisamos de consultar, por vezes temos que ser nós a digitalizar ou a recorrer a alguém, ainda falta haver assim um suporte. Prende-se um bocado com isso, o material por muito que haja, não é suficiente.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

A principal é ingressar no mercado de trabalho, porque dada a conjuntura que se vive hoje em dia, vai ser assim uma barreira com a qual vou ter que lidar. Depois será sempre também, a fase inicial a falta de experiência, a possibilidade de ter que me deslocar para sítios que não conheço, e ter que me adaptar. Apesar de já ter referido que na parte social, relacionamento não me considero que seja difícil, mas existe todo um conjunto de situações que terei que me adaptar. É encontrar uma nova realidade. A nível pessoal, será readaptar-me, fazer novos conhecimentos, lidar com situações porventura até então estranhas, ter outro tipo de relacionamentos de contactos. Assim como na Universidade foi fácil criar esses relacionamentos, não quer dizer que no futuro assim o seja também.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Acho que já referi algumas, como nomeadamente as deslocações a locais no caso concreto da Unesul, que é um pólo da Universidade que fica relativamente longe do sítio onde eu vivo, e dependo do motorista dos serviços da acção social para me deslocar até lá. Uma das Barreiras que eu acho que tem vindo a ser uma constante da Universidade é os pólos da Universidade serem de certa forma dispersos, muito embora o Colégio Luís Vernei, o Espírito Santo e a Casa Cordovil, sejam relativamente perto e dentro da cidade, e na zona histórica. A Unesul foge um bocadinho a essa regra é sempre um bocado mais complicado. Depois a nível

mais específico da deficiência, tem haver um bocado com o que eu disse, os materiais específicos para o curso, por muito que já se tenha feito, e hoje em dia na internet encontramos muito material, e há muitos livros digitalizados, continua sempre a ser insuficiente. Por exemplo uma pessoa mono visual pode chegar à biblioteca da Universidade e consultar ali uma revista, in loco. Pega na revista vê o que interessa e o que não interessa e para nós tornasse um bocado mais difícil, nesse ponto porque precisamos sempre da ajuda de alguém nesses casos e posteriormente mandar digitalizar, ou nós próprios digitalizamos, ou fotocopiamos.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Já beneficieei de bolsa de estudo. Existe depois essa barreira que me esqueci de frisar, a barreira da questão económica que acaba por ser uma dificuldade, e nesse campo já beneficieei de bolsa de estudo, dos Serviços de Acção Social da Universidade de Évora. Do núcleo de apoio ao estudante, que trata das questões relacionadas com as digitalizações, transcrições, também a escrita a negro e de negro para Braille. Tenho também e especialmente contado com o apoio dos meus amigos, colegas, professores que é também estritamente importante.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 3

Estudo principal

- Sexo: Masculino Feminino
- Idade 20 Ano do curso 2ºano
- Curso Gestão
- Que tipo de deficiência possui?

Deficiência motora. (Cifoesclulose múltipla)

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Não tenho tido muitos problemas, mas tem sido muito a nível das distâncias. A minha deficiência põe-me mais barreiras é em questão às distâncias, dos edifícios uns dos outros. Em relação a acessos não tenho sentido grandes dificuldades. Sinto-me totalmente integrado.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Volta a ser a mesma questão, a distância dos edifícios entre os edifícios. Porque existem aulas que são noutros edifícios e eu tive que deixar de ter essa aula, para ter aqui, e alterou-me um bocado o meu horário não é aquele que eu pretendia.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Para além das arquitectónicas não vejo outro tipo de barreiras, subir escadas canso-me muito rapidamente.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Como eu já disse anteriormente, sinto-me integrado e não tenho sentido grandes dificuldades, mas para isso têm contribuído os meus amigos que me facilitam a deslocação de um pólo para outro. Como específico, é mesmo as distâncias entre locais, é a única barreira que eu tenho sentido ao longo dos tempos. Anteriormente não tinha esse tipo de dificuldade, mas a partir do Secundário e agora na Universidade, existem vários pólos e ir para um, ir para outro torna-se um pouco complicado e a Universidade não me tem facilitado muito nisso. Só mesmo o Núcleo de apoio ao estudante é que tem feito algum esforço para as aulas se realizarem aqui todas no Espírito Santo e nisso tem sido impecável. Dificuldades arquitectónicas as escadas, podiam ter elevadores, é esse tipo de barreiras.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

O Núcleo de apoio ao estudante, tem sido uma grande ajuda, tem sido impecável, não tenho razão nenhuma de queixa. Depois os amigos, os amigos têm sido um ponto vital aqui na Universidade se não, não teria feito algumas cadeiras, sem a ajuda deles.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 4

Estudo principal

- Sexo: Masculino x Feminino
- Idade 20 Ano do curso 3ºano
- Curso Gestão
- Que tipo de deficiência possui?

Deficiência Visual

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Logo na primária fui para Lisboa e acabei por estar longe dos meus pais. Tive que ir para uma casa onde eu não conhecia ninguém, só ia a casa aos fins-de-semana, isto com seis anos. Estive lá nove anos, até acabar o 9ºano, depois já estava cansado daquilo.

Na tua terra não havia escola?

Havia, mas a informação que deram aos meus pais é que eu tinha que ir para uma escola especial, e então fui para lá. Depois como tinha que mudar de escola fui para a minha zona. No início foi um bocado complicado porque eles não estavam, propriamente à espera que fosse para lá um aluno invisual, nem preparados para isso. Ao início foi um bocado complicado até chegar a professora de apoio, que também não estava preparada para lidar com este tipo de situações, porque nunca lhe tinha acontecido nada deste tipo. Mas a escola até foi muito boa, porque trataram logo de pedir a professora e pedir alguns materiais, mas até que isso tudo chegasse... Como, tudo neste, pais tudo demora muito tempo. Ao início foi mau, depois quando vim para cá, foi difícil porque era o primeiro caso no meu curso, nunca tinham tido um aluno invisual no meu curso, os professores não sabiam bem como lidar com a situação, nem sabiam como haviam de fazer. Mas por outro lado foi um bocado

facilitado porque haviam já outros alunos, havia mais casos cá na Universidade.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Actualmente, não estou a ver assim muita coisa. Para além das dificuldades normais que toda agente tem.

Quais são essas dificuldades?

Em termos do curso, às vezes as matérias não são muito acessíveis. O acesso a algum material também não é muito fácil, no que toca à área das matemáticas, como são coisas mais específicas.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

No futuro, depois de acabar o curso, de certeza que vai ser complicado a entrada no mercado de trabalho, é complicado para qualquer pessoa quanto mais para uma pessoa com uma deficiência. Normalmente as empresas têm algumas barreiras a esse tipo de situações, por isso de certeza que vai ser complicado.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Dificuldades no acesso a algum tipo de informação, a coisas mais específicas do curso da minha área.

- Que **ajudas/apoios** tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Antes de cá chegar tive ajudas de livros por parte da escola e de outros materiais, também já tive ajudas da segurança social. Aqui tive do Núcleo de apoio ao estudante, que tem dado uma boa ajuda na digitalização de materiais.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 5

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino ___x_____
- Idade __38__ Ano do curso __1ºano__
- Curso_Psicologia_____

Que tipo de deficiência possui?

Tetraplégia, (deficiência motora)

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Para ultrapassar as barreiras arquitectónicas, eu nasci normalmente, tive um acidente quando tinha vinte e seis anos, afectei a medula num despiste de Jipe. Entretanto tive que ultrapassar muita coisa, tive que me adaptar a uma nova vida totalmente diferente, nós nascemos a adaptarmo-nos a fazer cada vez mais coisas, e de repente, tudo aquilo que conseguimos fazer, deixamos de conseguir fazer quase tudo e é uma dependência, tem que se ter muita força de vontade. Há dias muito maus, há dias melhores, mas tem que se tentar ultrapassar, emocionalmente tem que se ter muita força de vontade, para ultrapassar tudo. Tem que se ter muita força psicológica, muito grande muito grande.

E concretamente que barreiras teve que ultrapassar?

Tive que voltar a trabalhar, porque tinha vinte e seis anos e com aquela idade não ia ficar o resto do tempo em casa. Estava a terminar o 12º ano à noite, voltei também. Depois entretanto concorri para a Universidade, entrei para a Universidade Aberta, e agora estou aqui em Évora, mas é muito difícil. A nível arquitectónico, e para já a minha lesão é muito alta, não consigo conduzir, tenho que vir com alguém às aulas e depois mesmo em termos de barreiras

arquitectónicas nada está acessível. Por exemplo aqui no Colégio Pedro da Fonseca, para entrar aqui preciso sempre de ajuda. Têm os tapetes à entrada, as rampas não consigo mudar de um pavilhão para o outro, não consigo com esta cadeira, pronto se fosse uma cadeira eléctrica, conseguia subir, mas com esta cadeira não consigo subir, porque a rampa não é acessível e tenho que estar sempre dependente de alguém.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Volto sempre a dizer que, tem que ser sempre a força de vontade acima de tudo, para ultrapassar as barreiras. O apoio familiar, com um bom, apoio familiar se não também não seria possível. Com a compreensão das pessoas que nos rodeiam, mas as pessoas que nos rodeiam, por vezes colegas não tem obrigação e cada um tem a sua vida e hoje pode-se outras vezes não se pode ajudar. Às vezes, as pessoas estão à pressa para sair e não podem estar a ajudar.

Ao nível do trabalho tenho tido muita sorte porque tenho tido colegas espectaculares, nas coisas que eu não consigo fazer, não consigo mesmo. Eu trabalho com um computador, sou administrativa, na APPCDM em Elvas e há coisas que não consigo fazer, porque tenho dificuldade em escrever à mão. Estar com uma caneta e escrever com força, não tenho força e eles estão sempre prontos para me ajudar. Agora tem que se passar com muita força de vontade e não pensar nas limitações, pensar sempre, fazer-se o que se consegue dentro das limitações e às vezes não é fácil. É um voltar atrás na vida, é como se tudo aquilo que se adquiriu se perdesse e é preciso um grande poder de encaixe, a nível psicológico para se conseguir ultrapassar.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Com a boa vontade das pessoas. Eu por acaso, não tenho tido muita razão de queixa, sempre tenho encontrado pessoas que compreendem, mesmo a nível profissional. Consigo trabalhar dentro das limitações, agora a nível arquitectónico à muita coisa a fazer nos edifícios aí fora. A legislação, não

sei como fazem as coisas, fazem rampas que ninguém consegue, se não for com ajuda de alguém, ninguém consegue. E as pessoas não têm a mínima sensibilidade, em estacionar por vezes em sítios que estão nos lugares para deficientes. Eu por acaso não consigo sair do carro sozinha, porque tenho uma lesão muito alta. Quando a lesão é mais baixa conseguem, por exemplo para ir ao Modelo ou a outro lugar qualquer, e tem lá os outros carros, querem sair com a cadeira e não conseguem, porque não há a mínima sensibilidade. As pessoas não pensam, que as pessoas precisam, cada um faz a sua vida. Lá haverá pessoas que têm alguma sensibilidade, mas muitos não a têm e não sabem a diferença que isso faz, é horrível.

E a nível do curso, que barreiras é que acha que terá que ultrapassar?

Penso que terei que ultrapassar muitas, porque para já moro em Elvas, não posso pegar no carro e vir, estou sempre dependente de alguém que venha comigo. Até agora tenho tido um moço que tem sido impecável, tem vindo comigo. Mas por exemplo, chegar aqui, nem que me viesse trazer de manhã, estou sempre dependente, para mudar dali daquele edifício para aqui. Tenho que estar sempre a pedir a alguém, e as pessoas às vezes têm trabalhos de grupo ou sai tudo da sala a correr porque vão almoçar e fazer isto, e eu não posso estar a dizer olha vê lá. Às vezes dizem, olha precisas de alguma coisa, mas outras vezes, as pessoas tem a sua vida e não estão para estar a dizer, olha precisas de alguma coisa. E é compreensível, mas é muito difícil, ao passo que se estivesse tudo adaptado, eu pegava na cadeira e ia, até mesmo acesso ao bar eu não consigo ir sozinha tenho que estar sempre a pedir a alguém, e isso torna um bocado a frustração ainda maior.

No início do ano falei com a coordenadora do curso, falei com o gabinete de apoio ao estudante, mas como vê estamos quase já no fim do segundo semestre e está tudo igual. E depois há dias que não basta já as dificuldades que se tem, quanto mais coisas que poderiam ter remédio e não se faz isso.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

São as barreiras arquitectónicas é sempre muito difícil, também não conseguir fazer certas coisas, não consigo escrever normalmente porque a minha lesão é muito alta. A dependência, sempre que quero ir ali ou ir além, não conseguir sair de casa, ter que estar sempre à espera de alguém que me leve aqui ou ali, é muito, muito complicado.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Apoios era nos edifícios, quebrar muitas barreiras arquitectónicas e por vezes mais sensibilidade por parte de algumas pessoas, não de todas porque há pessoas que têm muita sensibilidade, mas outras, ainda há algum estigma embora já haja alguma evolução. Há algum estigma perante a deficiência, por vezes as pessoas não têm noção, do que é ter uma cadeira de rodas, só olham para a cadeira de rodas ou para a deficiência, não olham por detrás o que está, não olham para a pessoa, nem se apercebem. Eu penso que por vezes é por medo, se eu tivesse ali como é que eu ia reagir, às vezes as pessoas têm um certo estigma e é mais fácil não olhar e passar ao lado. Nem pensam bem o que terá sucedido, eu fiquei assim numa fracção de segundo, eu era uma pessoa vá normal, o conceito de normal nunca se sabe bem como é, e de repente fiquei assim, e como eu muitos, porque sucede a qualquer um, num mergulho, numa queda de qualquer coisa, basta fazer um trauma a nível medular.

E que apoios têm beneficiado?

Apoios, entrei para APPCDM de Elvas através de um apoio do Fundo Social Europeu, que foi uma empresa de inserção, que englobou seis trabalhadores e eu fui para a área administrativa. A nível de apoio estatal, cada vez estão a tirar mais, eu por exemplo dependo de uma pessoa, porque não me consigo deitar sozinha, nem levantar, e tinha o complemento de uma terceira pessoa. Optei trabalhar por ser muito nova e não fazia sentido nenhum estar o dia inteiro em casa, e a nível psicológico isso não é bom para ninguém, muito mais para quem não tem onde

ocupar o tempo a fazer certas tarefas e optei por trabalhar. Tiraram-me o complemento da terceira pessoa, porque acham que estando a trabalhar não tenho necessidade disso, ou seja quando chego a casa à noite ou de manhã quando tenho que me levantar, ou nos fins-de-semana, não, não preciso de ninguém que me ajude.

A nível de inserção das pessoas com deficiência é muito difícil, porque lá onde estou acabo por ver que é difícil, há lá formação mas acabam quase sempre por não ficar.

Eu estou completamente integrada e tenho bons colegas, como já disse.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 6

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino ___x_____
- Idade __22__ Ano do curso __3ºano_____
- Curso *Psicologia* _____

Que tipo de deficiência possui?

Baixa visão e surdez severa, (Multideficiência)

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Principalmente comecei com a escolha do curso, foi um bocado difícil, principalmente pelas minhas deficiências. Foi mais uma escolha, de que gostava entre o que gostava, do que podia fazer, optei pelo que gostava. Também tive que passar por aceitar a surdez, aceitar ter baixa visão, e os obstáculos são muitos, há sempre muita coisa. É complicado a comunicação, como eu não oiço, principalmente neste curso, porque o principal é a comunicação o ouvir, a relação com a pessoa, apesar de ter uma perspectiva de vir a trabalhar com surdos, através de língua gestual. Há sempre muita coisa porque são as duas deficiências, são as barreiras auditivas, visuais.

Na Universidade é mais nas aulas. No princípio foi em adaptar-me no primeiro ano, por exemplo, ao meio, integrar-me aqui não conhecia ninguém, era complicado também adaptar-me ao espaço novo fora daquele ambiente dependente onde estava da família, ganhei autonomia. Agora aqui no dia-a-dia é mais fazer o trajecto, no primeiro ano usava bengala mas foi mais para me habituar ao espaço saber onde estão as coisas, só que todos os dias há sempre coisas que são impostas, como os carros nos passeios por exemplo, há coisas que não dá para ver bem. De casa até ao Espírito Santo há sempre qualquer coisa no caminho que eu não vejo.

Ouvir nas aulas é complicado, só me baseio nos apontamentos dos professores, não consigo perceber tudo o que eles dizem e depois é só mesmo

estudar, pegar nos livros e estudar, e colocar algumas questões aos professores. Custa muito em debates, discussões não consigo participar.

Antes estive numa escola normal, não era para pessoas surdas nem invisuais, e até ao sétimo ano ainda não tinha a baixa visão, ainda usava óculos, porque escondi durante muito tempo que via mal. Só a partir do sétimo ano é que comecei a ampliar as coisas e o meu gosto pela Psicologia começou aí.

Na escola tínhamos uma sala de apoio educativo, e tive sempre muitos apoios, para cada disciplina depois tinha um apoio individual. No secundário, os professores e a família disseram-me para dividir os anos em metade, só que eu disse que não, assim saia do secundário quase com trinta anos já, e fiz uma birrinha. Se eu acho que consigo vou até ao fim, e depois tive boas notas. No 11º disseram-me a mesma coisa para dividir, mas eu não queria nada disso, e consegui, cheguei a ter 16 e 17, era coisas que ninguém estava à espera, devido às deficiências. O que vale é que eu, quando me interesse pego nas coisas e estudo. No 12º foi mais complicado, comecei a ter o problema dos exames nacionais, andava muito nervosa, e acabei por ficar mais um ano na escola, depois foi a decisão do curso.

O que eu poderia fazer? Primeiro decidi ser massagista, era uma coisa que eu achava graça, mas não tinha muito interesse, gostava de fazer massagens às vezes, mas não era uma coisa que eu me imaginava a fazer todos os dias, a toda a hora, a toda agente, era mais uma coisa por eu poder fazer, por não ouvir bem e não ver bem e ser fácil. Era um curso de três anos, e depois que garantias é que eu tinha de conseguir trabalhar, ou de me aceitarem num trabalho a ouvir mal e a ver mal, não tinha nenhuma. Assim fiquei mais um ano, a fazer melhoria em Psicologia, e decidi que era isso que queria fazer.

Vi várias Universidades, vi a Universidade Lusófona, a Universidade de Évora, andei a procurar mesmo o melhor sítio para mim, onde podia integrar-me melhor que poderia ser mais fácil, apesar de nunca ser fácil. E agora também não tenho nenhuma garantias que consigo trabalhar, apesar de estar a conseguir fazer isto, com uma média mais ou menos razoável.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Neste momento no primeiro, segundo ano foi mais a nível económico, as propinas. Sou de Torres Vedras são as viagens para Évora a vida não é fácil. No primeiro ano a minha mãe também teve uma doença, um tumor e conseguiu, foi uma fase complicada logo no início do segundo semestre, mas consegui ultrapassar e ficou tudo bem. Nessa altura andava, no segundo semestre, já andava mais calma aqui em Évora, mas depois acontece isto à minha mãe e a motivação já era outra.

Neste momento é mais complicado também em relação a isso. Sinceramente quando nós estamos com algum problema, o que nós queremos fazer, apesar de eu estar a querer tirar o curso, há dias que não tenho concentração nem estou motivada para isto agora. Há dois meses foi diagnosticado, outro tumor à minha mãe e recentemente apareceu outro ao meu pai, cerebral e está mesmo em fase terminal. Está a ser complicado, apesar de estar aqui em Évora, a minha cabeça está noutro lado. Sinceramente são as únicas coisas que eu vejo agora, que me estão a dificultar um bocado. Não tenho muita concentração para estar a fazer as coisas como gostaria de fazer.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

No futuro as maiores barreiras que tenho, não é que eu ande a pensar, que era a típica pessoa, quem me dera ouvir bem, ver bem, e um dia mais tarde vai ser mais fácil, mas também não penso assim. Os únicos obstáculos que me podem impedir, de me aceitarem num trabalho, há sempre um sítio alguma pessoa que pode não aceitar devido às deficiências. Nós podemos trabalhar em algum sítio.

Devido a ter a surdez, a relação com a pessoa a comunicação fica, não é totalmente normal, por assim dizer. É sempre complicado ter uma comunicação directa, sem ter que estar a repetir as coisas todas, no futuro não sei como fazer, espero conseguir. Acho que em Psicologia no curso em que estou é importante a comunicação, mas cada vez mais, também há surdos que

não têm a comunicação verbal, apenas com a gestual é aí que eu quero tentar, talvez um dia consigo. As únicas barreiras é mesmo, o conseguir a comunicação, ultrapassar os obstáculos que se vão tendo.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Pegando na pergunta anterior, eu ainda não tenho um curso de língua gestual como deve ser, tenciono tirar para o ano, e ficar aqui mais um ano em Évora, antes de ir para mestrado, já que tenho duas cadeiras para fazer ainda aproveito e tiro um curso. Só que também é complicado, porque não sei se a minha baixa visão vai piorar ou se fica igual. No meu caso quanto mais ferramentas tiver como, o Braille, a língua gestual, e materiais adaptados melhor. Só que é complicado, porque uma coisa é um surdo só surdo, outra coisa é um cego apenas cego, agora com as duas... Por exemplo, eu para perceber as pessoas tenho que ler nos lábios, e têm que falar de vagar pausadamente, como também tenho a baixa visão, para perceber preciso de ver, depois também depende da claridade, da distância, quanto mais perto estiver melhor, quanto mais luz melhor. A visão dificulta a audição e vice-versa.

Usei bengala, estive num centro de Reabilitação e Integração Social antes de entrar para a Universidade, era um centro para pessoas cegas e com baixa visão. Lá aprendia a orientar-me e a mobilizar-me com a bengala, aprendi a ver o dinheiro pelo tacto, a ter mais sensibilidade, apurar outras coisas, uma vez que a visão e audição estão um bocado atrofiadas.

Só que por exemplo o Braille é uma coisa que requer muita paciência, e é uma coisa que eu devia saber fazer bem, eu tive aulas disso aprendi, mas daí a ler tudo muito rápido a ler uma folha inteira não consigo, porque é preciso tempo, e tempo agora não há. É preciso muita paciência, para treinar, praticar um pouco todos os dias, e se por acaso piorar é mais uma ferramenta que tenho, para conseguir comunicar.

*E que barreiras tens tido aqui na Universidade? (questão fora do contexto, mas dada a resposta da pergunta **Tem**, não achei conveniente insistir nessa altura)*

Na Universidade é complicado, no primeiro ano eu precisava que me ampliassem as coisas e eu no primeiro ano cheguei aqui praticamente só com a bengala, eu ainda estava à espera de uma lupa, eu andava no Hospital de Santa Maria e estava á espera que me dessem. Porque os materiais, e tecnologias avançadas, são muito caros.

Estive quase um ano à espera que me dessem, foi praticamente o primeiro ano todo da Universidade. Então, eu pedia que me ampliassem as coisas, normalmente ia ampliando, e vendo as coisas com uma lupa pequenina que tinha mas entretanto avariou. Eu estava constantemente a ampliar, ampliar, e gastasse muito dinheiro nisso, são ampliações, em tamanho 28 e as fotocópias são todas em letrinhas pequeninas, imagina aquilo tudo ampliado...

Há um núcleo de apoio ao estudante, só que sempre senti, que eles estão mas especializados para as pessoas que vem mal, para os cegos só. Fui o primeiro caso segundo a Psicóloga do núcleo, o primeiro caso de uma pessoa surda a entrar na Universidade de Évora, e acho que eles não têm; são duas deficiências... Eles têm materiais em Braille, máquinas de escrever Braille, agora lupas também, mas na altura não tinham nada disso, eram só coisas para os cegos.

Tinham gravadores para gravar as aulas, só que depois quem é que escreve tudo o que foi dito? Aulas de duas horas, os professores falam muito, imaginem o que é estar ali a repetir e a pedir a alguém para escrever aquilo tudo, o núcleo não tinha ninguém para fazer isso. Para ampliarem as coisas, eles também disseram que não podiam, porque levava muito tempo, aconselharam-me a esperar pela lupa. Entretanto a lupa apareceu, mas já no segundo semestre, só que aquilo não prestava, foi uma coisa que nunca funcionou, não era prática. Nós aqui na Universidade andamos sempre de um lado para o outro, não temos as aulas sempre na mesma sala, e eu precisava de uma mesa para ter a lupa, era uma coisa enorme, ligada ao computador, tinha que andar sempre com o computador a trás, todos os dias e mais a lupa. A lupa era um braço, que nem sei que tamanho tinha aquilo, com uma câmara enorme, cheio de fios, não era nada prático, nem nada que se pareça para andar aqui. Nunca consegui trabalhar bem com aquilo, era o contrário do que já tinha visto e do que estava à espera.

Numa coisa que o núcleo de apoio ao estudante pode-me ajudar, eles normalmente dão, disponibilizam, material ajudam com computadores, máquinas de Braille dão os estudantes com deficiências. Mas eu de computador não precisava, de máquinas de Braille de coisas de Braille também não porque eu não tenho muita

prática com o Braille, sei ler as coisas mas devagarinho e também devagarinho não vamos a lado nenhum. Disseram que me podiam arranjar a lupa, um modelo que eu vi e que me dava muito jeito, esperei por isso porque estas coisas também demoram muito tempo, no segundo ano, já foi muito mais fácil.

Porque é uma lupa que dá para estar no quarto, não dá para andar comigo, mas também no segundo ano, em troca daquela que me deram no hospital inicialmente, troquei por uma portátil, que pode andar sempre comigo dentro da mala, dá para ver qualquer coisa numa loja, é mesmo muito bom. Dá também para a ampliação do telemóvel, porque eu comecei a ver um bocadinho pior e no telemóvel já não via nada. As ajudas técnicas são uma mais-valia para mim.

No núcleo eles não têm pessoal para estar a traduzir as coisas, ainda hoje, as conferências, as aulas práticas, na Universidade coisas interessantes que eu gostava de poder participar, ou saber... Agora para ir à instituição, eles arranjaram-me um gravador, tenho um gravador comigo, posso sempre gravar, só que quem é que pode depois estar a traduzir aquilo? Na minha família, apesar de ter quatro irmãos não há tempo, o mais velho vive em Espanha, a outra trabalha, o outro a mesma coisa, e o mais novo esta no 12º, não há mesmo tempo para isto, principalmente na situação familiar que estamos agora.

Ao núcleo vou lá de vez em quando, falo com a Psicóloga do núcleo, quando preciso de falar alguma coisa, e sei que sempre que precisar, eles estão lá, eles dão ajudas técnicas, deram-me a lupa e foi bom, agora faço praticamente as coisas sozinha. Os colegas também ajudam, bem depende dos colegas.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Esta já respondi um bocado antes, o que posso acrescentar é que no meu décimo segundo, quando fiz melhoria de nota e decidi vir para a Universidade, estava entre a Universidade Lusófona e Évora. A Lusófona porque era em Lisboa, ficava a uma hora de casa, dava para ir e vir, só que eu um dia em Lisboa matava-me. É muita confusão, muito trânsito, e eu prefiro num sítio mais calmo para poder me orientar sozinha, em Lisboa ficava dependente de alguém, tenho a certeza que sim porque eu não consigo andar lá sozinha mesmo.

E no hospital de Santa Maria, onde eu andei desde os 13 anos, arranjam-me umas técnicas, que trabalham na Casa Pia, no Colégio Marco Aurélio. Estas técnicas ajudam todos os surdos cegos de Portugal a arranjar trabalho, nas dificuldades que eles têm, a ir às compras, nessas coisas todas do dia-a-dia, normalmente já aconteceu muitas vezes me virem visitar a Évora. Eu mudei de Hospital, graças a elas, e comecei a ter consultas com outros médicos que mostraram mais interesse pelo meu caso, em perceber estas coisas. Tentaram que eu fosse para a Lusófona, o colégio não é só de pessoas surdo cegas, é também de deficiências mentais, deficiências motoras, é um colégio Casa Pia como qualquer outro, só que, se eu fosse para lá tinha mais ajudas, mais apoio, e talvez uma saída, talvez me ajudassem mais na saída do curso. Não é que agora não me possam ajudar, garantem-me que sim, que quando acabar a licenciatura. Trabalhando em equipa eles podem ajudar, na procura de um sítio para fazer alguma coisa, só que na altura, se eu fosse para lá ficava... Eu aqui ganhei autonomia, aprendi a fazer as coisas sozinha, cozinho, faço a minha rotina. Estudando no colégio tinha mais ajudas o problema é que ficava dependente, iam-me levar ao colo para todo o lado, eu tinha horas para almoçar, jantar, para ir beber um café à rua tinha que pedir ao director para sair, e eu não preciso disso. Apesar da ajuda ser melhor.

As técnicas falaram também com a Universidade no segundo ano, sobre o que eu precisava, falaram com o director do curso.

Os professores, podem saber isso, e depois esta semana podem ficar sensibilizados com o problema e ajudar mais, mas para a semana já ninguém se lembra de nada, eu acho que as pessoas ainda não estão sensibilizadas para isto. Se focemos mais, se não fosse a única, talvez prestassem mais atenção eu acho que somos poucos porque ninguém está à espera que nós venha-mos para a Universidade. Tenho que ser sempre eu todos os dias a chamar a atenção a dizer o que preciso, porque se não esquecem-se. Acabam por a meio da aula se esquecerem, e andam de um lado para o outro, apesar de eu precisar que estejam lá à frente e que falem de vagar, mas isso nem sempre dá, porque depois depende da distância da claridade e eu não consigo perceber quase nada, sou um vegetal nas aulas. Mas a isso habituei-me logo no primeiro ano.

Há alguns professores que nem sequer se importam, posso estar a chegar ao pé deles todos os dias, e dizer que preciso disto e daquilo e que

tenho estas dificuldades, mas não se importam com isso, é como se eu não tivesse pedido nada nem dito nada, é igual como os outros. Não é que eu esteja a dizer que sou diferente, quer dizer todas as pessoas são diferentes mas, eu preciso tenho dificuldades. A universidade é igual para toda agente, está tudo no mesmo caminho, cheguei aqui e agora é a mesma coisa. Só que eu tenho mais dificuldades, preciso do dobro do tempo para ler, preciso de ampliações, e há muitos professores que não se interessam por isso, não querem mesmo saber. Sinto que há professores que acham que eu não consigo fazer isto e assim não vale a pena estar a ajudar. Mas depois também há outros, que até me admiro muito.

Em Psicologia sinceramente, há muitos Psicólogos que podem ser bons psicólogos mas como professores são péssimos professores, ou então ainda ao contrário podem ser bons professores e maus psicólogos, porque nem se ralam com o que acabo de expor ou de dizer que tenho alguma dificuldade. Ainda me disseram, que não iria trabalhar em lugar nenhum disseram, não te vejo a trabalhar em lugar nenhum.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 7

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino ___x_____
- Idade __21__ Ano do curso __4ºano_____
- Curso_Psicologia_____

Que tipo de deficiência possui?

Distrúfia neuro-muscular progressiva Deficiência motora

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Na escola tive muitas dificuldades, até conseguir tirar o 12º ano. Tanto a nível por exemplo de testes, porque havia muita discussão se eu tinha direito a mais tempo, por demorar a escrever e ter mais dificuldades na escrita, mas é assim eu penso que neste momento isso está mesmo em lei, mas naquela altura nem todos os professores sabiam, conclusão eu às vezes é que tinha que conversar com eles e dizer que tinha direito a mais meia hora, e depois havia aquela coisa, há eu não sei nada disso não tenho conhecimento. Eu fui com muita pressão para os exames do 12ºano, porque sabia que alguns professores não sabiam disso e não necessitei de mais tempo em nenhum porque eu própria já tinha interiorizado que não ia, porque não queria que houvesse confusão, nem que tivessem com dúvidas. Depois também a escola inicialmente não tinha elevador, eu tinha aulas no primeiro e segundo piso e havia situações em que os meus colegas pegavam na cadeira, mesmo em peso e levavam-me. Depois foi criado um elevador, mas depois tinha outras dificuldades, havia lá um aluno que tinha uma deficiência um défice mental e lembro-me de uma vez em que eu ia, a cadeira eléctrica estava avariada e eu ia numa manual e ele empurrou-me e eu ia caindo. Havia também alguma distância, por parte dos colegas. Depois no acesso à escola também tive algumas dificuldades, até que eu consegui alguma participação da câmara e ia de táxi, porque não dava para ir de auto-carro e os meus pais não me podiam ir lá pôr.

No acesso da escola, até à faculdade tive algumas dificuldades, porque a faculdade não conseguiu preparar devidamente o meu processo, estava com algumas

dificuldades se eu iria ter algumas coisas. Tanto que eu vim às escuras para a faculdade, se eu tinha algum gabinete, o tratamento de casa que eu tive cá, tive que ser eu a procurar, ou seja, eu não tive nenhum apoio até vir para cá. Foi assim muita confusão, as pessoas não sabiam que fazer, como é que haviam de seguir o processo, a abordagem à faculdade nem sabiam que havia gabinete. A minha sorte foi que eu gostava de Coimbra, e escolhi, porque por acaso, se eu tivesse ido para a minha segunda opção que era Covilhã, estava muito pior, tanto a nível de acesso de transporte como a nível de gabinete e de casa lá, não faço ideia se há se não à, também não sabia aqui.

No liceu, havia colegas que, também é uma idade que toda agente gostava de gozar com toda agente, eu lembro-me de situações em que um colega meu me partiu o comando da cadeira, estive muito tempo sem andar com a cadeira. Depois situações com a cadeira manual, que me empurravam e uma vez ia caindo. Lembro-me de funcionários, por exemplo, havia às vezes colegas minhas que elas é que tomavam a iniciativa de pegar em mim e me tirar do táxi, porque a empregada dizia que não dava que não tinha prática e tinha medo de pegar em mim, houve uma colega minha que mais tarde me disse que sofria das costas por ter pegado em mim. Coisas assim, mais aquela idade em que parece mesmo que queremos atingir o outro, de resto eram comentários, uma vez fui operada e uns colegas meus, disseram que já lá devia ter estado há mais tempo. Mas acho que são coisas normais, muito sinceramente, nada que me tenha afectado.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Na Cidade também é muito complicado, vou começar por falar dos transportes, eu queria ter a opção de ir de autocarro e não posso tenho que ir de comboio. O comboio só há até às 18h da tarde, e vou optar por não ir a uma aula de quinta-feira, porque já não tenho como ir para casa, não quero cá ficar na sexta todo o dia sem fazer nada, é uma das dificuldades o transporte. Os auto-carros não têm acesso, nem formas de transportar. Na cidade de Coimbra os passeios, é muito complicado, por exemplo na altura da queima tive que ir dar uma volta muito grande, para conseguir, porque tem que ser aquele passeio que tem a parte recortada, haviam passeios na passadeira que não tinham, depois tinha que ir mais afrente, mas depois chegava ao sítio já tinha passado o sinal, já não podia atravessar. As carrinhas de transporte especial, onde

nós andamos só andam até as 20 e 30h da noite, se nós quisermos depois sair à noite, marcar trabalhos de grupo à noite o que já aconteceu, o horário com colegas que são trabalhadores estudantes, também não dá, não dá para marcar à noite. Os auto-carros que circulam, nós não sabemos se estão a circular com a rampa, porque nem todos tem plataforma. Dentro da Faculdade, também é complicado, em termos de apoio por exemplo, eu uma vez tentei ir e nem sei contar quantas pessoas eram a tentar me levar, e fiquei a jurar para nunca mais. Na Faculdade a reprografia, fica a meio de um piso com escadas, eu não tenho acesso, porque não subo escadas, as salas as mesas não dá para entrar a cadeira, eu faço muitos dos testes no colo, não consigo escrever na mesa. Tenho uma disciplina que é Terapia familiar, e nós fomos ver a sala de consulta de terapia familiar e a sala fica a meio de um piso e eu não pude ir, não faço ideia de como é. As cantinas eu tenho acesso só a algumas existem outras que eu não tenho acesso e que também é muito complicado ir.

Nós temos aulas onde os professores não ligam muito e mesmo a pessoa falando, é a questão do auditório, se for uma aula onde vão poucos alunos as pessoas vão todas lá para a frente, já houve aulas em que não ouvi nada lá atrás e nem o professor quer usar o microfone e eu não ouço, já perdi mais de metade da matéria por causa disso. Para facultar material, eles sempre se mostraram disponíveis.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

O estágio, e o trabalho. Tenho que pensar duas vezes, onde é que vou estagiar e onde vou trabalhar, por exemplo na minha área penso que só há um local mais ou menos acessível, que é o instituto de medicina legal de resto nenhum dos outros é acessível e mesmo no instituto de medicina legal não há a certeza se não há escadas, ainda não consegui ter a certeza por parte da professora, ou seja, nessa possibilidade eu não terei um local de estágio. A hipótese que se está a ponderar é eu poder fazer na faculdade e não haver vaga, porque não há uma vaga pré-estabelecida para lá estar na área Forense, mas será uma destas possibilidades, visto que a Faculdade tem processos de tribunal e eu poderei ajudar nesse aspecto. Agora se eu quiser estagiar na APAV, esta é um pré construído, é muito estreitinho lá dentro, eu por exemplo gostava muito da área do abuso sexual no instituto de medicina legal, normalmente são edifícios muito antigos e depois pelo que me foi dito na Faculdade em termos de apoio individual, não sabem até que ponto eu terei apoio individual e essa compreensão, por isso as pessoas estão um bocado receosas.

Lá está o meu maior medo a nível do futuro é o edifício onde eu irei, onde eu gostaria de estar, ter ou não acesso. Depois há outras dificuldades, eu gostava de ficar aqui em Coimbra mas na minha área não estou a ver grandes hipóteses, nem locais de acesso.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Ao nível da alimentação, se eu por acaso vier a trabalhar uma das dificuldades que eu encontro mesmo específicas da minha patologia é o facto de eu precisar muitas das vezes de algum auxílio para comer, para chegar à mesa. Outra é nós vamos perdendo a mobilidade e a força nos membros, específicas mesmo, o manuseamento de testes a comunicação, na minha área eu penso que se fazem avaliações neuro psicológicas que envolvem testes em que as pessoas têm que se levantar e manusear certos objectos e eu aí, de todo não consigo fazer. A nível respiratório, uma das dificuldades que acaba por ser um medo meu é em situações de mais stress entro em muita ansiedade e fico com muita falta de ar, não tanto da patologia mas mais agravado pela ansiedade, e eu acho que poderá numa ou noutra situação eu ficar assim um bocado, estar numa situação de consulta e eu sentir-me assim isso agravar mais.

Depois mesmo a nível do impedimento físico, ser questionada numa consulta por isso, ou por não conseguir fazer alguma coisa, porque na terapia familiar nós fazemos algumas coisas, como escrever em quadros e eu não posso fazer isso e ser questionada por isso, apesar de saber que se pode substituir por outras alternativas mas, tenho algum receio de não conseguir corresponder ao que é pedido.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

A nível de bolsa, é uma das ajudas que me faz estar na faculdade se não, não conseguia, outra ajuda mesmo a nível individual é ter uma reforma de invalidez da segurança social, também nos fornecem cadeiras, camas, colchões. Do gabinete de apoio ao estudante, se houver algum problema com a dificuldade eles ajudam, com o elevador, mesmo material que nós estejamos

a precisar, eles fazem a mediação com o conselho executivo. Eles também facilitam material para pessoas invisuais, o computador que eu tenho foi através do gabinete de apoio ao estudante que o tenho, a casa onde eu estou também foi através do gabinete. Apesar de não ser uma casa, totalmente adoptada às nossas necessidades, porque é mais para paralisia cerebral, é muito complicado lá estar. E toda a mediação que fiz com a Faculdade foi através deles.

É uma das dúvidas que eu tenho, é que se começar a trabalhar a reforma de invalidez vai ser cortada definitivamente, mesmo que depois deixe de trabalhar e volte a requerer penso que já não dão, não se pode voltar a ter. O que me coloca algumas dúvidas se vale a pena trabalhar.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 8

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino _____
- Idade 22 Ano do curso 4ºano
- Curso Psicologia

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência Motora

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Muitas vezes não conseguia entrar nos edifícios como por exemplo na escola, por isso tiveram que adaptar a escola, as salas. A nível pessoal muitas das vezes era gozada, era alvo de chacota por parte dos outros miúdos e muitas vezes as pessoas achavam que por eu andar em cadeira de rodas não seria capaz de fazer as mesmas coisas que outras pessoas. Comecei a andar com muletas aos 9 anos, até aos 9 anos tive que ultrapassar assim muito preconceito das pessoas, e ainda hoje, ainda tenho que ultrapassar muito preconceito das pessoas, que olham para mim e acham que eu não sou capaz ou que eu não vou conseguir fazer.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Ao nível do curso é por exemplo eu não conseguir ir a muitos dos sítios que se têm que visitar, ou entrar em determinados locais onde preciso ir buscar materiais onde simplesmente não há acessos e os funcionários não facilitam esses acessos.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Possivelmente terei mais dificuldade em arranjar emprego, ou em ser aceite num determinado local para trabalhar, porque lá está muitos locais não estão preparados para receber pessoas com qualquer tipo de deficiência motora e não só, acho que isso vai ser a principal barreira, conseguir ser integrada num local e ser vista como um trabalhador exactamente como os outros.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Possivelmente são instituições onde eu não posso entrar, por ter poucas acessibilidades para mim ou locais que sejam muito distantes, para os quais eu não me consiga deslocar e não consiga ter uma vida autónoma como tenho aqui. Aqui consigo me deslocar facilmente, já ando de muletas há muitos anos, já vivo aqui sozinha há quatro anos e tenho alguma autonomia, mas existem locais onde eu não consigo entrar sem ajuda tenho noção disso. Possivelmente isso será uma das barreiras que vou ter que enfrentar no futuro, por exemplo numa escola, uma escola que tenha muitas escadas e não tenha elevador, ou que os sítios principais aos quais me tenha que deslocar sejam muito distantes eu vou ter dificuldade, vai ser um barreira que eu vou ter que ultrapassar e muitas vezes é uma barreira que eu não consigo ultrapassar sozinha, preciso de ajuda.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Tenho sido ajudada pelo centro de paralisia cerebral, que me acompanha desde bebé, de resto não tenho grandes ajudas. Na Universidade há o gabinete de apoio ao estudante, mas eu não usufruo muito dessa ajuda, porque tenho mais autonomia do que outras pessoas com determinadas deficiências. Da segurança social recebo um pequeno abono, para me ajudar nos estudos enquanto estiver a estudar, o vencimento dos meus pais não é muito favorável para eu estar aqui a estudar por isso recebo uma pequena ajuda mensal. Os colegas ajudam-me quando preciso, estão disponíveis sempre que eu peça.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 9

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino _____
- Idade 37 Ano do curso 3º ano
- Curso Psicologia

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência motora

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

A maior barreira para mim foi quando entrei em Coimbra, porque o pavimento que não me dá muitas condições porque escorrega imenso, na própria faculdade o soalho escorrega e no primeiro ano, reprovei porque não ia às aulas, ou seja, em alturas de chuva eu não punha mesmo os pés na faculdade. Esta barreira foi ultrapassada com a ajuda das minhas colegas da residência, que fizeram uma rifas e compraram-me a cadeira de rodas. A nível pessoal, eu tento sempre não pensar nelas aliás eu só começo a pensar nelas quando faço assim esquemas da situação e vou ver que não consigo lidar bem com a situação e então aí talvez fique mais ansiosa, acho que é a falta de confiança e pensar aquilo não vai correr bem. Eu tenho paleomielite desde os 2 anos e eu não tenho a percepção, tipo se fosse uma doença que me tivesse aparecido mais tarde, podia dizer quais eram os meus limites e o complexo desses mesmos limites, mas como cresci com isso acho que nessa parte tive sorte, porque consegui ter o esquema de conseguir ultrapassar, para alcançar determinado objectivo.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Actualmente, as barreiras que tenho que ultrapassar são as escadas do anfiteatro, a maior parte das minhas barreiras são mais motoras, o que me vai

dando para ser mais choramingas e dizer aos professores que está difícil ir à aula, e tentando sempre apelar à compreensão dos professores. Porque existem certas situações que eu não consigo mesmo ultrapassar, são limites que eu não consigo ultrapassar. Os professores têm sido compreensivos, eu estou numa avaliação continua numa cadeira e já disse à professora que queria desistir da avaliação continua, porque só podemos dar duas faltas e como o tempo não me ajuda muito a vir para a Faculdade, principalmente porque tenho que subir e descer aquelas escadas, ela disse-me que como eu era um caso especial, se não pudesse bastava só mandar por correio electrónico que a falta ficava justificada, a partir daí só nos fecham quantas portas nós construirmos.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Aí fez uma grande pergunta, eu acho que nunca pensei nisso, nunca pensei nessa situação ao nível das barreiras, porque as minhas barreiras já estão definidas a nível motor e nunca antecipo quais serão. Provavelmente a barreira na qual eu vou ter mais dificuldade vai ser mesmo, a decadência a nível físico. Não estou a ver outras.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

É a decadência física, no princípio eu andava mais de muletas, mas terei depois que andar mais de cadeira de rodas, isso vai-me prejudicar sempre a minha deslocação, porque nem todos os sítios estão preparados para uma cadeira de rodas. As rampas não são preparadas para uma cadeira de rodas, talvez seja por aí que me vou sentir mais limitada, e não com tanta autonomia como antes. Se eu for rica, ponho alguém para me acompanhar.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Essas coisas de pensar futuramente, não quero pensar muito nelas...

Que apoios beneficia actualmente, neste momento?

Nenhum, o apoio que tenho são as colegas quando me vão buscar as fotocópias, o senhor da carrinha que me deixa cá em cima e carrega com a cadeira e acho que é mesmo isso, não vejo mais nenhum. Queremos ser independentes mas nunca somos, dependemos sempre de alguém.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 10

Estudo principal

- Sexo: Masculino __x__ Feminino_____
- Idade __45__ Ano do curso __2ºano__
- Curso_Gestão__ (trabalhador estudante) _____

Que tipo de deficiência possui?

Surdez unilateral, baixa visão e epilepsia.

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Ao longo da vida nós temos várias situações, eu logo de mais novo, na escola primária e no preparatório eu já tinha problemas auditivos e nesse tempo não se dava valor nenhum, eu era o surdo, e sabe isso magoa. Agora não, as pessoas vão ao médico, a cultura é diferente, mas quando falamos em 1974. As gerações mudam, e não lhe passa pela cabeça como era a situação. Eu tive muita dificuldade, eram os professores, eu tinha muita vergonha de dizer que não ouvia. Lembro-me perfeitamente de estar aqui, em Inglês e eu tinha vergonha de dizer ao professor que não ouvia e o professor pensava que era eu que não queria aprender, não queria aprender porque não repetia o que ele dizia. Não estava habituado a falar com os colegas e pessoas de fora, porque eu era de uma aldeia pequenina, não tinha à vontade de pessoas que eu não conhecia de lado nenhum, que eram colegas de outro lado. Isso foi uma barreira enorme, logo na disciplina de inglês foi a disciplina mais difícil que eu tive sempre, porque eu cheguei à Gabriel Pereira e naquele tempo quando tinham notas inferiores a treze valores, tinha que se fazer exame nacional, e foi o único que eu fiz, porque eu vim mal formado de lá. Quando cheguei aqui ao 10º ano já a audição na altura era difícil, a audição parecendo que não é uma barreira muito difícil, é muito complicado uma pessoa numa sala de aula em línguas ou noutra disciplina que não oiça bem e tiver vergonha devido ao espaço que o rodeia, ter problemas para resolver.

Ao nível da profissão eu ao início também tive muitas dificuldades, eu só fiz dois concursos a nível nacional fiz para as finanças e fiz para a justiça, depois fui chamado

para os dois, porquê? Porque aquilo era um exame de 150 perguntas e aquilo não perguntava se eu ouvia bem ou mal, porque se eu calho a ir a uma entrevista como fui anteriormente a privados eu não ficava lá. Era sincero dizia que não ouvia, que tinha este problema e o outro e não me deixavam entrar, como aconteceu várias vezes. Eu fui a concursos para bancos, onde faziam inicialmente abordagem aos testes e ficava sempre nos primeiros cinco e depois quando ia à entrevista, dizia o que se passava na minha vida e ficava eliminado, isso doía-me muito. Eram cem eu fiquei nos cinco, isso era bom sinal, mas depois dos cinco só entraram três eu fiquei bastante mal, a saber porque era o motivo que não me escolhiam. Foi e vai ser sempre assim, se uma pessoa tem alguma deficiência não aceitam essa pessoa, mesmo na progressão da carreira. A situação de uma empresa precisar, precisa é de pessoas sem problemas, problemas têm eles muitos quanto mais os nossos lá.

Enquanto estes concursos a nível estatal eram de cultura geral, eu entrei, a única barreira que eu tive foi, tive que ir para a Madeira e o médico não me queria deixar ir mas eu fui para a Madeira. Foi difícil lá, o povo Madeirense, são afáveis, sentem que as pessoas que vêm do continente vêm roubar o emprego a eles.

Depois também houve uma vez que eu discuti com uma pessoa, e depois disse os problemas que tinha e eles não acreditaram, disseram que eu não fazia o trabalho porque não queria. São coisas que eu vou transportar até ao final da minha vida, quer as questões da escola, quer do trabalho. Eu na escola era metido de parte, achavam que eu não valia a pena, e no trabalho era não acreditarem nas minhas dificuldades. E você sabe se vai a algum lado, e não ouve não percebe e diz, não estou a perceber diga lá outra vez, muitas pessoas pensam que você sabe e não quer estar a ajudar, e agente passa por isso.

- Actualmente que barreiras **tem** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

A barreira no curso, que mais está presente é o transporte eu não posso conduzir, ou se conduzir tem que ser de dia e ter muito cuidado, o que eu tento fazer o menos possível. Eu hoje vim de carro, não posso nunca deixar de fazer a minha vida, tenho que ter um bocado de força e fazê-lo, porque eu tenho aquele problema, tanto pode acontecer aqui, como no carro, se acontecer no carro é um problema. Mas eu também tenho que pensar que não vai acontecer, mas nunca sei. Raramente utilizo a viatura, vou com colegas meus, venho para cá com eles, de resto é a minha esposa que

conduz, se for a algum lado peço a um amigo e vai um amigo lá levar-me. Na Universidade houve uns amigos que me disseram que me iam lá buscar, mas ir de Évora lá me buscar não é assim muito bom, não vou incomodar a pessoa. Outra barreira que é minha é não vir mais vezes cá, inteirar-me daquilo a que tenho direito, se viesse cá mais vezes sabia mais coisas.

No trabalho é fazer um esforço a duplicar, triplicar para estar ao nível porque eu tenho que fazer exames todos os anos, com as novas leis de avaliação temos que fazer exames, eu tenho que tentar estar ao nível dos outros e tenho que fazer um grande esforço, os testes são todos iguais. Porque é assim, tenho que me sujeitar a mim próprio, se o normal das pessoas daquele serviço é aquele, e eu fico a baixo, também não gosto. Tenho que ficar àquele nível, o esforço que eu faço é muito, tive que estudar mais horas mais noites e fazer um esforço maior, para conseguir aquele objectivo.

Ao nível do trabalho, com as deficiências tenho barreiras, quando estou a atender ao público, são diversas maneiras de pessoas, nós estamos constantemente a baixar o ritmo de ansiedade, se é uma pessoa simpática, consigo faz-se mas se a pessoa já vem premeditada e trás problemas, altero-me. Ao longo do tempo tenho que conseguir chegar a um patamar e pedir à pessoa que aguarde um momento, mas nunca tive que estar a explicar o que se passava, não vou dizer o que se está a passar na minha vida. Devido à evolução das tecnologias eu tenho que estar mais de quatro horas ao computador de manhã e à tarde e devia estar duas ou três horas. A barreira foi escolhida por mim.

A nível pessoal, talvez a minha forma de ser, eu sinto-me bem no meu trabalho, agora aqui eu não conheço ninguém.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

No serviço que desempenho, nós temos que fazer testes para a progressão da carreira e o meu objectivo é manter aquele nível, com mais dificuldades que os outros, mas ir à luta. As barreiras que poderei vir a ter é que um dia qualquer para subir na carreira, poderei ter que ir a uma entrevista e se isso acontecer com certeza que eu não vou subir, ou por exemplo se eu pedir para ter mais tempo para fazer o teste, não vão deixar, porque aquilo é uma hora, hora e meia e é para todos. Barreira de progressão que eu não posso muito defender, porque quando eu entrei não havia clausula nenhuma que se dissesse isso. A nível escolar já é outra situação, depende

da sensibilidade dos professores. Se eu chegar ao pé de um professor e disser desculpe mas eu hoje não posso vir à sua aula, mas gostava que me dissesse os instrumentos necessários para estudar, quais as páginas ou capítulos. Mas eles podem pensar, então mas este vem aqui, e diz “É pá quem não vem às aulas!”... E mete-me logo uma barreira, depois existem outros professores que são mais abertos, consegui fazer inglês por isso, porque houve uma abertura. Na altura quando eu falei com ele estava mal informado, porque eu podia fazer trabalhos pela internet, eu não estou a pedir mais que os outros, porque os outros fazem trabalhos de grupo e enviam e são qualificados, eu podia fazer sozinho. Mas a partir do momento que me diz “ não vem às aulas que é um factor de avaliação”, eu acho que nestas situações eu passo à frente. Tive uma abordagem positiva de um lado e de outro lado não tive. Depois eu desisto, porque também não tenho capacidade para estar ali a mendigar. Agora em inglês sim, tenho sido motivado pela forma como fui abordado. Mas também sei que inglês é mais fácil fazer sem vir à aula, do que um teste de probabilidades.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Depende de onde nós estamos inseridos, no meu local é uma avaliação que é igual para todos, se eu tivesse mais tempo, mas logo no momento que acaba a hora o funcionário que lá está tira os testes. Mas eu não posso evocar esse tempo. Eu não sei se com a nova avaliação que vem aí, que é por objectivos. Agora imagine com a falta de pessoas, nós temos nove impostos se eu ficar com cinco um colega fica com três e outra com dois, se eu ficar com os cinco é mais difícil para mim e é isso que está acontecer. Não é uma barreira, porque eu é que escolhi esta barreira, é difícil para mim, porque neste momento, nós somos avaliados em diferentes situações.

Por exemplo por um motivo qualquer aquela pessoa não gostou, e a pessoa nem sabe o estado em que nós estamos, posso estar mais cansado, posso não estar a funcionar bem, não conseguir resolver o problema da pessoa, e depois passamos por incompetentes.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Eu gostaria de ter mais tempo para fazer os testes, coisa que eu nunca tive e pode ser que alguém se lembre, eu é que não vou pedir. Com a reestruturação que vai haver dos serviços, não me podem mandar para mais longe de casa, ir para mais longe vou ter dificuldades económicas, vou estar longe da família, e eu não consigo me deslocar para longe.

Na Universidade, eu acho que se tivesse mais próximo dos professores e das aulas e pudesse identificar algumas coisas, podia ter apoio para me ajudarem a ultrapassar as dificuldades, mas neste momento não consigo especificar.

E que ajudas têm?

A nível de trabalho, sabe que as pessoas conhecidas almoçam juntas, mas também sabe e é indesmentível que a guerra é muito elevada, e eu falo abertamente não sejam hipócritas, neste momento pelo que estamos a passar, se eu pedir ao colega para me dar algo eu sei que ele me deu algo correcto mas metade do trabalho uma parte ele não me deu, ficou lá.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 11

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino X _____
- Idade 24 Ano do curso 3º _____
- Curso Psicologia _____

Que tipo de deficiência possui?

Problema – Paralisia cerebral (Usa cadeira de rodas)

Perguntas

1. No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Sempre consegui me relacionar bem com os outros apesar da minha dificuldade de comunicação, sempre me dei bem com todas as pessoas. Para mim a maior dificuldade foi sempre em relação aos acessos nos locais públicos e nos transportes.

Nas transições de carreira colocavam-se medos e ansiedades?

Quando vim para a universidade senti medo porque não sabia como é que as pessoas iam reagir, se me iam por algum problema ou não. Sinto-me insegura na relação com os outros, devido não só à minha dificuldade motora mas também à minha dificuldade de comunicação.

2. Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido

Também as barreiras devidas às dificuldades de comunicação, aos acessos aos sítios públicos que é a maior barreira que tenho. Os sítios não estarem adaptados a cadeiras de rodas como, por exemplo, no Espírito Santo. Uma outra dificuldade que tenho é em relação aos transportes públicos. Também não existem acessos. Não consigo vir da cidade para a Unesul e vice-versa. O meu pai é que se disponibiliza para me ir buscar e levar assim como o transporte do Redondo para Évora e vice-versa.

Outra barreira é a comunicação com os professores que não me conseguem perceber bem e quando não me entendem tenho que escrever para me entenderem. Também peço aos colegas para me ajudarem e comunicarem aos professores aquilo que quero dizer.

Há outro tipo de dificuldades que tenha sentido?

O meu pai ajuda-me muito. As maiores dificuldades são de acessibilidades aos serviços públicos. Quando não consigo ter acesso o meu pai e a minha família ajudam-me.

Há outras barreiras que queira referir?

Sempre consegui me relacionar bem com os outros apesar da minha dificuldade de comunicação, sempre me dei bem com todas as pessoas. Para mim a maior dificuldade que sinto é mesmo em relação aos acessos nos locais públicos e nos transportes.

E barreiras pessoais que tenham dificultado o teu percurso de vida?

Às vezes tenho medo que as pessoas, devido ao meu problema, não me entendam. Eu tenho muita dificuldade de falar de mim aos outros, porque não me sinto segura em relação a mim e isso tem dificultado a minha aproximação a eles.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Já pensei muito nisso.

O que pensaste?

Se eu for trabalhar, como vou conseguir fazer o meu trabalho se tenho dificuldades em comunicar (refere-se a ser psicóloga). Também dificuldades nas relações com as outras pessoas. Também espero muitas dificuldades em arranjar trabalho.

Porque achas que vai ser muito difícil arranjar trabalho?

Por causa da minha deficiência. Devido ao meu problema pensam que eu não vou executar bem o meu trabalho devido às minhas dificuldades.

Que outras barreiras esperas confrontar no futuro?

Penso como é que vou conseguir viver sozinha. Nunca vou poder viver sozinha porque irei sempre precisar de ajuda de alguém.

Além da tua família que outros apoios tens tido ao longo do teu percurso de vida?

São os meus amigos que também me ajudam muito. Os meus professores, a Associação de Paralisia Cerebral de Évora. Primeiro andava em Beja e depois passei aqui para Évora. Eles também me ajudaram muito. Foram muito importantes para mim, ajudaram-me a desenvolver as minhas capacidades.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 12

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino ___x_____
- Idade __24__ Ano do curso __1ºano_____
- Curso_Ciências da educação _____

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência visual.

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Primeiro que tudo, esta doença só foi diagnosticada aos 18 anos, portanto é tudo um pouco ainda precoce. Apesar de ao longo do 11º ano, 12º ano e mesmo no outro curso que já frequentei de educadora de infância, fui sempre ganhando estratégias eu mesma. Há ajudas técnicas e eu não recorri, neste momento recorro e por isso muitas das vezes ter acesso a alguma informação de livros e documentos sempre foi mais difícil que as outras pessoas. Muitas vezes recorria à minha mãe e às minhas irmãs para me ler, depois tomei conhecimento que havia aparelhos que me podiam ajudar nisso. Depois adquiri e neste momento são assim as minhas grandes bengalas para conseguir cumprir os objectivos que nos são pedidos na faculdade.

A nível pessoal tenho sempre alguém, familiares e amigos que me ajudam, a mexer-me nos sítios onde vou. Eu venho de Sintra, que fica mais ou menos a duas horas daqui de transportes e venho sozinha porque já conheço o espaço e vou-me habituando. Eu não sou totalmente invisual tenho 8% de visão, por tanto tenho alguma noção de espaço, não total mas conhecendo o espaço as barreiras arquitectónicas, consigo desvencilhar-me bastante bem.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Uma das coisas que neste momento eu tenho que ter, é pedir aos professores tudo em suporte digital porque tenho um programa de voz que me lê tudo, tem que ser tudo em PDF para conseguir ter mais autonomia mais acesso à informação e mais

rápida e eficaz para conseguir aprender. O consultar a biblioteca tenho que ir sempre com um colega, tenho que pedir sempre ajuda a um colega ou às funcionárias da biblioteca, no dia-a-dia, em muitos casos quero ir a um sítio ou outro, com a minha mãe, os meus irmão e amigos, dependendo sempre da situação e da disponibilidade das pessoas.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Uma das coisas é a aceitação das pessoas das empresas para poder funcionar. Porque não é fácil qualquer instituição aceitar uma pessoa com deficiência ainda infelizmente, uma coisa que eu acho é que a nossa sociedade não está sensível para. Em muitas situações quando eu digo que tenho problemas de visão, dizem à coitadinha, grande azar que teve. Não sei se será azar se mais uma limitação que tenho, todos nós temos limitações e temos que as saber ultrapassar. Eu sempre aprendi a ir superando dificuldade após dificuldade, se não dá de uma maneira, tem que se criar e ser inventivo para se chegar ao mesmo sítio de outra forma. Acho que essa vai ser uma grande barreira a aceitação no mercado de trabalho, em relação ao meu problema de visão à minha dificuldade.

A nível pessoal, penso que constituir família ou isso também depende da pessoa com quem estiver de aceitar ou não, parte um bocadinho tudo da mentalidade e da aceitação dos outros, com quem conviver com quem estiver.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Uma barreira é o acesso à informação porque é tudo muito escrito, muitas das vezes com as novas tecnologias é tudo com várias cores, eu funciono muito com alto contraste e isso é uma das barreiras. Se bem que hoje em dia há a tendência para ser tudo muito mais informatizado muito mais em suporte digital, por ai também é mais uma vantagem, que tem vindo a ser desenvolvida. Depois a longitude do local onde vou trabalhar, as barreiras arquitectónicas que o sítio pode ter, apesar de ao fim de algum tempo me habituar e me ambientar ao espaço, isso não quer dizer que a minha

doença não possa ter uma evolução e que possa vir a ficar totalmente cega, que tenha que me adaptar ao Braille, e a muitas coisas que ainda não me adaptei também porque não tive necessidade disso.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Ajudas, acho que na outra faculdade não, mas nesta faculdade os professores têm sido muito sensíveis ao meu problema e tem-me ajudado em muitas situações, disponibilização para digitalizar os textos e em termos de exame, eu faço no computador ou oralmente não colocaram nenhuma barreira nisso, muito pelo contrário estão sempre disponíveis para me ajudar no que eu preciso.

A nível profissional quando acabar o curso, depois de tirar o mestrado, depois depende da área específica para que for trabalhar, porque este curso é muito abrangente, posso trabalhar em muitos sítios. Vai depender de mim e da equipa com quem estiver a trabalhar dar os apoios necessários no dia-a-dia no que necessitar na hora, porque se for uma coisa de escritório de computadores eu consigo bastante bem seleccionar os problemas se estiver o computador adoptado, se for uma coisa mais prática mais de intervenção com os outros, aí terei que ter algum apoio de uma pessoa ou da equipa em si.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 13

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino x _____
- Idade 33 Ano do curso 3ºano _____
- Curso Geografia _____

Que tipo de deficiência possui?

Paralisia cerebral

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Muitas coisas, foi uma batalha muito grande para chegar onde estou. Eu estive num colégio com pessoa deficientes até aos 12 anos, depois vim cá para fora, fiz uma quarta classe muito incompleta, porque eu tinha dado pouca matéria na terceira classe, eu tinha que acompanhar os meus colegas na quarta classe, a quarta classe foi o pior ano da minha vida. Eu não estava habituada ao mundo cá fora, e também não havia ninguém que me quisesse dar aulas. Até que uma professora da quarta classe, não se importou de me dar aulas, a minha mãe tinha que ir lá à escola para me levar à casa de banho e me dar o lanche porque a empregada dizia que o governo não lhe pagava mais para me ajudar. Depois fui para a preparatória e fiz o quinto ano todo de uma vez, depois tinha muitas disciplinas. No 9º ano eu queria continuar a estudar, mas uma professora do ensino especial não queria, dizia que eu tinha que ir para o mercado de trabalho, eu queria continuar a estudar e ela foi ver um curso de TIC que há aqui em Lisboa para pessoas deficientes. Depois fui lá com os meus pais, e na entrevista disseram que não tinham ninguém para dar apoio a ir à casa de banho que tinha que usar fraldas, e eu não quis. Depois continuei a estudar, no 11º ano houve um grande problema eu queria continuar a estudar mas uma psicóloga, disse que eu não tinha capacidades, por isso é que eu não gosto muito das psicólogas. Mas eu continuei a estudar. A minha mãe é uma pessoa muito doente, muito nervosa, tem uma depressão crónica quase aos 17 anos, ela disse que se eu queria ir para a

faculdade, ela ajudava-me. Depois eu tive 16 a Geografia, entrei para a faculdade com uma média de 12,2 foi muita coisa.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Actualmente, foi a idade melhor que me aconteceu, porque a Faculdade de Letras, tem um apoio excelente ao nível dos deficientes, tem voluntariado e a pessoa que está à frente do apoio é uma pessoa competente, ajuda-me a ir à casa de banho, ajuda-me com a comida e quando eu estou no departamento os meus colegas ajudam-me. Ajudam-me a desabotoar o botão e depois eu faço tudo sozinha. Às vezes diziam para eu vir de fato de treino, mas eu não, quero andar na moda. A professora ajuda-me em tudo o que pode.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Eu vivo um dia de cada vez, eu não sou cobarde, mas foi assim que eu aprendi, foi assim que a minha mãe me ensinou a viver um dia de cada vez. Eu agora estou a acabar o curso, estou a pensar fazer o mestrado. Entrar no mundo do trabalho é complicado para mim, eu sou uma pessoa muito terra a terra e eu tenho plena consciência que eu não sou independente para fazer algumas tarefas do dia-a-dia, como ir à casa de banho. Está bem que existem pessoas sempre prontas a ajudar, mas também à pessoas que não. Eu tenho uma filosofia de vida, viver um dia de cada vez. Hoje em dia à o computador à o teletrabalho, poder trabalhar em casa. Para mim todo o mundo disse que eu não ia conseguir ir para a Faculdade e eu estou aqui.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Eu ando numa cadeira de rodas, eu não quero comprar uma cadeira eléctrica porque não serve. Actualmente é ir à casa de banho e a comida. É muito complicado no meu dia-a-dia, eu tenho que arranjar mecanismos ou pedir ajuda educadamente.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Eu tenho muito apoio principalmente da minha mãe, é uma mãe formidável dá-me muito apoio e eu também lhe dou a ela. Também tenho da minha família, os meus colegas. Aqui na Faculdade foi um sonho, e mudou a minha vida completamente, o que eu queria era ter uma vida académica e consegui realizar o meu sonho. E agora pode ser que também tenha alguma sorte no futuro.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 14

Estudo piloto

- Sexo: Masculino _____ Feminino x _____
- Idade 19 Ano do curso 1ºano _____
- Curso Psicologia _____

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência visual.

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

No passado, quer dizer as maiores dificuldades que eu encontrei foi agora na faculdade, por exemplo antes sempre tinha alguém que tratava dos assuntos relacionados com as deficiências, com o tempo para os testes, com o aumentar os testes, tinha alguém que tratava disso por mim. Agora sou eu que tenho que tratar disso e tomar mais conta desse assunto, e isso foi um bocado complicado. Por exemplo este ano houve uma situação em que eu tinha avisado que precisava do teste maior e depois não tinham, foi muito complicado, não consegui fazer nessa data.

A nível pessoal, é a nível de convivência só consigo conviver com algumas pessoas não com muitas pessoas.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Actualmente, é lidar com esta deficiência e com a causa, tem mais a ver com factores psicológicos eu acho.

Aqui na Universidade como tem sido que barreiras encontras?

Os professores tenho-os metido a par da situação, os materiais tem sido complicado, propuseram-me gravar as aulas, já tentei gravar algumas mas acho que não tem dado resultado. Para ler as folhas da matéria e isso, ainda não consegui

encontrar a forma de estudar, para exames, ainda não encontrei a forma de estudar para algumas cadeiras.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Coisas que não consiga ler, orientação nos transportes posso não perceber e terei que perguntar. Não conseguir as coisas e ter que pedir ajuda.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Tem a ver mais com o contacto com as pessoas, sobretudo acho que nós próprios temos que lidar bem com a nossa deficiência.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Para além de materiais, que me possam ajudar a realizar também um bocado a ajuda psicológica. Quando preciso de ajuda ou assim peço aos colegas. Materiais para me ajudar a ler e assim, eu tenho mas não são coisas que use muito, talvez devesse utilizar mais, mas não estou mentalizada. Talvez tenha a ver com factores psicológicos.

Ainda não conseguiste aceitar a tua deficiência.

Eu não sei se tem a ver com a deficiência ou com a causa.

Portanto não nasceu com deficiência visual.

Não, a deficiência visual que eu tenho foi devido a um temor cerebral aos 10 anos. Os factores psicológicos... Depois não tive logo apoio, e sem apoio é um bocado difícil ultrapassar estas situações, se bem que agora já estou a ter. Não sei, acho que sobretudo o facto de não conseguir lidar com isto tem a ver com factores psicológicos.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 15

Estudo principal

- Sexo: Masculino _____ Feminino x _____
- Idade 24 Ano do curso 5ºano
- Curso Psicologia

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência visual.

Perguntas:

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Tive que ultrapassar barreiras mais ao nível, das pessoas aceitarem que as pessoas com deficiência tem certos direitos, que os outros vem como beneficios e não entendem que só com esses direitos estamos ao nível dos outros. Por exemplo a questão de eu ter mais tempo nos testes, não é bem aceite pelos colegas, aqui na faculdade não tive tanto esses problemas, mas no secundário por exemplo, tinha muitos problemas em relação a isso. Tive mais tempo nos exames nacionais e isso foi um problema. Quando os professores me davam primeiro a mim os textos para tirar fotocópias ampliadas e depois é que distribuíam pelos meus colegas e isso era um problema.

A nível pessoal, não tenho tido assim nenhum problema eu aceito-me como eu sou.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido

Eu sou mais lenta a ler e a escrever, e isso é um problema principalmente nesta altura no último ano, em que a pessoa tem muitas tarefas que têm que gerir e ao mesmo tempo têm trabalhos para fazer, as tarefas do estágio, da tese é muita coisa. E com a deficiência visual fico mais cansada no computador, a cotar testes sou mais lenta, a ler textos, livros, artigos científicos demoro mais tempo fico mais cansada, a estudar para os exames, a fazer os exames demoro mais tempo também.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Eu ainda não sei muito bem, fico à espera para saber o que vai acontecer. Mas penso que o problema que se vai pôr é ao mesmo nível que na minha vida académica e no estágio, vou ser mais lenta a fazer as tarefas de leitura e escrita e vou precisar de mais tempo para conseguir atingir os objectivos que os outros atingem. Talvez no meu emprego não vou conseguir sair à hora, que os outros saem. Se passar o dia a fazer trabalho burocrático, e a passar dados para o computador, cotar testes vou ficar até mais tarde, vou ter que levar trabalho para casa, possivelmente não vou conseguir fazer as coisas tão rápidas.

- Tendo em conta a sua deficiência, que barreiras à sua carreira têm encontrado ou espera vir a encontrar como, **específicas dessa deficiência**, para o desenvolvimento da sua carreira? Dê um exemplo de situações.

Em termos de carreira penso que as barreiras vão ser mesmo é para mim. Em relação à parte profissional de interacção com os outros, de trabalho mesmo, acho que me vou esforçar por nunca prejudicar o meu trabalho, nunca prejudicar a relação com os meus clientes e com os meus chefes. Tem que haver um esforço extra para estar sempre ao nível das outras pessoas e alcançar os objectivos que os outros alcançam.

- Que ajudas/apoios tem beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Eu pretendo entrar para o mercado de trabalho pela via normal, penso que não terei assim grandes ajudas, por isso terá que haver um esforço extra. Ao nível da Faculdade, do secundário do meu percurso todo escolar e académico tenho pedido mais tempo nos exames. Tive apoio dos colegas na faculdade, no secundário não tinha apoio dos colegas. Elas são mais compreensivas, eu demoro mais tempo a entregar um trabalho, e quando temos reunião de trabalho de grupo, eu não consigo ler tantos artigos leio menos um e demoro mais tempo.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 16

Estudo principal

- Sexo: Masculino Feminino _____
- Idade 20 Ano do curso 2º ano
- Curso Eng. Sistemas de Informação

Que tipo de deficiência possui?

Ambliopia – miopia profunda (deficiência visual)

- No seu passado que barreiras **teve** que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Desde a primária que tenho problemas em ver as coisas no quadro. Tinha que me levantar bastantes vezes para ir perto do quadro e ver as letras. Os meus principais problemas foram esses de dificuldade em acompanhar as aulas, de ter que escrever.

Que dificuldades em acompanhar as aulas?

Os professores utilizavam muitas vezes o quadro e eu não conseguia ver o quadro. Às vezes quando estavam a escrever também era complicado mas com a ajuda dos meus colegas, sempre conseguia.

Como é que os colegas ajudavam?

Emprestavam-me os cadernos e eu passava para o meu e, assim, conseguia acompanhar.

Os professores eram sensíveis ao seu problema?

Nem sempre. Às vezes tratavam comigo como com um aluno normal. Às vezes também ajudavam mais a mim que aos outros.

Havia materiais adaptados às suas dificuldades?

Sim, sim. Ampliavam-me as letras nos testes para conseguir fazer melhor, para não ter tantas dificuldades. Foi mais a ampliação das letras. Isso é que me foi ajudando.

As escolas estavam preparadas, os lugares os materiais... que outros problemas deste tipo?

Não. Os professores tentavam sempre dar apoio. A nível de estruturas não houve qualquer problema até hoje.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

É a mesma situação, é o quadro. O processo é sempre o mesmo, também vou pedindo ajuda aos meus colegas para passar os cadernos. Por exemplo, tenho dificuldade de ver os acetatos mesmo que esteja muito perto.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Sinceramente não espero muitas dificuldades. Mais as dificuldades de emprego por causa da crise. No entanto, como é um curso na área da informática espero não ter muitas dificuldades.

- Que ajudas/apoios têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Ao princípio tive apoios ao nível da bolsa que me ajuda a comprar materiais, o software para o portátil que me permite ampliar tudo o que está no computador. Foram dinheiros para materiais dado pelos serviços de acção social.

Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 17

Estudo principal

- Sexo: Masculino Feminino
- Idade 24 Ano do curso 1º ano
- Curso Eng. Mecânica

Que tipo de deficiência possui?

Doença do foro neurológico - Doença de Von Recklingause (motora)

- No seu passado que barreiras teve que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

No passado tive um AVC que me traz muitas dificuldades de compreensão. Outra dificuldade que tenho relativa ao meu problema é o de ter uma perna 2 centímetros maior que a outra.

Que implicações tem este problema na sua vida?

Afecta-me a parte física porque não posso fazer muito Educação Física.

Que implicações têm tido todos estes problemas para sua carreira?

Tem tido. Eu já estava a trabalhar, relacionado com um curso de técnico de frio que fiz na Áustria. Trabalhava em sistemas de aquecimento central. Tive que interromper por não conseguir por o pé no chão durante muito tempo. Se eu voltar a trabalhar nesse tipo de trabalhos o problema vai voltar.

Quer dizer que esta doença interfere no tipo de problemas que lhe são acessíveis?

Influi.

Que tipo de profissões não lhe são acessíveis?

Trabalhar nas obras como estive a trabalhar e todos os trabalhos que não sejam muito sentado.

São, então, profissões que impliquem estar sentado e não exijam grande esforço físico.

É isso.

No passado, que implicações tiveram estes problemas nos seus estudos?

No passado, depois do AVC, estive um ano a fazer só 3 disciplinas.

Com que idade teve o AVC?

Tinha 11 anos.

Como é que o problema tem interferido nos seus estudos?

Nas aulas tenho maiores dificuldades em compreender as matérias. Depois, no estudo, às vezes não consigo resolver certos problemas.

Isso faz que você vá progredindo mais lentamente que os outros?

Sim, de certo modo. Faço menos disciplina. No entanto, estou no primeiro ano e os meus colegas também só fizeram as cadeiras que eu consegui fazer. Para o futuro vamos ver.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Ainda não sei falar sobre isso... não sei ao certo o que irá vir. Se eu fizer um trabalho mais sentado não irei ter grandes dificuldades.

Em termos pessoais, das suas emoções, dos seus pensamentos... quais são os maiores medos e inseguranças que vive?

Tenho medo de piorar. Já estive pior mas já melhorei um bocado.

Fale-me um pouco das suas inseguranças ou problemas na integração.

Aqui, é o primeiro ano. Não tive grandes problemas, acho que me consegui integrar bem. Lá de onde sou... sou do Algarve, o meu pensamento é que há mais dificuldade.

Como?

De já não poder fazer o que as outras pessoas fazem.

Que impacto tem esse pensamento em si?

É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer. Sinto-me inferiorizado.

Acha que esses sentimentos de inferioridade podem interferir na sua carreira de estudante e de trabalhador?

Provavelmente sim...às vezes penso nestas coisas e em vez de fazer o que devia fazer...

Desanima

Desanimo um bocado.

- Que ajudas/apoios têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Em termos de estudo tinha sempre 3 disciplinas para as quais eu podia pedir um professor de apoio. Agora não tenho qualquer apoio. Entreguei agora os papéis e estou à espera.

Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 18

Estudo principal

- Sexo: Masculino Feminino _____
- Idade 28 Ano do curso 4º ano
- Curso Terapia da Fala

Que tipo de deficiência possui?

Paraplégico

- No seu passado que barreiras teve que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Tinha catorze anos quando fiquei paraplégico. Eu sai do hospital estive em Alcoitão e vinha aos fins-de-semana a casa para fazer a adaptação e a primeira barreira foi que os meus pais eram divorciados e eu vivia com a minha mãe num terceiro andar sem elevador. A primeira barreira foi ir para a casa do meu pai que tinha elevador, o meu pai fez lá obras fez uma casa de banho porque tinha algumas possibilidades mas mesmo assim, eu tinha dificuldades em entrar e sair de casa porque tinha dois degraus espaçados mas muito altos e não conseguia subir. Depois fui saindo à rua, com os meus amigos tudo gradualmente e foi tudo bem, porque eu fui bem aceite, por minha parte e pela parte deles fomos adoptando. Depois as barreiras arquitectónicas eu estudava numa escola que tinha 50 anos não tinha condições tiveram que fazer inicialmente rampas de madeira, as salas tinham que ser escolhidas a dedo porque tinha três andares (mobilidade).

Eu tive sempre um grande suporte por detrás os pais, eram pessoas muito conscientes da situação nunca me prenderam em casa, sempre me incentivaram a sair, sempre foram as minhas bengalas, por isso a minha personalidade do lutador, sempre fui uma pessoa proactiva, muito resistente. Então eu digo que tive duas quebras grandes, a primeira quando sobe que ia ficar em cadeira de rodas, não foi uma quebra mas foi, perguntar aos meus pais como iria ser com os meus amigos a minha primeira grande preocupação. A segunda foi, eu estava numa unidade de cuidados intensivos e quando dobrava o braço as máquinas apitavam e tinha uma pessoa logo ao pé de mim, quando passei para uma unidade rectomodular, senti-me um pouco sozinho e desamparado já não era como eu estava habituado, ai tive uma quebra e chorei, chorei, senti falta. Depois a insistência da minha mãe quando eu

vinha a casa um fim-de-semana para eu andar, porque eu andava com talas e aí mexeu um pouco comigo, porque eu podia andar mas não daquela maneira, eu não queria andar daquela maneira e depois nunca recusei a cadeira de rodas, como a principal e aprendi. Quando mal eu saí do hospital o meu pai levou-me a Espanha, para ver que havia países onde estavam as coisas adaptadas, há catorze anos, a Espanha nos sítios onde eu estive estava tudo adaptado para as cadeiras. E aí encontrei um senhor já com muitos anos de cadeira de rodas, que me disse uma coisa que eu sigo religiosamente; nós só vamos deixar de ser coitadinhos e deficientes e as pessoas nos verem de outra maneira, quando tirarmos a nossa cadeira da cabeça e colocarmo-la debaixo do rabo. É para aquilo que ela serve é para andar, enquanto tivermos a cadeira na cabeça iremos ter muitas barreiras, internas. A partir daí eu tinha 8 meses de acidente, e a partir daí, eu vi uma lição de vida. Faço um ano de carro, tenho o meu trabalho a minha namorada, saio à noite, vou ao cinema, porque tenho um grande suporte os meus amigos e da minha namorada. Os amigos levam-me para todo o lado não há barreiras arquitectónicas quando estou com eles, isso é um suporte fundamental para que todas as outras barreiras se fiquem.

- Actualmente que barreiras **têm** que ultrapassar para seguir a sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido

Actualmente, às vezes quando me quero inserir num sítio as pessoas ainda não vêem como deveriam ver a deficiência, com pena e isso é uma grande luta. Porque eu não gosto que me vejam de outra forma, não sou normal porque tenho uma deficiência física, mas não sou assim tão fora do normal, simplesmente ando sentado, e eu luto sempre. O basquete serve para isso também, para aumentar a minha auto-estima e a minha luta é mais pessoal, porque as pessoas ainda não vêem a deficiência como deviam ver. Essa questão incomoda-me um pouco, mas não me transtorna. Como eu quando entrei aqui na escola, a minha turma já estava pré-avisada, os professores também já estavam, que iria chegar uma pessoa com deficiência e houve logo o estereótipo de termos que ajudar, apoiar. Mas depois os meus colegas disseram, mas nós não estávamos à espera de uma pessoa assim tão activa, tínhamos o estereótipo de deficiência completamente diferente e depois as pessoas começam a lidar comigo e esse estereótipo vai mudando e tratam-me de igual forma. E é essa a minha principal barreira, ao início fico um bocado intimidado,

porque ia a passar no corredor e toda agente olha, de forma diferente, eu passo indiferente e tento não ligar, mas às vezes incomoda.

Nesta escola, as coisas estão mais ou menos adoptadas, às vezes existe uma má disposição das cadeiras e das mesas e eu não consigo passar nos corredores entre as mesas. Tenho elevador mas coloca-se se o elevador avaria, se eu estou no primeiro piso não posso descer, se acontece alguma coisa e eu estiver no primeiro piso, não existe saída de emergência.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Por aquilo que sei sou a primeira pessoa portadora de deficiência a tirar o curso de terapia da fala não é muito usual, depois no mundo da terapia da fala nós temos uma população muito alargada, temos pessoas com atrasos de desenvolvimento da linguagem, pessoas portadoras de deficiência física. E isso limita-me no meu trabalho e tenho que ser muito selectivo, como fui para escolher o curso. Eu gostava muito de educação física mas sei que não posso exercer, gostava muito de medicina ou medicina veterinária mas sei que não posso, por causa das minhas limitações e a escolha do meu curso foi assim, eu quero isto, não posso o estado não deixa as universidades não deixam não têm condições e eu fui seleccionando assim e isso foi uma das grandes barreiras que eu tive nas escolas, porque tudo o que eu queria não podia fazer. Mas fui para ciências farmacêuticas, mas não gostei e depois vim para cá.

Mas no exercício como terapeuta da fala quais são as principais barreiras que espera encontrar?

Eu tenho que seleccionar as candidaturas e mandar currículos para os sítios que sei que posso entrar e aí não haja diferença. Eu sei que a Casa Pia abriu um concurso, normalmente as instituições estatais têm vagas destinadas a pessoas portadoras de deficiência. Mas tenho que escolher muito bem, depois cabe na cabeça das pessoas dizer, olha tu não podes exercer, ou nós não estamos à espera de uma pessoa portadora de deficiência, isso já não depende de mim mas dos outros a decisão. Quando eu estou a concorrer para um lado, as pessoas ao início olham um pouco de lado. Estou a trabalhar numa instituição, acolheu-me bastante bem, eu candidatei-me a um lugar mas já tinham uma pessoa colocada mas logo de seguida

ofereceram-me um estágio profissional e eu era portador de deficiência, eu sou portador de deficiência. Ainda hoje chego às escolas, e há preocupação das escolas que não têm condições, eu ando de escola em escola e isso vai-se ultrapassando, as pessoas também vão vendo.

Mas no futuro que outras limitações espera ao seu desenvolvimento de carreira e profissional?

As minhas escolhas nunca podem ser alargadas, tenho sempre um leque reduzido e tento me especializar nisso. A forma como as pessoas me vêem, se calhar as pessoas que vão lá os pais das crianças, se calhar isso é uma barreira à minha progressão, por causa do estereótipo, a ideia que eles têm de uma pessoa portadora de deficiência isso pode ser uma grande barreira à minha progressão na carreira. É ficar um pouco mais limitado, sabemos que as pessoas não têm o conhecimento total, da deficiência é deficiente é coitadinho e é uma grande limitação se as pessoas têm essa ideia em Portugal, é sempre uma barreira à minha progressão. Por exemplo se eu me acomodar à situação que estou e não estudar mais, ou deixar as coisas andar também é uma barreira, porque não posso desenvolver as minhas capacidades ou aperfeiçoá-las. Mas a grande preocupação é mesmo a forma como as pessoas me possam ver.

- Que ajudas/apoios têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Não eu nunca tive nada, suportes sociais do Estado isso nunca tive, nem aqui na instituição, porque nunca senti necessidade disso.

- Obrigado pela sua colaboração!

Entrevista 19

Estudo principal

- Sexo: Masculino Feminino _____
- Idade 23 Ano do curso 4º ano
- Curso Fisioterapia

Que tipo de deficiência possui?

Deficiência auditiva

- No seu passado que barreiras teve que ultrapassar, para chegar onde está na sua carreira (curso/ profissão)? Dê um exemplo que lhe tenha acontecido.

Até ao 12º sempre tive alguns problemas, dentro da sala, porque a posição que estava dentro da sala sempre influenciou muito a forma como eu ouvia e apanhava a matéria e tinha algumas dificuldades. Tive um pouco por iniciativa própria que me ir adaptando às circunstâncias. Depois no 11º a professora teve conhecimento da minha situação e começo a explicar-me alguns apoios que havia ao nível do liceu que havia um apoio especial para pessoas com problemas como o meu. Foram surgindo algumas oportunidades, e acabei por ter algum apoio ao nível dos exames nacionais. Dentro do percurso, sempre tive um pouco... Quando uma pessoa é mais nova, tem mais dificuldade em prestar atenção à matéria e eu tinha algumas dificuldades por causa da audição e porque era muito irrequieto e distraía-me com muita facilidade, e isso chegou a influenciar-me nas notas.

Os professores que eu tive sempre disseram que era mais de eu ser desatento e não tanto relacionado com o meu problema, porque também nunca estiveram interessados em saber se eu tinha algum problema ou não.

Acha que a atitude dos professores de certa forma também constituiu alguma barreira?

Eu penso que alguns professores, não ligam muito ao meu problema, por mais que tente, como o meu problema não é visível podem ser pouco sensíveis a esse aspecto. Quando são problemas não visíveis, porque a audição não é um problema visível, logo não é um problema, como não é um deficit motor, como é um problema de audição não é valorizado. Mas no entanto as dificuldades estão lá e eu sentias.

Quando eu vim para o ensino superior, senti principalmente no curso em que eu estou um curso de saúde, muitas vezes sentia algumas dificuldades quando estava com alguns utentes. Por exemplo, quando os utentes tem dificuldade em falar e alguns falavam baixo por causa da timidez e tinha sempre o dobro do esforço para conseguir, promover uma interacção com estes utentes. Em termos do âmbito da escola cá dentro, não houve nada que eu sentisse um apoio vindo do próprio ensino, já sabiam que eu tinha um problema, mas não houve assim nenhuma iniciativa para valorizar este problema, mas foi sobretudo ir-me adaptando às circunstâncias.

Penso que uma pessoa tem sempre algumas dificuldades em assumir o problema que tem porque, como será, como as pessoas iram reagir, as pessoas são novas e criar-se situações um pouco desagradáveis, e às vezes sinto um pouco que não tenho necessidade que dar isto a conhecer. Com os amigos mais próximos consigo comunicar, no ensino superior não há assim grandes barreiras para este meu problema, à pessoas que conseguem ser compreensivas outras nem tanto isso depois depende com o grupo de pessoas com que estamos.

- No Futuro que barreiras você acredita que **terá** que ultrapassar, para atingir as suas aspirações de carreira? Dê um exemplo de uma possível situação.

Estou a acabar o quarto ano, e cada vez mais estou a pensar na minha vida futura e quero muito brevemente começar a trabalhar, muitas vezes penso nisso como este meu problema pode ser uma barreira em termos profissionais, principalmente na comunicação e também tenho um pouco de receio que seja um factor de discriminação por parte de alguns pares sociais e profissionais. Tenho receio de ser discriminado em processos de recrutamento e selecção por ter deficiência, já fiz o meu currículo e não tive necessidade de referir este aspecto. Não me sinto menos apto que qualquer outro profissional, no entanto tenho algum receio que se seja um factor de discriminação.

As barreiras às vezes que somos nós que as criamos pelos receios que temos, às vezes são um pouco o receio, será que eu não vou ser um bom profissional só porque eu tenho este deficit e não vou conseguir compreender as pessoas, às vezes afecta muito a confiança, porque queremos ser o melhor que conseguimos com os nossos utentes, e às vezes isto é uma barreira.

Por exemplo e não falo só na área de fisioterapia, eu no Verão gostava de trabalhar num bar, ou estar a fazer algo à noite. Mas trabalhar num bar para mim é

impossível, porque vou demorar o dobro do tempo a, atender as pessoas, porque não vou conseguir atender as pessoas com aquele barulho. Já pensei em pequenos trabalhos que podia fazer mas que, não vou conseguir fazer tão eficazmente e depois também tem a discriminação que pode haver por parte dos superiores.

Que tipo de discriminação?

A discriminação estás-me a fazer perder tempo, posso ter uma pessoa mais rápida e mais eficaz. Na fisioterapia tenho um pouco de receio de que as coisas possam não correr bem, principalmente pelo factor de discriminação dos pares profissionais, principalmente nesta fase.

- Que ajudas/apoios têm beneficiado /ou espera vir a beneficiar para ultrapassar as barreiras da sua carreira? Dê exemplos dessas ajudas ou apoios.

Em termos escolares não me recordo de nenhum, eu é que tomava sempre alguma iniciativa para falar com alguns orientadores, dizia-lhes vou só pedir que fale um bocadinho mais alto, porque eu tenho este problema e não consigo ouvir, e depois as coisas ao fim ao cabo iam-se resolvendo, mas é sempre por iniciativa própria. Não por preocupação dos próprios docentes.

- Obrigado pela sua colaboração!

Anexo IV

Categorias e subcategorias para cada dimensão temporal**Tabela 1: Barreiras da Carreira identificadas pelos participantes referentes ao Passado**

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Falta de técnicos especializados	Falta de professor de mobilidade	“Também porque na zona onde eu moro, não havia professores de mobilidade que se pudessem deslocar à minha escola e me pudessem dar aulas” (participante # 1, passado, DV)
Limitações do Material pedagógico	Falta de material específico	“Foi também a falta de material específico, nomeadamente bibliografia (...)” (participante # 2, passado, DV)
	Dificuldade de acesso a materiais	“(...)o acesso à internet na altura também, não era frequente porque a Universidade não dispunha de tecnologia para nós.” (participante # 2, passado, DV) “Muitas das vezes ter acesso a alguma informação de livros e documentos sempre foi mais difícil que as outras pessoas.” (participante, #12, passado, DV)

Dificuldades em Sala de aula	Posição dentro da sala de aula	<p>“Até ao 12º sempre tive alguns problemas, dentro da sala, porque a posição que estava dentro da sala sempre influenciou muito a forma como eu ouvia e apanhava a matéria, tinha algumas dificuldades.” (participantes, #19, passado, DA)</p> <p>“Desde a primária que tenho problemas em ver as coisas no quadro. Tinha que me levantar bastantes vezes para ir perto do quadro e ver as letras.” (participante, #16, passado, DV)</p>
	Dificuldade em acompanhar as aulas	<p>“Os meus principais problemas foram esses de dificuldade em acompanhar as aulas, de ter que escrever” (participante, #16, passado, DV)</p> <p>“Ouvir nas aulas, é complicado, só me baseio nos apontamentos dos professores, não consigo perceber tudo o que eles dizem (...). (participante #6, passado, MD)</p> <p>“Custa muito em debates, discussões não consigo participar” (participante #6, passado, MD)</p>
Mobilidade	Deslocações na Universidade	<p>“ Tem sido muito a nível das distâncias, porque a minha deficiência põe-me mais barreiras é em questão às distâncias, dos edifícios uns dos outros.” (participante #3, passado, DM)</p> <p>“A principal barreira que eu encontrei foi na questão das deslocações, apesar de ter tido algumas aulas de mobilidade, mas tem sido um bocadinho difícil, o aspecto das deslocações para alguns locais.” (participante # 2, passado, DV)</p>

	Dificuldade de acesso a transportes públicos	<p>“Para mim a maior dificuldade foi sempre em relação aos acessos nos locais públicos e nos transportes” (participante, #11, passado, PC)</p> <p>“Para mim a maior dificuldade (...) é nos transportes” (participante, #11, PC)</p>
Barreiras arquitectónicas	Estruturas físicas	<p>“(...) mas mesmo assim, eu tinha dificuldades em entrar e sair de casa porque tinha dois degraus espaçados mas muito altos e não conseguia subir.” (participante, #18, passado, DM)</p> <p>“ Têm os tapetes à entrada, as rampas não consigo mudar de um pavilhão para o outro, não consigo com esta cadeira, (...) não consigo subir, porque a rampa não é acessível, e tenho que estar sempre dependente de alguém.” (participante 5#, passado, DM).</p> <p>“Agora aqui no dia-a-dia é mais fazer o trajecto, (...) há sempre coisas que são impostas, como os carros nos passeios por exemplo, há coisas que não dá para ver bem.” (participante #6, passado, MD)</p> <p>“Depois também a escola inicialmente não tinha elevador, eu tinha aulas no primeiro e segundo piso” (participante #7, passado, DM)</p> <p>“Quando entrei em Coimbra, o pavimento não me dá muitas condições porque escorrega imenso, na própria faculdade o soalho escorrega e no primeiro ano reprovei porque não ia às aulas, ou seja em alturas de chuva eu não punha mesmo os pés na faculdade.” (participante, #9, passado, DM)</p>
Falta de preparação dos agentes educativos	Atitude pouco positiva face à integração	<p>“No início foi um bocado complicado porque eles não estavam, propriamente à espera que fosse para lá um aluno invisual, nem preparados para isso” (Participante 4#, passado, DV)</p>

Processos de inclusão pouco claros

“No acesso da escola, até à faculdade tive algumas dificuldades, porque a faculdade não conseguiu preparar devidamente o meu processo, estava com algumas dificuldades (...). Tanto que eu vim às escuras para a faculdade (...) Porque foi assim muita confusão, as pessoas não sabiam que fazer, como é que haviam de seguir o processo (...)” (participante #7, passado, DM).

Falta de preparação dos professores

“A professora de apoio, também não estava preparada para lidar com este tipo de situações, porque nunca lhe tinha acontecido nada deste tipo” (Participante 4#, passado, DV)

“ Quando vim para cá, foi difícil porque era o primeiro caso no meu curso, nunca tinham tido um aluno invisual no meu curso, os professores não sabiam bem como lidar com a situação, nem sabiam como haviam de fazer.” (Participante 4#, passado, DV)

“ (...) Havia muita discussão se eu tinha direito a mais tempo, por demorar a escrever e ter mais dificuldades na escrita, (...) mas naquela altura nem todos os professores sabiam, conclusão eu às vezes é que tinha que conversar com eles e dizer (...), depois havia aquela coisa, à eu não sei nada disso não tenho conhecimento” (participante, #7, passado, DM)

Incompreensão da incapacidade por colegas e professores

Não-aceitação da incapacidade pelos colegas de trabalho

“Depois também houve uma vez que eu discuti com uma pessoa, e disse os problemas que tinha e eles não acreditaram, disseram que eu não fazia o trabalho porque não queria”. (participante #10, Passado, MD)

	Desvalorização das dificuldades	<p>“No trabalho era não acreditarem nas minhas dificuldades” (participante #10, Passado, MD)</p> <p>“Quando os professores me davam primeiro a mim os textos para tirar fotocópias ampliadas e depois é que distribuíam pelos meus colegas e isso era um problema” (participante, #15, passado DV)</p> <p>“Nem sempre. Às vezes tratavam comigo como com um aluno normal” (participante, #16, passado DV)</p>
	Insensibilidade aos direitos	<p>“Tive que ultrapassar barreiras mais ao nível, das pessoas aceitarem que as pessoas com deficiência tem certos direitos, que os outros vêm como benefícios e não entendem que só com esses direitos estamos ao nível dos outros”. (participante #15, passado, DV)</p>
Dificuldades vocacionais	Restrições vocacionais	<p>“Principalmente comecei com a escolha do curso, foi um bocado difícil, principalmente pelas minhas deficiências.” (participante, #6, passado, MD)</p> <p>“Quando escolhi o curso, esta talvez tenha sido a minha grande barreira porque não a consegui ultrapassar. Eu queria seguir Terapia Ocupacional, (...) e não pude entrar por causa dos pré-requisitos porque eles diziam que as pessoas não podiam ter qualquer tipo de deficiência.” (participante # 1, passado, DV)</p>

Desconhecimento do meio envolvente	Desconhecimento do espaço Universitário	<p>“A principal barreira foi, quando entrei para a Universidade para um lugar que me era totalmente desconhecido” (participante # 2, passado, DV)</p> <p>“No princípio foi em adaptar-me no primeiro ano, por exemplo, ao meio, era complicado também adaptar-me ao espaço novo, fora daquele ambiente dependente onde estava da família” (participante #6, passado, MD)</p>
	Desconhecimento dos colegas	<p>“No princípio foi em adaptar-me no primeiro ano, por exemplo ao meio, integrar-me aqui, não conhecia ninguém” (participante #6, passado, MD)</p>
Falta de apoio	Afastamento da família	<p>“Logo na primária fui para Lisboa e estive que estar longe dos meus pais, tive que ir para uma casa onde eu não conhecia ninguém, só ia a casa aos fins-de-semana, isto com seis anos. Estive lá nove anos, até acabar o 9ºano.” (participante, # 4, passado DV)</p>
	Falta de apoio na adaptação às condições de avaliação	<p>“ (...) tinha alguém que tratava dos assuntos relacionados com as deficiências, com o tempo para os testes, com o aumentar os testes, tinha alguém que tratava disso por mim. Agora sou eu que tenho que tratar disso e tomar mais conta desse assunto, e isso foi um bocado complicado.” (participante, #14, passado DV)</p>
Baixa auto-estima	Vergonha	<p>“Eu tinha muita vergonha de dizer que não ouvia” (participante #10, Passado, MD)</p>

Medo da reacção dos outros “Quando vim para a universidade senti medo porque não sabia como é que as pessoas iam reagir. Se me iam por algum problema ou não”. (participante, #11, passado, PC)

Não-aceitação da própria incapacidade “Penso que uma pessoa tem sempre algumas dificuldades em assumir o problema que tem porque, como será, como as pessoas irão reagir, as pessoas são novas e criam-se situações um pouco desagradáveis, às vezes sinto que não tenho necessidade que dar isto a conhecer.” (participante, #19, passado, DA)

“ Também tive que passar por aceitar a surdez, aceitar ter baixa visão, os obstáculos são muitos, há sempre muita coisa” “ (...) escondi durante muito tempo que via mal” (participante #6, passado, MD)

“Penso que uma pessoa tem sempre algumas dificuldades em assumir o problema que tem (...)” (participante, #19, passado, DA)

Insegurança na relação com o outro

“Sinto-me insegura na relação com os outros, devido não só à minha dificuldade motora mas também à minha dificuldade de comunicação.” (participante, #11 passado, PC)

Discriminação

Discriminação na progressão de carreira

“Foi e vai ser sempre assim, se uma pessoa tem alguma deficiência não aceitam essa pessoa, mesmo na progressão da carreira” (participante #10, Passado, MD)

Discriminação em entrevista de selecção	“Eu fui a concursos para bancos, onde faziam inicialmente abordagem aos testes e ficava sempre nos primeiros cinco depois quando ia à entrevista, dizia o que se passava na minha vida e ficava eliminado, isso doía-me muito” (participante #10, Passado, MD)
Rejeição dos colegas	“Eu na escola era metido de parte, achavam que eu não valia a pena” (participante #10, Passado, MD) “Havia também alguma distância, por parte dos colegas.” (participante #7, passado, DM)
Ser gozado pelos colegas	“No liceu, havia colegas, também é uma idade que toda agente gostava de gozar com toda agente.” (participante #7, passado, DM) “A nível pessoal muitas das vezes era gozada, era alvo de chacota por parte dos outros miúdos” (participante #8, passado, DM)
Estigmatização	“Na escola primária e no preparatório (...) não se dava valor nenhum, eu era o surdo e sabe, isso magoa. (participante #10, Passado, MD)

Preconceito

“ (...) muitas das vezes as pessoas achavam que por eu andar em cadeira de rodas não seria capaz de fazer as mesmas coisas que outras pessoas.” (participante, #8, passado, DM).

“Até aos 9 anos tive que ultrapassar, assim, muito preconceito das pessoas, (...) que olham para mim e acham que eu não sou capaz ou que eu não vou conseguir fazer”. (participante, #8, passado, DM).

“Eu não estava habituada ao mundo cá fora, e também não havia ninguém que me quisesse dar aulas. Até que uma professora da quarta classe, não se importou de me dar aulas (...)” (participante,#13, passado, PC)

Tabela 2- Barreiras Identificadas pelos participantes referentes ao Presente

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Limitações de Material Pedagógico	Materiais não adaptados	<p>“Aqui senti mais, porque para já não temos os materiais todos adaptados como temos lá.” (participante, #1, presente, DV)</p> <p>“É a falta de material essencialmente, livros científicos, porque nós, temos sempre que nos basear em material científico, e seja digitalizado ou em Braille esquece não há nada.” (participante, #1, presente, DV)</p> <p>“Eu estava constantemente a ampliar, ampliar, e gastasse muito dinheiro nisso, são ampliações em tamanho 28 e as fotocópias são todas em letrinhas pequeninas, imagina aquilo tudo ampliado.” (participante, #6, presente, MD)</p> <p>“(…) Parte bibliográfica, dos livros, a consulta de materiais, (…)mas mesmo assim considero que certos livros e certas revistas de Psicologia que nós precisamos de consultar, por vezes temos que ser nós a digitalizar ou a recorrer a alguém, ainda falta haver assim um suporte.” (participante, #2, presente, DV)</p>
	Dificuldade de acesso a informação pedagógica	<p>“O acesso a algum material também não é muito fácil, no que toca à área das matemáticas, como são coisas mais específicas”. (participante, #4, presente, DV)</p> <p>“Uma das coisas pode ser o acesso a determinados tipos de material, por exemplo provas psicológicas, o caso da WISC, que utiliza muito a visão e outras semelhantes. Mas acho que é isso, é o acesso a materiais, às provas psicológicas.” (participante, #1, específicas, DV)</p>

Dificuldade de acesso a tecnologias

“Dificuldades no acesso a algum tipo de informação, a coisas mais específicas do curso da minha área.” (participante, #4, específicas, DV)

“Uma barreira é o acesso à informação porque é tudo muito escrito, muitas das vezes com as novas tecnologias tudo com várias cores, e eu funciono muito com alto contraste e isso é uma das barreiras.” (participante, #12, específicas, DV)

“Mas depois o que acontece também, é que, há certos materiais, o computador, e scanners com voz , onde nós estamos a digitalizar o livro e ele vai logo lendo. Mas são materiais muito caros, e a maioria de nós não tem acesso a eles” (participante, #1, presente, DV)

“Porque os materiais, e tecnologias avançadas, são muito caros” (participante, #6, presente, MD)

Dificuldades económicas

Preço das propinas/
dificuldades económicas

“Actualmente, a principal Barreira, que é uma dificuldade comum é o preço das propinas elevado, acho que surge cada vez mais a necessidade de terminar o curso o mais brevemente possível, para poder pelos menos tentar entrar na vida activa, no mundo do trabalho.” (participante, #2, presente, DV).

“Neste momento, no primeiro, segundo ano foi mais a nível económico, as propinas. Sou de Torres Vedras são as viagens para Évora a vida não é fácil” (participante, #6, presente, MD)

Barreiras arquitectónicas

Barreiras físicas

“Os passeios, é muito complicado, por exemplo na altura da queima tive que ir dar uma volta muito grande, para conseguir porque tem que ser aquele passeio, que tem a parte recortada, haviam passeios que na passadeira que não tinham.” (participante, #7, presente, DM)

“A distância dos edifícios entre os edifícios. Porque existem aulas que são noutras edifícios e eu tive que deixar de ter essa aula, para ter aqui, alterou-me um bocado o meu horário não é aquele que eu pretendia” (participante, #3, presente, DV)

“ Na Faculdade a reprografia, fica a meio de um piso com escadas, eu não tenho acesso, porque não subo escadas” (participante, #7, presente, DM)

“As salas, as mesas não dá para entrar a cadeira, eu faço muitos dos testes no colo, não consigo escrever na mesa” (participante, #7, presente, DM)

“As cantinas eu tenho acesso só a algumas existem outras que eu não tenho acesso e que também é muito complicado ir.” (participante, #7, presente, DM)

“Ao nível do curso é por exemplo eu não conseguir ir a muitos dos sítios que se têm que visitar, ou entrar em determinados locais onde preciso, ir buscar materiais onde simplesmente não há acessos e os funcionários não facilitam esses acessos. “ (participante, #8, presente, DM)

“Actualmente, as barreiras que tenho que ultrapassar são as escadas do anfiteatro, a maior parte das minhas barreiras são mais motoras.” (participante, #9, presente, DM)

“Os sítios não estarem adaptados a cadeiras de rodas como, por exemplo, no Espírito Santo.” (participante, #11, presente DM)

“Mas coloca-se, se o elevador avaria, se eu estou no primeiro piso não posso descer, se acontece alguma coisa e eu estiver no primeiro piso, não existe saída de emergência.” (participante, # 18, presente DM)

“Dificuldades arquitectónicas as escadas, que podiam ter elevadores, é esse tipo de barreiras.” (participante, #3, específicas, DM)

		"São as barreiras arquitectónicas é sempre muito difícil" (participante, #5, específicas, DM)
	Barreiras arquitectónicas em local de trabalho	"Nem todos os sítios estão preparados para uma cadeira de rodas, as rampas não são preparadas para uma cadeira de rodas, talvez seja por ai que me vou sentir mais limitada, e não com tanta autonomia como antes." (participante, #9, específicas, DM) "Possivelmente são instituições onde eu não posso entrar, por ter poucas acessibilidades para mim" (participante, #8, específicas, DM)
Mobilidade		
	Deslocações entre pólos da Universidade	"Uma das Barreiras que eu acho que tem vindo a ser uma constante da Universidade é os pólos da Universidade serem de certa forma dispersos, muito embora o Colégio Luís Vernei, o Espírito Santo e a Casa Cordovil, sejam relativamente perto e dentro da cidade, e na zona histórica. Temos a Unesul que foge um bocadinho a essa regra é sempre um bocado mais complicado." (participante, #2, específicas, DV) "Como específico, é mesmo as distâncias entre locais, é a única barreira que eu tenho sentido ao longo dos tempos. (...) agora na Universidade, existem vários pólos e ir para um, ir para outro tornasse um pouco complicado, a Universidade não me tem facilitado muito nisso" (participante, #3, específicas, DM)
	Dificuldade de transporte	"A barreira no curso, que mais está presente é o transporte eu não posso conduzir, ou se conduzir tem que ser de dia e ter muito cuidado, o que eu tento fazer o menos possível." (participante, #10, presente, MD)

Falta de apoio	<p>“Na Cidade também é muito complicado, vou começar por falar dos transportes, eu queria ter a opção de ir de auto-carro e não posso (...) é uma das dificuldades o transporte, os auto-carros não terem acesso, nem formas de transportar.” (participante, #7, presente, DM)</p> <p>“Uma outra dificuldade que tenho é em relação aos transportes públicos. Também não existem acessos. Não consigo vir da cidade para a Unesul e vice-versa.” (participante, #11, presente, DM)</p>
Falta de estruturas de apoio na escola	<p>“Em termos do âmbito da escola cá dentro, não houve nada que eu sentisse um apoio vindo do próprio ensino, já sabiam que eu tinha um problema, mas não houve assim nenhuma iniciativa para valorizar este problema” (participante, #19, presente, DA)</p>
Perda de apoios estatais	<p>“Há um núcleo de apoio ao estudante, só que sempre senti, que eles estão mas especializados para as pessoas que vêm mal, para os cegos só”. (participante, #6, Presente, MD)</p> <p>“A nível de apoio estatal, cada vez estão a tirar mais, eu por exemplo dependo de uma pessoa, porque não me consigo deitar sozinha, nem levantar, e tinha o complemento de uma terceira pessoa, e porque optei trabalhar (...), tiraram-me o complemento da terceira pessoa, porque acham que estando a trabalhar não tenho necessidade disso (...)” (participantes, #5, Presente, DM)</p> <p>“É uma das dúvidas que eu tenho, é que se começar a trabalhar a reforma de invalidez vai ser cortada definitivamente, mesmo que depois deixe de trabalhar e volte a requerer penso que já não dão, não se pode voltar a ter. O que me coloca algumas dúvidas se vale a pena trabalhar.” (participante, #7, presente, DM)</p>

“(…) não recebemos sequer tanto apoio dos ministérios” (participante, #1, presente, DV)

Incompreensão da
incapacidade pelos
professores

Falta de
sensibilidade na
comunicação

“Tenho que ser sempre eu todos os dias a chamar a tenção a dizer o que preciso, porque se não esquecem-se. Acabam por, a meio da aula, se esquecerem e andam de um lado para o outro, apesar de eu precisar que estejam lá à frente, e que falem de vagar, mas isso nem sempre dá, porque depois depende da distância da claridade, e eu não consigo perceber quase nada, sou um vegetal nas aulas. Mas a isso habituei-me logo no primeiro ano.” (participante, #6, presente, MD)

“Nós temos aulas onde os professores não ligam muito e mesmo a pessoa falando, (...), se for a uma aula onde vão poucos alunos as pessoas vão todas, lá para a frente e já houve aulas em que não ouvi nada lá atrás e nem o professor quer usar o microfone, e eu também não ouço, já perdi mais de metade da matéria por causa disso.” (participante, #7, presente, DM)

Insensibilidade

“Eu penso que alguns professores, não ligam muito ao meu problema, por mais que tente, como o meu problema não é visível podem ser pouco sensíveis a esse aspecto.” (participante, #19, presente DA)

“Sinto que há professores que acham que eu não consigo fazer isto e assim não vale a pena estar ajudar.” (participantes, #6, presente, MD)

“Há alguns professores que nem sequer se importam, posso estar a chegar ao pé deles todos os dias, dizer que preciso disto e daquilo e que tenho estas dificuldades, mas não se importam com isso, é como se eu não tivesse pedido nada nem dito nada, é igual como os outros.” (participante, #6, presente, MD)

	Descrença nas capacidades	“Se fossemos mais, se não fosse a única, talvez prestassem mais atenção, eu acho que somos poucos porque ninguém está à espera que nós venha-mos para a Universidade” (participante, #6, presente, MD)
	Falta de interesse dos professores	“Quando são problemas não visíveis, porque a audição não é um problema visível, logo não é um problema, como não é um deficit motor, como é um problema de audição não é valorizado Mas no entanto as dificuldades estão lá e eu sentias.” (participante, #19, presente, DA) “ (...) não são tidas em conta as nossas necessidades especiais” (participante, #1, presente, DV) “Os professores podem saber isso, e depois esta semana podem ficar sensibilizados com o problema, e ajudar mais, mas para a semana já ninguém se lembra de nada, eu acho que as pessoas ainda não estão sensibilizadas para isto” (participante, #6, presente, MD) “Só que eu tenho mais dificuldades, preciso do dobro do tempo para ler, preciso de ampliações, e há muitos professores que não se interessam por isso, não querem mesmo saber” (participante, #6, presente, MD)
Descriminação	Rejeição dos professores	“Depois sinto que alguns professores ainda ficam um pouco relutantes em ter um aluno na sala de aula com deficiência, alguns. (...), ainda ficam um bocado reticentes. (...) acho que é a mentalidade de alguns professores (participante, #1, presente, DV)

Dificuldades em sala de aula	Dificuldade em visualizar o quadro da sala	“É a mesma situação, é o quadro. (...) Por exemplo, tenho dificuldade de ver os acetatos mesmo que esteja muito perto.” (participante, #16, presente, DV)
	Dificuldade em comunicar com os professores	“Outra barreira é a comunicação com os professores que não me conseguem perceber bem e quando não me entendem tenho que escrever para me entenderem. Também peço aos colegas para me ajudarem a comunicar aos professores aquilo que quero dizer.” (participante, #11, presente, DM)
Dificuldades no exercício do trabalho	Dificuldade no desempenho das funções	“Quando eu vim para o ensino superior, senti principalmente no curso em que eu estou um curso de saúde, muitas vezes sentia algumas dificuldades quando estava com alguns utentes. Por exemplo, quando os utentes têm dificuldade em falar e alguns falavam baixo por causa da timidez tinha sempre o dobro do esforço para conseguir, promover uma interação com estes utentes” (participante, #19, presente, DA)
	Falta de adaptação de avaliação em local de trabalho	“Vamos imaginar que uma empresa de recursos humanos que até quer contratar psicólogos, eu se calhar estou logo um bocado excluída porque, eles precisam de organizar dossiês com as candidaturas todas, e aí eu ficava logo um bocado excluída porque eu trabalho muito é com o computador.” (participante, #1, específicas, DV)
		“Depende de onde nós estamos inseridos, no meu local é uma avaliação que é igual para todos, se eu tivesse mais tempo, mas logo no momento que acaba a hora o funcionário que lá está tira os testes. Mas eu não posso evocar esse tempo.” (participante, #10, específicas, DM)

Baixa auto-estima	Sentir-se inferiorizado	<p>“No trabalho é fazer um esforço a duplicar, triplicar para estar ao nível porque eu tenho que fazer exames todos os anos, com as novas leis de avaliação temos que fazer exames, e eu tenho que tentar estar ao nível dos outros tenho que fazer um grande esforço, os testes são todos iguais.” (participante, #10, presente, MD).</p> <p>“É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer. Sinto-me inferiorizado.” (participante, #17, presente, DM).</p>
	Insegurança na relação com outros	<p>“Às vezes tenho medo que as pessoas, devido ao meu problema, não me entendam. Eu tenho muita dificuldade em falar de mim aos outros, porque não me sinto segura em relação a mim e isso tem dificultado a minha aproximação a eles.” (participante, #11, presente DM).</p> <p>“Tem a ver mais com o contacto com as pessoas, sobretudo acho que nós próprios temos que lidar bem com a nossa deficiência.” (participante, #14, específicas, DV).</p>
Dependência	Dependência física	<p>“É a dependência sempre de querer ir ali, querer ir além, não conseguir sair de casa, ter que estar sempre a espera de alguém que me leve aqui ou ali, é muito, muito complicado” (participante, #5, específicas, DM).</p> <p>“Como nomeadamente as deslocações a locais, no caso concreto da Unesul, que é um pólo da Universidade que fica, relativamente longe do sítio onde eu vivo, e dependendo do motorista dos serviços da acção social para me deslocar até lá” (participante, #2, específicas, DV).</p> <p>“Actualmente é ir à casa de banho e a comida. É muito complicado no meu dia-a-dia.” (participante, #13, específicas, PC).</p>

Tabela 3: Barreiras identificadas pelos participantes relativamente ao futuro

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Dificuldades na entrada no mundo do trabalho	Dificuldades em ter emprego	“No futuro, eu penso que vou ter dificuldades em arranjar trabalho, é assim eu sei que isto está mau para todos mas acho que está pior ainda para as pessoas com deficiência.” (participante, #1, futuro, DV)
		“A principal é, ingressar no mercado de trabalho, porque dada a conjuntura que se vive hoje em dia, vai ser assim uma barreira com a qual vou ter que lidar.” (participante, #2, futuro, DV)
		“No futuro, depois de acabar o curso, de certeza que vai ser complicado a entrada no mercado de trabalho, é complicado para qualquer pessoa quanto mais para uma pessoa com uma deficiência” (participante, #4, futuro, DV)
		“Possivelmente terei mais dificuldade em arranjar emprego” (participante, #8, futuro, DM)
		“Também espero muitas dificuldades em arranjar trabalho.” (participante, #11, futuro, DM)
		“Mais as dificuldades de emprego por causa da crise.” (participante, #16, futuro, DV)
Limitações no material de trabalho	Dificuldade de material em local de trabalho	“Numa determinada empresa, as coisas não estão todas digitalizadas, e eu tenho que ter acesso a determinados materiais, acho que isso também pode ser uma barreira.” (participante, #1, específicas, DV)

	Dificuldades de comunicação no trabalho	“Se eu for trabalhar, como vou conseguir fazer o meu trabalho se tenho dificuldades em comunicar (refere-se a ser psicóloga)” (participante, #11, futuro, DM)
Discriminação no acesso ao trabalho	Discriminação em processos de selecção	“Porque quando nós vamos a uma entrevista, a noção que eu tenho e que estou à espera que aconteça é que muitas entidades me ponham logo de lado.” (participante, #2, futuro, DV) “ (...) Os únicos obstáculos que me podem impedir de ter, de me aceitarem num trabalho, há sempre um sítio alguma pessoa que pode não aceitar devido às deficiências.” (participante #6, futuro, MD) “Tenho receio de ser discriminado em processos de recrutamento e selecção por ter deficiência, já fiz o meu currículo e não tive necessidade de referir este aspecto. Não me sinto menos apto que qualquer outro profissional, no entanto tenho algum receio que se seja um factor de discriminação” (participante, #19, futuro, DA)
	Falta de abertura das empresas	“As pessoas ainda não estão abertas a receber pessoas com deficiência nas empresas, e a achar que elas podem ter as mesmas capacidades que as outras.” (participante, #1, futuro, DV) “Normalmente as empresas têm algumas barreiras a esse tipo de situações, por isso de certeza que vai ser complicado.” (participante, #4, futuro, DV)
	Não-aceitação do mercado de trabalho	“Uma das coisas é a aceitação das pessoas, das empresas para poder funcionar. Porque não é fácil qualquer instituição aceitar uma pessoa com deficiência ainda infelizmente, é uma coisa que eu acho que a nossa sociedade não está sensível para.” (participante, #12, Futuro, DV)

Dificuldade em ser aceite num local de trabalho

“E acho que essa vai ser uma grande barreira a aceitação no mercado de trabalho, em relação ao meu problema de visão à minha dificuldade.” (participante, #12, futuro, DV)

“(…) ser aceite num determinado local para trabalhar, porque lá está muitos locais não estão preparados para receber pessoas com qualquer tipo de deficiência motora e não só, e acho que isso vai ser a principal barreira.” (participante, #8, futuro, DM)

“Mas tenho que escolher muito bem, e depois cabe na cabeça das pessoas dizer, olha tu não podes exercer, ou nós não estamos à espera de uma pessoa portadora de deficiência, isso já não depende de mim mas dos outros a decisão.” (participante, #18, futuro, DM)

“Quando eu estou a concorrer para um lado, as pessoa ao início olham um pouco de lado” (participante, #18, futuro, DM)

Descriminação por parte de superiores em local de trabalho

“Já pensei em pequenos trabalhos que podia fazer mas que, não vou conseguir fazer tão eficazmente e depois também tem a discriminação que pode haver por parte dos superiores. A discriminação estás-me a fazer perder tempo, posso ter uma pessoa mais rápida e mais eficaz” (participante, #19, futuro, DA)

Dificuldade de integração em local de trabalho

“E conseguir ser integrada num local e ser vista como um trabalhador exactamente como os outros.” (participante, #8, futuro, DM)

		<p>“A nível pessoal, será readaptar-me, fazer novos conhecimentos, lidar com situações porventura até então estranhas, ter outro tipo de relacionamentos de contactos. Assim como na Universidade foi fácil criar esses relacionamentos, não quer dizer que no futuro assim o seja também.” (participante, #2, futuro, DV)</p>
	Descriminação na progressão de carreira	<p>“As barreiras que poderei vir a ter é que um dia qualquer para subir na carreira, poderei ter que ir a uma entrevista e se isso acontecer com certeza que eu não vou subir.” (participante, #10, futuro, MD)</p> <p>“A ideia que eles têm de uma pessoa portadora de deficiência isso pode ser uma grande barreira à minha progressão na carreira (...) a grande preocupação é mesmo a forma como as pessoas me possam ver” (participante, #18, futuro, DM)</p>
Limitação nas escolhas profissionais	Escolhas profissionais limitadas	<p>“As minhas escolhas nunca podem ser alargadas, tenho sempre um leque reduzido e tento me especializar nisso” (participante, #18, futuro, DM)</p>
Barreiras arquitectónicas	Físicas	<p>“Para além das arquitectónicas não vejo outro tipo de barreiras, subir escadas canso-me muito rapidamente.” (participante, #3, futuro, DM)</p> <p>“Agora a nível arquitectónico à muita coisa a fazer, porque os edifícios e ai fora (...) A legislação, não sei como fazem as coisas, fazem rampas que ninguém consegue (...)” (participante, #5, futuro, DM)</p>

		<p>“Lá está o meu maior medo a nível do futuro é o edifício onde eu irei, onde eu gostaria de estar, ter ou não acesso.” (participante, #7, futuro, DM)</p> <p>“O estágio, e o trabalho. Por exemplo na minha área penso que só há um local mais ou menos acessível, que é o instituto de medicina legal e de resto nenhum dos outros é acessível e mesmo no instituto de medicina legal não há a certeza se não há escadas, (...) ou seja nessa possibilidade eu não terei um local de estágio (participante, #7, futuro, DM)</p>
Incompreensão da incapacidade pelos professores	Falta de sensibilidade dos professores	<p>“A nível escolar já é outra situação, depende da sensibilidade dos professores, se eu chegar ao pé de um professor e disser desculpe mas eu hoje não posso vir à sua aula, mas gostava que me dissesse os instrumentos necessários para estudar, quais as páginas ou capítulos. Mas eles podem pensar, então mas este vem aqui, e diz É pá quem não vêm às aulas!” (participante, #10, futuro, MD) (referindo-se a não poder ir todos os dias às aulas)</p>
Baixa auto-estima	Dificuldade na relação com o outro	<p>“Também dificuldades nas relações com as outras pessoas” (participante, #11, futuro, DM)</p> <p>“Devido a ter a surdez, a relação com a pessoa a comunicação fica, não é totalmente normal, por assim dizer. É sempre complicado, ter uma comunicação directa, sem ter que estar a repetir as coisas todas, no futuro não sei como fazer, espero conseguir” (participante, #6, futuro, MD)</p>
	Falta de confiança (segurança)	<p>“É ver as outras pessoas a fazer e eu não poder fazer. Sinto-me inferiorizado. Provavelmente sim...às vezes não penso nestas coisas e em vez de fazer o que devia fazer... Desanimo um bocado” (participante, #17, futuro, DM)</p>

		<p>“As barreiras às vezes que somos nós que as criamos pelos receios que temos, às vezes são um pouco o receio será que eu não vou ser um bom profissional só porque eu tenho este deficit e não vou conseguir compreender as pessoas, às vezes afecta muito a confiança.” (participante, #19, futuro, DA)</p>
Dependência	Dependência física	<p>“Penso como é que vou conseguir viver sozinha. Nunca vou poder viver sozinha porque irei sempre precisar de ajuda de alguém.” (participante, #11, futuro, DM)</p>
	Agravamento da incapacidade	<p>“Provavelmente a barreira na qual eu vou ter mais dificuldade vai ser mesmo, a decadência a nível físico.” (participante, #9, futuro, DM)</p> <p>“Tenho medo de piorar. Já estive pior mas já melhorei um bocado.” (participante, #17, futuro, DM)</p> <p>“É a decadência física, no princípio eu andava mais de muletas, mas terei depois que andar mais de cadeira de rodas, e isso vai-me prejudicar” (participante, #9, específicas, DM)</p>

Tabela 4: Apoios identificados pelos participantes

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Apoios pedagógicos	Apoio nas aulas	<p>“Assim eu tinha aulas na escola, mas por uma professora do ensino especial” (participante, 1#, apoios, DV)</p> <p>“Na escola tínhamos uma sala de apoio educativo, e tive sempre muitos apoios, para cada disciplina depois tinha um apoio individual” (participante, #6, apoios, MD)</p> <p>“(…)começo a explicar-me alguns apoios que havia ao nível do, liceu que havia um apoio especial para pessoas com problemas como o meu.” (participante, #</p>
	Apoio das estruturas escolares	<p>“Eu nunca senti relativamente à escola, e nas disciplinas que tive que fazer, nunca senti grande dificuldade porque recebi muito apoio da escola.” (participante, 1#, apoios, DV)</p> <p>“Mas a escola até foi muito boa, porque trataram logo de pedir a professora e pedir alguns materiais (...)”(participante, #4, apoios, DV)</p>
	Apoio dos professores	<p>“Mas também existem uns que me vêm, e me perguntam o que eu preciso, o que têm que fazer para eu perceber as aulas” (participante, #1, apoios, DV)</p>

		<p>“ (...) Especialmente contado com o apoio (...) professores que é também estritamente importante.” (participante, #2, apoios, DV)</p> <p>“Os meus professores (...)” (participante, #11, apoios DM)</p> <p>“ (...) Nesta faculdade os professores tem sido muito sensíveis ao meu problema e tem-me ajudado em muitas situações (...)” (participante, #12, apoios DV)</p> <p>“Os professores tentavam sempre dar apoio.” (participante, #16, apoios, DV)</p> <p>“Depois cá na Universidade, agora já tenho o professor de mobilidade (...)” (participante, #1, apoios DV)</p>
Adequação das formas de avaliação	Adaptação e exames nacionais	<p>“Tive os exames nacionais, todos adaptados, todos em Braille” (participante, 1#, apoios, DV)</p> <p>“Tive mais tempo nos exames nacionais (...)” (participante, #15, apoios, DV)</p> <p>“Acabei por ter algum apoio ao nível dos exames nacionais.” (participante, #19, apoios, DA)</p> <p>“Ao nível da Faculdade, do secundário do meu percurso todo escolar e académico tenho pedido mais tempo nos exames.” (participante, #15, apoios, DV)</p>
	Adaptação de testes escolares	<p>“Ampliavam-me as letras nos testes para em conseguir fazer melhor, para não ter tantas dificuldades. Foi mais a ampliação das letras. Isso é que me foi ajudar.” (participante, #16, apoios, DV)</p>

Apoios dados pela Universidade	Núcleos de apoio ao estudante das Universidades	<p>“(…)vou tendo os materiais escritos, ou digitalizados e levo-os ao núcleo.” (participante, #1, apoios, DV)</p> <p>“Apoio do núcleo de apoio ao estudante, que trata das questões relacionadas com as digitalizações, transcrições, também a escrita a negro e de negro para Braille.” (participante, #2, apoios DV)</p> <p>“Só mesmo o Núcleo de apoio ao estudante é que tem, feito algum esforço para as aulas se realizarem aqui todas no Espírito Santo e nisso tem sido impecáveis” (participante, #3, apoios DM)</p> <p>“Aqui tive do núcleo de apoio ao estudante, que tem dado uma boa ajuda na digitalização de materiais.” (participante, #4, apoios DV)</p> <p>“Numa coisa que o núcleo de apoio ao estudante me pode ajudar (...) E disseram que me podiam arranjar a lupa, um modelo que eu vi e que me dava muito jeito (...)” (participante, #6, apoios, MD)</p>
	Motorista dos serviços de acção social	<p>“(…) E dependo do motorista dos serviços da acção social para me deslocar até lá”. (participante, #2, apoios DV)</p>
	Bolsa de estudos	<p>“(…) Nesse campo já beneficieei de bolsa de estudo, dos Serviços de Acção Social da Universidade de Évora.” (participante, #2, apoios DV)</p>

Apoio de pessoas significativas		<p>“A nível de bolsa, é uma das ajudas que me faz estar na faculdade (...)” (participante, #7, apoios DM)</p> <p>“Ao princípio tive apoios ao nível da bolsa que me ajuda a comprar materiais” (participante, #16, apoios DV)</p>
	Apoio dos amigos	<p>“Mas mesmo em termos de amigos, e essas coisas não tenho tido queixa, tenho tido sempre pessoas que me vão apoiando e ajudando, no que vou precisando.” (participante, #1, apoios, DV)</p> <p>“ (...) Especialmente contado com o apoio dos meus amigos, colegas (...)” (participante, #2, apoios, DV)</p> <p>“Depois os amigos, os amigos tem sido um ponto vital aqui na Universidade se não, não teria feito algumas cadeiras, sem a ajuda deles “ (participante, #3, apoios, DM)</p> <p>“Os colegas também ajudam (.)” (participante, #6, apoios, MD)</p> <p>“ (...) E havia situações em que os meus colegas pegavam na cadeira, mesmo em peso e levavam-me.” (participante, #7, apoios, DM)</p> <p>“Os colegas ajudam-me quando preciso, estão disponíveis sempre que eu peça.” (participante, #8, apoios, DM)</p> <p>“Com a ajuda das minhas colegas da residência, que fizeram uma rifas e compraram-me a cadeira de rodas.” (participante, #9, apoios, DM)</p> <p>“Raramente utilizo a viatura, vou com colegas meus, venho para cá com eles, (...), se for a algum lado peço a um amigo e vai um amigo lá levar-me” (participante,</p>

	#10, apoios, MD)
	“(...) quando eu estou no departamento os meus colegas ajudam-me.” (participante, #13, apoios, PC)
	“Quando preciso de ajuda ou assim peço aos colegas” (participante, #14, apoios, DV)
	“Tive apoio dos colegas na faculdade (...)” (participante, #15, apoios DV)
	“(...) mas com a ajuda dos meus colegas, sempre conseguia.” (participante, #16, apoios, DV)
	“São os meus amigos que também me ajudam muito” (participante, #11, apoios, DM)
	“Porque tenho um grande suporte os meus amigos, a minha namorada. (...) Os amigos levam-me para todo o lado não há barreiras arquitectónicas quando estou com eles” (participante, #18, apoios, DM)
Apoio familiar	E o apoio familiar, com um bom, apoio familiar se não também não seria possível.” (participante, #5, apoios, DM)
	“Raramente utilizo a viatura (...) de resto é a minha esposa que conduz (...)” (participante, #10, apoios, MD)
	“O meu pai é que se disponibiliza para me ir buscar e levar assim como o transporte do Redondo para Évora e vice-versa O meu pai ajuda-me muito (...)” (participante, #11, apoios DM)
	“Muitas vezes recorria à minha mãe e às minhas irmãs para me ler (...)”



		(participante, #12, apoios DV)
		“A minha mãe tinha que ir lá à escola para me levar à casa de banho e me dar o lanche porque a continua dizia que o Governo não lhe pagava mais para me ajudar.” (participante, #13, apoios, PC)
		“Eu tive sempre um grande suporte por detrás os pais (...)” (participante, #18, apoios, DM)
	Colegas de trabalho	“Ao nível do trabalho tenho tido muita sorte porque tenho tido colegas espectaculares, e que nas coisas que eu não consigo fazer, não consigo mesmo.” (participante, #5, apoios, DM)
Apoio das tecnologias	Internet	“(…) Na internet encontramos muito material, e há muitos livros digitalizados” (participante, #2, apoios, DV)
	Software	“(…) O software para o portátil que me permite ampliar tudo o que está no computador.” (participante, # 16, apoios, DV)
Apoio de entidades sociais	Segurança social	“(…) Também já tive ajudas da segurança social.” (participante, #4, apoios, DM)
		(…) Ter uma reforma de invalidez da segurança social, também nos fornecem cadeiras, camas, colchões.” (participante, #7, apoios, DM)

	<p>“Da segurança social recebo um pequeno abono, para me ajudar nos estudos enquanto estiver a estudar (...)” (participante, #8, apoios, DM)</p>
Fundo social Europeu	<p>“ (...) Através de um apoio do Fundo Social Europeu, que foi uma empresa de inserção, que englobou seis trabalhadores e eu fui para a área administrativa.” (participante, #5, apoios, DM)</p>
Centro de reabilitação e Inserção social	<p>“Estive num centro de Reabilitação e Integração Social (...)Onde aprendia a orientar-me e a mobilizar-me com a bengala, e aprendi a ver o dinheiro pelo tacto, a ter mais sensibilidade, apurar outras coisas, uma vez que a visão e audição estão um bocado atrofiadas.” (participante, #6, apoios MD)</p>
Hospital de Santa Maria	<p>“No hospital de Santa Maria, onde eu andei desde os 13 anos, arranjaram-me umas técnicas (...)” (participante, #6, apoios MD)</p>
Câmara municipal	<p>“Até que eu consegui alguma comparticipação da câmara e ia de táxi” (participante, #7, apoios, DM)</p>
Centro de paralisia cerebral	<p>“Tenho sido ajudada pelo centro de paralisia cerebral, que me acompanha desde bebé.” (participante, #8, apoios DM)</p> <p>“A Associação de Paralisia Cerebral de Évora. Primeiro andava em Beja e depois passei aqui para Évora. Eles também me ajudaram muito. Foram muito importantes para mim, ajudaram-me a desenvolver as minhas capacidades.” (participante, #11,</p>

apoios, DM)

Apoio Psicológico

Apoio do Psicólogo

“(…) Também um bocado a ajuda psicológica.” (participante, #14, apoios, DV)
